

Graça Luísa Morais Amaral

Turismo Literário

A paisagem literária no Algarve: Proposta de dois itinerários literários



2019

Graça Luísa Morais Amaral

Turismo Literário

A paisagem literária no Algarve: Proposta de dois itinerários literários

Dissertação de Mestrado para obtenção de grau de Mestre em Turismo

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Rita Baleiro



2019

A paisagem literária no Algarve: Proposta de dois itinerários literários

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

“Copyright” Graça Luísa Morais Amaral

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. O viajante volta já.

José Saramago, *Viagem a Portugal* (1984: 279)

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento dos agradecimentos e de transpor para o papel os sentimentos que me assolaram durante estes últimos dois anos. Houve alegria, emoção, euforia, ansiedade, desespero, nervosismo e muita gratidão. Todos os projetos requerem dedicação, mas mais que isso requerem entrega e partilha. Tenho tanto a agradecer, por ter aprendido mais, por ser mais pessoa, por ser mais grata, por ser mais dedicada e por ter sido mais inteira neste percurso.

Obrigada ao meu mundo, Inês e Daniel, por serem os meus pilares, Carolina, pela doçura, Mãe e Pai, por toda a vida, Carla, porque estás sempre lá, Nelson, pela ajuda informática e ao Rufa, por ser antídoto nos momentos de stress. A dimensão humana deste projeto superou as minhas expectativas e cada um, à sua maneira, contribuiu para isso. Sem vocês teria sido possível, mas muito penoso.

À orientadora Professora Doutora Rita Baleiro, obrigada por ter lançado a semente e me ter contagiado com a sua energia, simpatia e conhecimento. Renasci para a sensibilidade literária e só por isso valeu a pena. O meu sincero obrigada por habitar os meus afetos e ter sido cuidadora antes de ser orientadora. Houve sempre uma palavra de coragem. Todas as etapas, e todo o trabalho em conjunto, foram um agradável passeio literário. As reflexões, sugestões e todas as críticas fizeram-me evoluir e é isso que se pretende num projeto destes. A sua compreensão e sabedoria tornaram-se inspiradoras.

À Biblioteca Municipal Vicente Campinas, na pessoa da Dr.^a Assunção Constantino, ao Arquivo Histórico Municipal de Vila Real de Santo António, na pessoa do Dr. João Pereira, à Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, na pessoa da Dr.^a Sílvia Tenório, ao Arquivo Municipal de Tavira, na pessoa da Dr.^a Isabel Salvado e ao Museu Municipal de Tavira, na pessoa do Dr. Jorge Queiroz, a todos muito obrigada pela total disponibilidade.

Aos meus colegas de mestrado, por todos os momentos e sorrisos partilhados.

Bem Hajam.

A paisagem literária no Algarve: Proposta de dois itinerários literários

RESUMO

Ancorados na interseção entre turismo, cultura e literatura, criamos dois itinerários literários: um na cidade de Vila Real de Santo António e outro na cidade de Tavira, com os quais se pretende contribuir para a promoção do turismo literário, entendendo-o como um fator de desenvolvimento económico, social, educacional e cultural destes dois destinos turísticos.

O turismo literário oferece não só momentos de lazer, mas também dá a oportunidade de descobrir lugares referenciados literariamente, lugares que foram inspiração de escritores e lugares que marcaram as suas vidas. Adicionalmente, aos turistas que não são leitores, oferece a oportunidade de conhecer os textos e pode, eventualmente, estimular atos de leitura. A sinergia que se forma entre turistas e lugares de turismo literário traz benefícios claros, nomeadamente no combate à sazonalidade e na capacidade de atrair novos mercados, mas sobretudo na possibilidade de evidenciar as características naturais e patrimoniais de cada localidade. É neste sentido que pretendemos que este projeto seja diferenciador, pelo facto de se tornar parte integrante da oferta turística das cidades onde será implementado.

A metodologia de construção do projeto assenta na revisão da literatura dos conceitos estruturais dos estudos em turismo e literatura (ex. turismo literário e lugar literário), na análise de dados estatísticos da atividade turística nas duas cidades, assim como na observação não participante de passeios literários (em Lisboa e em Tavira). Quanto à metodologia específica da construção dos itinerários literários, realizaram-se as seguintes etapas: (i) observação *in loco* do espaço das cidades; (ii) pesquisa bibliográfica sobre os autores associados às cidades; (iii) entrevistas não-estruturadas a gestores culturais, historiadores e bibliotecários; (iv) mapeamento dos lugares literários; (v) leituras nos pontos de paragem para verificação da pertinência dos textos; (vi) redação da narrativa; (vii) testes dos itinerários e (viii) redação final da narrativa.

Palavras-chave: turismo, literatura, turismo cultural, turismo literário, Algarve

Graça Luísa Morais Amaral

ABSTRACT

In this project, we create two literary walks (one in Vila Real de Santo António and another one in Tavira), that we have produced in the context of the studies in tourism and literature. These have been created to promote literary tourism as an economic, social, educational, and cultural development strategy.

Literary tourism offers not only leisurely moments but opportunities to discover key literary places, places that inspired writers and places that are somehow linked to their lives. Additionally, literary tourism offers visitors a chance to be acquainted with literary texts and it even may encourage them to read new texts and authors. The synergy between tourists and places brings clear benefits. To diminish the effects of seasonality, to attract new markets and the possibility to showcase the cultural and literary heritage of destinations are just three of many advantages. This is the reason why this project is original. Besides, these two literary walks will become part of the tourist offer of these two Algarvian towns.

The project's methodology consist in a literature review of the key concepts in tourism and literature studies (e.g., literary tourism and literary place), the analysis of statistical data on tourist activity in both towns, and non-participant observation of literary tours (in Lisbon and in the Algarve). As far as the construction of the literary itineraries is concerned, the following methodological steps were undertaken: (i) on-site observation of the two towns; (ii) bibliographic research about the authors, whose life and work are connected to the towns; (iii) unstructured interviews with cultural managers, historians and librarians; (iv) mapping of literary places; (v) readings at stopping points to verify the relevance of the texts; (vi) writing the narrative of the literary walk; (vii) testing the itineraries, and (viii) final writing of the narrative.

Keywords: tourism, literature, cultural tourism, literary tourism, Algarve.

ÍNDICE GERAL

1. Introdução.....	11
1.1. Temática	11
1.2. Objetivos.....	12
1.3. Motivações	13
1.4. Estrutura do projeto	13
2. Revisão da literatura	15
2.1. Definição de conceitos de literatura, turismo e cultura	15
2.1.1. Definição de literatura	15
2.1.2. Definição de turismo	18
2.1.3. Definição de cultura.....	21
2.2. Turismo cultural e literário	22
2.2.1. Relação entre cultura e turismo	22
2.2.2. Definição de turismo cultural	25
2.2.3. Motivações do turista cultural	27
2.2.4. Impactos do turismo cultural	28
2.3. Turismo literário	29
2.3.1. Motivações do turista literário	32
2.3.2. Definição de lugar literário.....	34
2.3.3. Produtos e experiências de turismo literário.....	35
2.3.4. Itinerário literário.....	36
2.3.5. Desafios na gestão dos destinos turísticos.....	49
2.3.6. Novas tendências do turismo.....	50
3. Algarve, turismo e cultura	52
3.1. Algarve, cultura e turismo	53
3.2. Caracterização das cidades de Tavira e Vila Real de Santo António.....	55
3.3. Património literário em Tavira e Vila Real de Santo António	62
3.4. Manifestações literárias nas cidades de Tavira e Vila Real de Santo António.....	63
3.5. Análise <i>SWOT</i>	64
4. Metodologia.....	67
4.1. Aprender com o exemplo	68
4.2. Construção dos itinerários literários de Tavira e de Vila real de Santo António	69

4.2.1. Escritores do itinerário literário de Tavira.....	71
4.2.2. Escritores do itinerário literário de Vila Real de Santo António.....	73
4.3. Testes dos itinerários literários	76
4.4. Itinerários literários de Tavira e Vila Real de Santo António	77
4.5. Indicações acerca dos itinerários	78
5. Proposta de dois itinerários literários	80
5.1. Itinerário literário de Tavira	80
Percurso do itinerário literário de Tavira.....	94
5.2. Itinerário literário de Vila Real de Santo António.....	95
5.2.1. Percurso do itinerário literário de Vila Real de Santo António.....	109
6. Conclusão	110
6.1. Principais conclusões.....	110
6.2. Contributos da investigação.....	111
6.3. Limitações do estudo	112
6.4. Propostas de investigação futura	112
Referências bibliográficas	115

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2.1 – Grau de motivação do turista cultural	27
Figura 5.1 – Percurso do itinerário literário de Tavira	94
Figura 5.2 – Percurso do itinerário literário de Vila Real de Santo António	109

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 2.1 – Evolução do turismo	23
Tabela 2.2 – Tipos de produtos e experiências literárias.....	36
Tabela 2.3 – Dimensão de um itinerário literário	38
Tabela 2.4 – Listagem de itinerários literários no Algarve e noutras regiões	40
Tabela 2.5 – Listagem de itinerários literários editados em livro	48
Tabela 3.1 –Caracterização da cidade de Tavira e Vila Real de Santo António	57

Tabela 3.2 – Número de visitantes em museus	58
Tabela 3.3 – Procura e oferta turística no concelho de Vila Real de Santo António e de Tavira ...	59
Tabela 3.4 – Manifestações literária nas cidades de Tavira e Vila Real de Santo António	63
Tabela 3.5.– Análise SWOT: Forças e Fraquezas, Oportunidades e Ameaças da criação de um itinerário turístico-literário em Vila Real de Santo António e em Tavira.....	65
Tabela 4.1 – Etapas de elaboração dos itinerários literários.....	63

1. Introdução

Este projeto tem como objetivo apresentar duas propostas de itinerários literários (um para a cidade de Vila Real de Santo António e outro para a cidade de Tavira), de modo a promover o turismo literário nestas duas cidades. O turismo literário é um nicho do turismo cultural que se concretiza na visita a lugares relatados nos textos de ficção, em lugares que inspiraram os autores ou em lugares da sua vida ou de qualquer outro modo associáveis ao domínio do literário.

1.1. Temática

Atualmente a atividade turística é muito diversificada, tornando a oferta mais especializada, o que justifica o aparecimento do conceito de turismo de nicho, que surge em alternativa ao turismo de massas e está associado a uma lógica de sustentabilidade territorial, com motivações genuínas e ligadas à autenticidade.

O turismo literário é considerado um nicho do turismo cultural, cujas motivações se relacionam com o facto de promover as referências literárias de um determinado local. Está intrinsecamente ligado ao simbolismo literário, simbolismo esse que se pode materializar, entre outros, na relação de um autor com um lugar. O turista literário pretende, por exemplo, saber como e onde viveu determinado autor e o que o inspirou, visitar estes lugares do autor ou vivenciar paisagens descritas nas suas obras literárias. Efetivamente, encontramos no turismo literário diferentes experiências e interesses que motivam o turista literário, desde visitar a casa de um escritor, o bar onde tomava a sua bebida preferida, até visitar um parque dedicado a uma personagem. Quando se fala de um escritor, é comum associá-lo ao seu país de origem e a partir dessa conexão surgem relações entre a sua vida e obra e o lugar de onde provém. É assim que se associa José Saramago a Lisboa, Miguel de Cervantes a Mancha, Gabriel Garcia Márquez à Aracataca e James Joyce a Dublin, para referir alguns exemplos dos muitos casos existentes.

Para a concretização deste projeto é essencial partir do que a teoria define como turismo literário. Para tal, realizamos uma revisão de literatura sobre o tema em estudo, de forma a melhor entender e problematizar os conceitos inerentes ao turismo literário. A partir da identificação das experiências de turismo literário, descrevemos sucintamente cada uma delas.

Este projeto encontra-se inserido na “Rota Literária do Algarve”, que é um dos projetos vencedores do Orçamento Participativo Portugal em 2018, e cujas proponentes são as Professoras Rita Baleiro e Sílvia Quinteiro, da Universidade do Algarve. O seu objetivo é “criar um novo olhar sobre esta região: um olhar mediado pelos textos literários e com o qual propõe ler o espaço,

os monumentos, a história, as lendas, a natureza, os algarvios e as suas práticas ancestrais.” (<https://www.ualg.pt/pt/content/rota-literaria-do-algarve>). No Algarve existe uma importante atividade cultural e muitos escritores que aí nasceram, viveram ou que referem a região nas suas obras, possibilitam a criação de uma rota literária. Muitos dos escritores cuja obra integra os itinerários literários de Tavira e Vila Real de Santo António utilizaram a sua obra para descrever e contar histórias das cidades, tornando-as num recurso que pode ser aproveitado para fomentar o desenvolvimento turístico destas cidades.

1.2. Objetivos

No presente projeto os objetivos que pretendemos alcançar são:

- ✚ Conceber dois itinerários turístico-literários, com base nos recursos existentes nas localidades (sobretudo geográficos e literários), e utilizá-los como ferramenta para fomentar um nicho de turismo complementar ao turismo de massas.
- ✚ Evidenciar as potencialidades literárias das cidades de Tavira e Vila Real de Santo António, através do seu legado literário.

Como objetivos específicos pretendemos:

- ✚ Pesquisar sobre o turismo literário e as suas origens como atividade turística;
- ✚ Perceber as potencialidades do turismo literário como nicho do turismo cultural;
- ✚ Explorar as potencialidades do turismo literário com base nas referências à vida dos autores e aos espaços com eles relacionados;
- ✚ Identificar as potencialidades dos recursos tangíveis e intangíveis do turismo literário, nas cidades em estudo;
- ✚ Perceber os recursos existentes para a prática de turismo literário em Vila Real de Santo António e Tavira;
- ✚ Criar dois itinerários literários (um em Vila real de Santo António e outro em Tavira);
- ✚ Conceber uma oferta turística diversificada, a integrar na agenda cultural das cidades em estudo;
- ✚ Contribuir para a divulgação e proteção da memória coletiva de uma região, em particular na sua dimensão cultural e literária.

Após a descrição dos objetivos, apresentamos de seguida as motivações na génese deste projeto.

1.3. Motivações

Todos os projetos têm origem em alguma motivação e, neste caso concreto, houve um fator determinante: o gosto pela literatura. Com efeito, foi este gosto que desencadeou a curiosidade pelo turismo literário. Percebermos que os escritores se podem interligar com os espaços físicos e com as suas obras literárias é um caminho de descoberta. Esta é uma temática apaixonante, através da qual aliamos duas paixões: as viagens e a literatura. A questão é como se concretiza uma viagem literária? A resposta teria de surgir e surgiu sob a forma de um projeto em duas cidades pelas quais nutrimos um encanto especial.

Outro fator que alimentou a nossa motivação para realizar este projeto foi a constatação de que a investigação nesta área não está ainda muito desenvolvida, ou pelo menos não de forma tão significativa como está noutras áreas do turismo, o que, aliado à existência de recursos que permitem desenvolver atividades neste âmbito, em especial no Algarve, foi o impulso necessário para a concretização do projeto.

De seguida, apresentamos a estrutura do nosso projeto.

1.4. Estrutura do projeto

O projeto divide-se em seis capítulos, sendo que no primeiro capítulo fazemos uma introdução à temática e propomos os objetivos que pretendemos alcançar. Considerando que pretendemos conceber dois itinerários turístico-literários, com base nos recursos, sobretudo geográficos e literários, existentes nas localidades e utilizá-los como ferramenta para fomentar um nicho de turismo complementar ao turismo de massas, podemos dizer que iremos disponibilizar todas as ferramentas necessárias para que os itinerários possam ser implementados.

O segundo capítulo é dedicado à revisão da literatura que sustenta a componente prática do projeto e tem como objetivo sistematizar os conceitos aplicados na parte prática. Para conseguirmos concretizar os itinerários literários é importante que haja um trabalho de investigação desenvolvido numa fase inicial para percebermos e relacionarmos os conceitos de literatura, turismo e cultura. Por um lado, definimos o que é a literatura a partir de definições que servem de ponto de partida para este projeto, por outro definimos o que é o turismo, nas suas diferentes perspetivas: conceitos pilares na definição de turismo literário. Posteriormente definimos alguns conceitos estruturantes no âmbito do turismo literário, nomeadamente, os conceitos de espaço, lugar literário, produto e experiência literária e o conceito de itinerário. É a

partir destes conceitos que se consegue cimentar a base de um projeto em torno do turismo literário.

No capítulo três, caracterizamos brevemente as cidades em estudo, a nível geográfico, literário, cultural e turístico e fazemos uma análise sobre a forma como estas cidades se relacionam com o turismo e cultura. É com base nesta análise que conseguimos chegar a uma proposta estruturada para potenciar o turismo literário nas cidades de Tavira e Vila Real de Santo António. Este capítulo termina com uma análise SWOT, de forma a identificar as forças (*strengths*), as fraquezas (*weaknesses*), as oportunidades (*opportunities*) e as ameaças (*threats*) existentes.

No capítulo quatro, descrevemos a metodologia aplicada e apresentamos os passos que tornam possível a construção dos itinerários literários. Neste capítulo descrevemos sucintamente a ligação dos escritores selecionados para os itinerários às cidades nas quais os desenvolvemos. Descrevemos também os testes realizados e as consequentes alterações aos itinerários, bem como o levantamento dos itinerários já existentes em Tavira e Vila Real de Santo António.

Posteriormente, no capítulo cinco, apresentamos os itinerários literários organizados em função de um conjunto de lugares literários previamente identificados a que correspondem pontos de paragem e a cada um dos quais, como se verá, se associa textos e escritores.

Por último, no capítulo seis, apresentamos as considerações finais sobre o projeto, nas quais fazemos também uma análise às limitações do mesmo. De forma a colmatar estas limitações apresentamos sugestões para futuras investigações, com o intuito de que estas possam vir a acrescentar, complementar e valorizar o tema em análise.

2. Revisão da literatura

2.1. Definição de conceitos de literatura, turismo e cultura

O segundo capítulo é dedicado à revisão de literatura e aos conceitos inerentes ao turismo literário. Este capítulo espelha a definição dos conceitos que pretendemos trabalhar. Para tal recorreremos a estudos de vários autores com trabalho relevante nesta área de investigação. Com base nas leituras efetuadas, trabalhamos os conceitos de turismo, cultura, espaço, lugar e itinerário literário, relacionados com o turismo literário e com o turismo cultural, por serem estes a base da investigação realizada.

2.1.1. Definição de literatura

Definir literatura foi sempre um desafio e por esse motivo não é fácil fazê-lo neste contexto, razão pela qual propomos um olhar sobre a origem do termo e apresentamos algumas teorias mais consensuais relativamente a esta matéria. O termo “literatura” surgiu na segunda metade do século XV e deriva epistemologicamente do termo *littera*, que significa letra. Até ao século XVIII, a palavra “literatura” designou o saber e a ciência em geral, sendo os termos “poesia”, “eloquência” e “verso” utilizados para designar o que hoje é denominado de literatura (Aguiar e Silva, [1961] 2011: 3).

O conceito atual de literatura, envolvendo os significados fundamentais que hoje tem, refere-se a uma arte particular e ao conjunto de textos resultantes dessa atividade criadora, e tem a sua origem temporal no século XVIII, quando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia impossibilitou que se continuasse a englobar obras de carácter científico e tecnológico sob o significante “belas letras”. Acontece que, com o aparecimento de textos em prosa, a designação poesia deixou de ser adequada para englobar esse conjunto de textos.

Terry Eagleton apresenta várias definições de literatura, começando por definir literatura como a escrita “imaginativa”. Mas é o próprio autor a referir que esta definição não é a mais adequada, pois “talvez a literatura seja definível não pelo facto de ser ficcional ou “imaginativa”, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar.” (2006: 15). Este autor considera que o discurso literário torna estranha e aliena a fala comum, mas quando o faz leva-nos a vivenciar essa experiência de uma forma mais intimista. O autor afirma que a literatura é uma forma especial de linguagem, em contraste com a linguagem comum que usamos habitualmente (2001: 3), pelo que a definição de literatura depende da forma como alguém opta por ler e não da natureza do que é lido.

René Wellek e Austin Warren ([1942] 2003: 11), na obra *Teoria da Literatura*, questionam o que pode ser considerado como literatura. Uma das suas respostas é que literatura abrange tudo o que foi impresso, uma visão pouco clara, na nossa opinião. Outra forma de a definir é limitá-la aos grandes livros, aos livros que sejam “notáveis pela sua forma ou expressão literária” (2003: 12), nesta perspetiva apenas se tem em conta o valor estético aliado a uma distinção intelectual geral.

António Cândido ([1972] 2012: 82) refere que “um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura”. Nesta visão está implícita a premissa de que a literatura consegue dar resposta à necessidade de ficção e de fantasia do ser humano, que é preenchida através da “anedota, adivinha, trocadilho...narrativas populares, cantos folclóricos, lendas, mitos” ([1972] 2012: 83). Na nossa opinião, esta perspetiva é pertinente para o nosso trabalho, uma vez que sublinha a importância psicológica que a literatura comporta e o assumir que está presente nas nossas escolhas, mesmo que seja de uma forma involuntária. Para António Cândido ([1972] 2012: 83), “a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la”. Vista a ideia de ficção do autor, importa agora perceber como a alia à realidade. Com efeito, António Cândido considera que toda a fantasia implica alguma realidade, nomeadamente “[f]enómenos naturais, paisagem, sentimentos, factos, desejos de explicação, costumes, problemas humanos, etc” ([1972] 2012: 83) e é nessa capacidade de satisfazer as nossas necessidades relacionadas com a ficção e de contribuir para nos proporcionar múltiplas sensações ([1972] 2012: 83) que o autor assume como função da literatura o estabelecimento da ligação entre a realidade e a fantasia. Uma zona de interseção na qual se situa também o turismo literário e sobre a qual se redigem os itinerários literários.

As definições de literatura implicam sempre uma delimitação em termos de conceito, o que torna difícil encontrar uma definição consensual. Erick Chiaramonte (2012: 18) afirma que “[p]ara alguns escritores a arte literária é usada para fins estéticos, isto é, a arte pela arte.”, contudo outros “viram na arte literária oportunidade para transformar a sociedade” (2012: 18) através da criação de um pacto com o leitor, de forma a que a literatura consiga espoletar comportamentos, esta definição aplica-se ao nosso projeto porque concordamos que a literatura assume uma função social, na medida em que o leitor estabelece uma relação com o texto que lê.

Estas diferentes perspetivas levam-nos, em crescendo, à definição de literatura. A primeira característica enunciada, texto escrito, mostra-nos que qualquer texto seria considerado literatura, incluindo um folheto publicitário ou uma lista de compras, mas é então que surge a segunda característica que serve para diferenciar um texto comum de um texto literário: o cuidado no trabalho da linguagem. Contudo, mesmo que haja um cuidado acrescido na utilização destes

recursos, podemos deparar-nos com artigos ou trabalhos de investigação que não se inserem em nenhum dos géneros literários elencados na terceira característica.

Na perspetiva das autoras Rita Baleiro e Sílvia Quinteiro (2019: 10) “literatura designa igualmente um tipo específico de discurso que resulta num dos três modos literários: o lírico, o narrativo e o dramático.”

Neste âmbito, podemos depreender que o texto literário por si só não tem existência fora da relação criada entre o leitor e o texto. É muito limitador definir fronteiras para o que é considerado ou não literatura, sendo claro que nem tudo pode ser considerado texto literário, pois “o que transforma um qualquer texto num texto literário é o facto de optarmos por ler esse texto entendendo-o como tal.” (Quinteiro & Baleiro 2019: 10).

Em suma, a literatura pode ser definida como “um evento linguístico de criação de um universo ficcional regido por regras próprias, que pede um modo de ler e um modo de atenção particulares, e que proporciona ao leitor momentos de reflexão sobre si mesmo, sobre a vida, sobre a alma humana.” (Quinteiro & Baleiro 2019: 12).

Neste prisma, estas autoras apresentam um conjunto de características que são inerentes ao conceito de literatura:

- “(i) é um conceito situado, na medida em que é determinado pelo conjunto de convenções partilhadas por uma dada comunidade numa determinada época;
- (ii) se refere a um campo pluridimensional de materialização textual que está em permanente mutação, num jogo entre a tradição e a transgressão/a criatividade;
- (iii) se refere àqueles textos que pelas suas características exigem do leitor uma atitude de leitura particular (estética, atenta, crítica, tal como refere Jean-Paul Sartre, [1948] 1993: 31);
- (iv) designa o produto *situado* da transação entre leitor e criação textual;
- (v) coincide com o conjunto de produções textuais socialmente valorizadas e que foram assim classificadas pelo cânone de uma dada comunidade numa determinada época.” (Quinteiro & Baleiro, 2019: 13).

Na tentativa de definir literatura, as suas particularidades tornam-se um pouco mais evidentes, pelo que neste projeto assumimos a definição das autoras Rita Baleiro e Sílvia Quinteiro (2019: 10) “literatura designa igualmente um tipo específico de discurso que resulta num dos três modos literários: o lírico, o narrativo e o dramático.”, em conjunto com a definição de Chiaramonte (2012: 23), segundo a qual “a leitura é muito mais do que decifrar palavras. Ler é imergir no universo literário e comprometer-se com o mundo real”. Estas duas definições mostram-nos o que por um lado pode ser classificado como literatura e por outro o que está implícito no ato da leitura.

Com a certeza de que esta definição não se encontra encerrada, partimos para um outro conceito central no presente projeto: o de turismo. De igual forma, na próxima secção pretendemos analisar a relação entre turismo e cultura, sendo essencial perceber cada conceito e de que forma este binómio se interliga.

2.1.2. Definição de turismo

As definições para o conceito de turismo são diversas e não existe uma definição universal, que seja comumente aceite, pelo que, tal como no conceito de literatura, não é fácil de definir, apesar de que cada estudo ou definição é sempre um contributo. Esta falta de uniformização da definição deste conceito prende-se muito com a constante mudança do setor do turismo e com a diversidade dos seus segmentos. No entanto, é essencial termos uma definição do conceito, quer porque a definição de conceitos é uma parte central de qualquer trabalho académico, quer porque, tal como diz Licínio Cunha ([1997] 2009: 2), o facto de o turismo emergir como uma atividade económica obriga a que haja uma clara necessidade de o identificar e caracterizar, para mais facilmente o perceber ([1997] 2009: 2).

Quando pensamos em turismo, este divide-se imediatamente em diversos nichos, sendo que os mais destacados são o turismo de sol e mar, o cultural, o rural, o desportivo e aventura, o gastronómico e o de saúde.

No caso de Portugal, principalmente do Algarve, o turismo está intimamente ligado ao segmento sol e mar. A competitividade de outros países, como é o caso de Espanha, Turquia, Grécia, que oferecem o mesmo produto, mostra-nos a clara necessidade de diversificar a oferta e de diminuir a dependência do turismo sol e mar. O Plano de Ação para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal 2014-2020 é disso exemplo, apelando à diversidade de produtos e mercados com base nos recursos naturais, à maior valorização de elementos naturais e consciência ambiental e à maior sofisticação e experiência dos turistas cada vez mais informados e com maiores recursos económicos. Este documento aponta como uma das fraquezas a concentração excessiva do turismo no produto "sol e mar". O que, na nossa realidade cultural e regional, pode ser colmatado com o complemento de outras atividades turísticas, como as que propomos nesta investigação (Plano de Ação Turismo, 2014: 113).

Os diversos estudos académicos sobre esta temática apresentam múltiplas definições de turismo, muitas delas baseadas na formação de cada autor, sendo que alguns enfatizam os aspetos económicos e outros os aspetos sociais, culturais, geográficos ou antropológicos. Face a esta diversidade, que pode ser uma mais valia, na medida em que dá a conhecer os aspetos essenciais

do turismo, optámos por trabalhar com algumas das definições deste conceito. Escolheram-se as que se centram no motivo da viagem e no período que abrange a estadia, por acharmos que são fatores que nos dão uma perspetiva mais abrangente.

O conceito de turismo sofreu grandes alterações ao longo dos tempos, surgiu pela primeira vez em 1910 com uma proposta do austríaco Herman Von Schullern Schrattenhoffen, mas foram os professores Valter Hunziker e Kurt Krapf, em 1942, que tornaram a definição mais abrangente, considerando o turismo como o conjunto das relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que estas deslocações e permanências não sejam utilizadas para o exercício de uma atividade lucrativa principal. Esta distância temporal mostra-nos a definição sobre a qual o conceito tem vindo a ser trabalhado.

O turismo enquanto objeto de estudos universitários surgiu entre as duas grandes guerras mundiais, 1919-1938, período em que os economistas europeus começaram a publicar os seus trabalhos.

Jafar Jafari (1977: 8) apresenta o “turismo como o estudo do homem longe do seu habitat, e da indústria que responde às suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria têm no meio de acolhimento sob o ponto de vista sociocultural, económico e físico”. Para este autor, o turismo já abrange outras dimensões e elementos, o que complementa a definição da OMT (Organização Mundial do Turismo).

Em 1981, Arthur Burkart e Slavoi Medlik definiram turismo como “[o]s deslocamentos curtos e temporais das pessoas para destinos fora do lugar de residência e de trabalho e as atividades empreendidas durante a estada nesses destinos.” (1981: 42). Esta definição abrange a perspetiva de viagem e conseqüente lazer, mas fica de fora o conceito moderno que engloba as viagens por motivos de negócios, que podem ser complementadas com momentos de lazer.

Os autores Geoffrey Mathieson e Alister Wall (1990: 43) propuseram uma definição mais completa considerando o turismo como “o movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as atividades desenvolvidas durante a sua permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades”. Deste ponto de vista, o turismo é considerado como uma atividade que implica deslocações e relações nos locais visitados, que respondem às suas necessidades. Destacamos duas inovações neste conceito, por um lado a perspetiva da oferta quando mencionam as “facilidades criadas”, por outro, introduzem o fator relativo à satisfação do turista, o que é essencial para o funcionamento da atividade turística.

Destacamos também a definição adotada pela OMT (1994: 5), que formaliza os aspetos da atividade turística: “o turismo compreende as atividades desenvolvidas por indivíduos no decurso

das suas viagens e estadas em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano para fins recreativos, de negócios e outros”.

Esta é uma definição que expõe as características mais importantes do turismo, que são:

- ✚ Introduz o motivo da viagem, seja por lazer, por negócios ou por outro motivo;
- ✚ Enquadra o limite temporal de um ano, o que é um período até bastante longo se pensarmos no número de dias de férias anuais.
- ✚ Delimita a atividade desenvolvida ao período de antes e depois da estadia;
- ✚ Define a localização da atividade turística para fora do nosso ambiente habitual

Relativamente ao que podemos considerar o nosso ambiente natural, a OMT (1995) define esse ambiente como o local próximo da nossa área de residência e todos os locais que visitamos de forma frequente. Na perspetiva da OMT a prática de turismo implica a existência de atividade da parte do visitante que saiu fora do seu ambiente habitual e que tem um carácter temporário.

O impacto do turismo é evidente, como refere Margarita Barretto (2007: 9), “[o] turismo é um fenómeno social que atualmente abrange o mundo inteiro, do ponto de vista geográfico, e todos os grupos e camadas sociais”. Esta perspetiva torna mais abrangente a contribuição do turismo, pois não se cinge ao desenvolvimento territorial e de valorização da identidade cultural de um povo, tornou-se um agente social.

De facto, percebemos que este conceito está em constante evolução, não fosse o turismo uma atividade económica que gera receitas para a sociedade e para os locais onde é desenvolvido. Potenciar a atividade turística, de uma forma estruturada e sustentável, é benéfico para todos os intervenientes. Portugal é um dos países europeus que mais cresceu neste setor, sendo um exemplo do benefício que esta atividade económica acarreta.

Atualmente não existe um conceito padrão que defina o que é turismo, pelo que cada autor contribuiu com as suas ideias que consideramos essenciais para este projeto, nomeadamente o facto de ser um fenómeno que pressupõe uma deslocação voluntária, para fora do local habitual de residência e motivada por uma prática de lazer; uma necessidade de viajar para locais que não são habituais ao turista.

Terminada a análise ao conceito de turismo, segue-se uma leitura dos conceitos de cultura, turismo cultural e turismo literário, conceitos centrais neste trabalho de investigação.

2.1.3. Definição de cultura

Falar de turismo cultural implica obrigatoriamente definir cultura, pois é a partir deste conceito que surge este segmento turístico. A palavra “cultura” deriva da palavra latina *culturae* que significa “tratar ou cultivar os conhecimentos”, embora, na etimologia do termo *culturae* esteja outro termo latino *colere* que significa cultivar as plantas ou “ato de plantar e desenvolver atividades agrícolas”. Este conceito foi sendo alterado ao longo dos tempos e acabou por fazer-se uma analogia entre o cuidado na construção e desenvolvimento do plantio e as capacidades intelectuais e educacionais das pessoas (Dicionário Etimológico, 2017).

A cultura assume um papel impulsionador na atividade turística, pois uma parte considerável das viagens realizam-se para visitar monumentos ou aldeias históricas.

Existem diversas definições consagradas de cultura, como por exemplo: John Thompson (2009: 173) alega que “A cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade. [...]” Thompson defende que o estudo da cultura envolve, pelo menos em parte, a comparação, classificação e análise científica desses diversos fenômenos.

Já na perspectiva de Denys Cuche (2002: 98) a cultura refere-se a “uma construção histórica e está relacionada com todos os aspetos da vida social. Nenhuma cultura existe em estado puro, idêntica a si própria. Todas as culturas sofrem influências internas e externas e, por isso, toda a cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução” (Cuche, 2002: 98).

Sendo este um conceito difícil de definir, pela diversidade de significados que foi assumindo, optamos por adotar estas duas definições, uma vez que se complementam, uma vez que a sua génese se encontra na vida social entre os indivíduos, sendo que Cuche vai um pouco mais além atribuindo à cultura um processo de dinamização.

Seguidamente faremos a articulação entre os dois conceitos, turismo cultural e literário.

2.2. Turismo cultural e literário

2.2.1. Relação entre cultura e turismo

As relações entre turismo e cultura mostram-nos que a designação de cultura se alargou, englobando as manifestações e costumes que constituem um povo. Isto é, todo o turismo acaba por ser cultural, na medida em que todas as deslocações das pessoas originam novos conhecimentos e novas experiências.

A ligação entre turismo e cultura pode materializar-se na relação entre turismo e arte (que pode englobar museus, galerias de arte, teatro, ópera, dança, entre outros), entre as características inerentes a cada localidade e o seu património monumental (gastronomia, folclore, entre outros).

O património cultural é encarado, atualmente, como um conceito aberto, dinâmico e flexível que ampliou e diversificou as áreas culturais que constituem o objeto do seu estudo.

O turismo cultural é considerado um dos fenómenos mais significativos da Idade Moderna. Este tipo de turismo tem vindo a demonstrar uma constante inovação, através da criação de novos produtos, em resposta à procura de novas experiências por parte dos turistas (OMT, 2012).

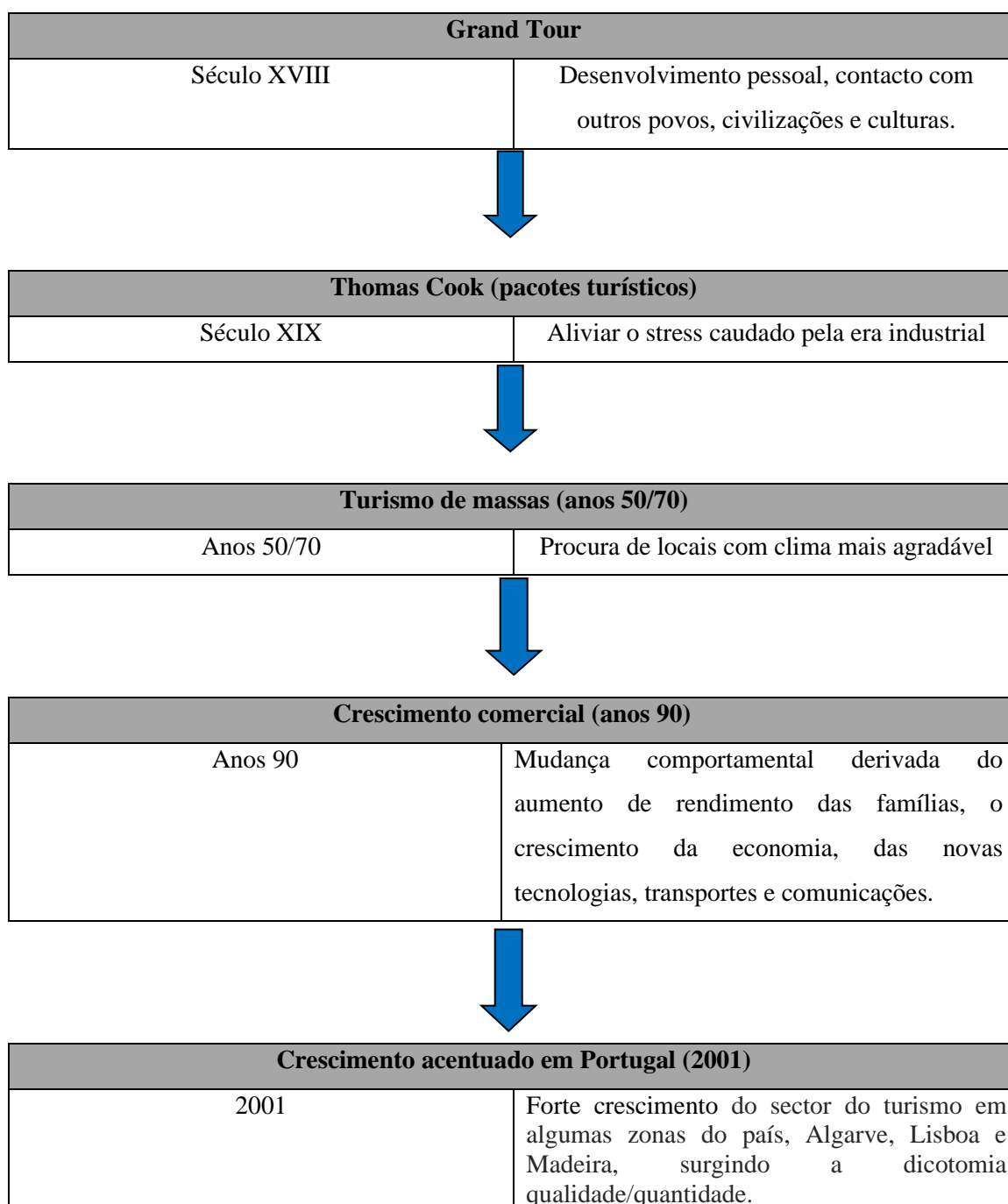
Segundo a autora Ana Carrasco (2005) as relações entre a atividade turística e a cultura ganham maior notoriedade no espaço urbano, devido à sua dinâmica, concentração de elementos artísticos, de património e de vivências, o turismo cultural encontra nele um espaço privilegiado. O maior número de elementos culturais nas cidades, especialmente nas de maior dimensão, faz com que se transformem no alvo do turismo cultural (2005: 45).

Não há dúvida de que a oferta cultural concebida a pensar no turismo tem um forte impacto nas populações locais. Sendo uma atividade económica é pensada para dar lucro e conseqüente produção de riqueza e criação de postos de trabalho. Além deste fator económico, que já é significativo, é importante perceber que o turismo cultural revitaliza os centros históricos, através da dinamização do seu património, transformando-se em locais com dinamismo.

Vários autores, entre eles Xerardo Pereiro (2009: 118), são da opinião que o turismo, de uma forma aproximada com a que conhecemos nos dias de hoje, surgiu com o “Grand Tour”, no final do século XVIII e início do século XIX. Esta era uma viagem que servia de complemento à educação formal e ao mesmo tempo uma forma de experienciar a vida de uma outra perspectiva. Tinha um grande cunho social, uma vez que era uma viagem praticamente reservada a nobres e burgueses, que viajavam para ter contacto com outros povos e culturas, o que lhes permitia adquirir uma bagagem cultural que era fator de distinção no seu país de origem.

Na década de 50, começa a surgir o chamado turismo de massas, cujo objetivo de deslocação era o mesmo, o descanso, mas privilegiava zonas no Mediterrâneo e Caraíbas. A necessidade de encontro com outras civilizações e estilos de vida levou a uma procura cada vez maior e ao desenvolvimento da aviação comercial.

Tabela 2.1 – Evolução do turismo



Fonte: Elaboração própria, com base em Costa (2005)

O paradigma está em constante mudança, como podemos perceber pela leitura da tabela 2.1, a tendência focou-se na procura de uma experiência individualizada, o que leva à existência de novas segmentações e nichos turísticos, sendo esse o caso do turismo literário.

Os turistas agem motivados pelo reencontro com o passado, as tradições e com as identidades “a maior parte das correntes turísticas parte dos doze países mais ricos do mundo, onde as pessoas desejam ver “o paraíso perdido” (Barretto, 2008: 2), ou seja, formas de vida de sociedades que por estarem em países subdesenvolvidos mantêm determinadas características que são catalogadas como autênticas.

Esta opinião é partilhada por McKercher e Cros (2002: 1), que defendem que qualquer viagem envolve elementos culturais “pela sua própria natureza, a arte de viajar retira os turistas da sua cultura anfitriã e coloca-os temporariamente num meio cultural diferente. Mas o turismo cultural oferece algo mais ou diferente tanto ao turista como à comunidade que acolhe o turista”. Esta prática de turismo cultural não abrange apenas a cultura do local visitado, mas também as atividades associadas ao quotidiano.

A relação entre turismo e cultura é recente, tendo esta relação sido muito criticada pelos profissionais da cultura, uma vez que estes entendiam o turismo como uma atividade fútil, desprovida de qualquer interesse cultural. Esta visão foi sendo alterada à medida que a motivação do turista foi indo ao encontro das temáticas culturais. Nunca a prática de turismo esteve tão próxima de uma prática cultural, com efeito em 2014, segundo dados públicos em 2018, pela *World Tourism Organization* (2018: 20) o número de turistas culturais atingiu os 38,5%.

Segundo Pereiro (2009: 110-111) toda a experiência turística integra vivências sensuais, sociais, culturais e económicas. Esta perspetiva mostra-nos o quão abrangente e marcante deve ser a experiência turística, pois vai além de ser um produto, é a compra de experiências e sensações, de uma fuga ao quotidiano, que se traduz num valor emocional para quem a usufrui. A perspetiva de John Urry (1990: 86) mostra-nos como o turismo se transformou, nas sociedades modernas, numa questão de estatuto social que recria novas identidades sociais. A cultura passou a ser inevitavelmente encarada como uma representação do passado, um ponto de referência de um encontro com os valores tradicionais que se opõem ao descontentamento das vidas quotidianas. Esta valorização, na perspetiva de Urry (1990) é o que potencia o turismo cultural.

Esta dinâmica entre turismo e cultura resulta no conceito de turismo cultural, um segmento de mercado que tem sido alvo de análise, desde os anos oitenta, com o objetivo de determinar conceitos e construir referenciais teóricos. Esta sinergia criou um produto turístico diferenciado do turismo de massas.

2.2.2. Definição de turismo cultural

Iniciar este sub-capítulo com uma definição de turismo cultural torna-se complexo, uma vez que, na opinião de Greg Richards, este envolve dois conceitos complexos, turismo e cultura, e acaba por não ter uma definição estável e definitiva (1996: 21 e 2001: 6).

A Organização Mundial do Turismo (OMT) propõe em 1985 uma definição ampla de turismo cultural, “toda a viagem que pela sua natureza satisfaz a necessidade de diversidade, de ampliação de conhecimento, que todo o ser humano traz em si.” (Baudrihaye, 1997: 45).

A definição proposta por Richards (1996) é contrária à visão tradicionalista de que o turismo cultural se traduz na visita a museus e monumentos, pois este define turismo cultural como o: “movimento de pessoas em manifestações culturais, fora da sua área de residência, com o objetivo de usufruir novas experiências para satisfazer as suas necessidades culturais.” (Richards, 1997: 24). Esta visão entra em concordância absoluta com a que se pretende aplicar neste projeto, uma vez que é importante experimentar o modo de vida dos locais que visitam, pois só dessa forma trataremos novos conhecimentos e informações. Neste projeto, adotamos, a definição de Richards pelo facto desta incluir as novas experiências e de as considerar uma necessidade cultural.

O conceito de turismo cultural não tem uma definição unanime, como dissemos, e varia consoante os autores e evolução deste segmento turístico. Por ser muito abrangente, “o turismo cultural, pela sua essência, tem fronteiras indefinidas e, por isso, é quase impossível conceber parâmetros absolutos aos recursos utilizados ou aos turistas que os usam. O turismo cultural funciona como um ‘guarda-chuva’ para um vasto leque de atividades que incluem, por exemplo, o turismo gastronómico, o turismo histórico, o turismo étnico, o turismo de arte, o turismo de museus, o turismo literário ou o turismo de festivais” (Borges, Marujo, & Serra, 2013: 141). Ou seja, a multidisciplinariedade do turismo cultural torna difícil criar barreiras que permitam chegar a uma definição concreta.

Xerardo Pereiro assinala em *Turismo cultural - Uma visão antropológica* (2009: 111) que os principais aspetos positivos desta tipologia de turismo, se baseiam no desenvolvimento e revitalização de identidades culturais, na redescoberta das tradições, na autoconsciência local face aos visitantes, na revitalização do sentido identitário e no desenvolvimento de regiões em crise. O mesmo autor afirma que apesar da natureza cultural do turismo ser bastante antiga, a relação entre o turismo e a cultura é recente, assim como, o conceito de turismo cultural. Para este autor, “o turismo cultural apresenta-se como uma alternativa ao turismo de sol e praia” (2009: 108).

Pereiro apresenta o turismo cultural sob uma perspectiva exclusiva de propósitos culturais e educativos, o que vai ao encontro da perspectiva de Robert McIntosh e Charles Goeldner que explicam a complexidade do fenómeno do turismo cultural. Os autores referem que o turismo cultural é definido como um tipo de turismo que compreende todos os aspetos da viagem, através do qual os viajantes aprendem sobre a história e o património ou sobre os modos de vida e pensamentos contemporâneos de uma sociedade.

Richards é da opinião que o turismo cultural possui uma ampla abrangência, incluindo o segmento turístico nesta definição, o autor baseia-se na definição da Organização Mundial do Turismo que define turismo cultural como: “movimentos das pessoas em busca de motivações essencialmente culturais, tais como excursões de estudo, teatralizações e excursões culturais, viagens para festivais e outros eventos culturais, visitas a localidades e monumentos, viagens para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações.” (Richards, 2009: 26).

De acordo com Marujo *et al* (2013), o turismo cultural é o reflexo das diferentes culturas nas sociedades, daí surge a motivação para consumir essas diferenças culturais que se encontram no património de uma cidade, vila ou aldeia. É precisamente o contacto com estas culturas que torna esta experiência enriquecedora, o turista cultural pretende usufruir do destino de uma forma mais profunda e autêntica de tal forma que esta vivência acaba por obrigar à preservação da cultura local, pois a partir do momento que se transforma num produto turístico tem de ser garantida a sua continuidade.

Ao longo do tempo o conceito de turismo cultural foi adquirindo diferentes significados, em função das diferentes perspectivas, o que o torna um conceito complexo e abrangente, pois engloba as dimensões antropológicas, sociológicas e estéticas (Pereiro, 2009: 104).

Numa perspectiva antropológica, de acordo com Pereiro “cultura é um processo resultante da participação e da criação coletiva, mas para a noção sociológica a cultura é uma indústria cultural” (Pereiro, 2009: 105), a cultura é vista como um modo de vida e não se restringe às atividades ligadas às artes, está presente em tudo. Já na perspectiva sociológica a cultura é entendida como “um campo de conhecimento dos grupos humanos” (Pereiro, 2009: 105), e vista como um campo de ação específico que se pode fundir com outros, a economia e a política, passando a ser encarada como um produto cultural que pode ser consumido. Segundo Denis Cuche, “a cultura é uma construção histórica e está relacionada com todos os aspetos da vida social. Nenhuma cultura existe em estado puro, idêntica a si própria. Todas as culturas sofrem influências internas e externas e, por isso, toda a cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução” (Cuche, 1999: 98, apud Marujo, 2014: 2).

Apesar de não existir uma definição consensual de cultura, existem aspetos que são comuns em todas as definições, as ideias, os valores, os costumes e símbolos de formas distintas nos diversos grupos sociais. Desta forma, podemos assegurar que uma viagem é uma atividade cultural, na medida em que existe uma ligação entre o indivíduo e a sociedade e cultura abrange tudo o que representa a população através das suas ações.

2.2.3. Motivações do turista cultural

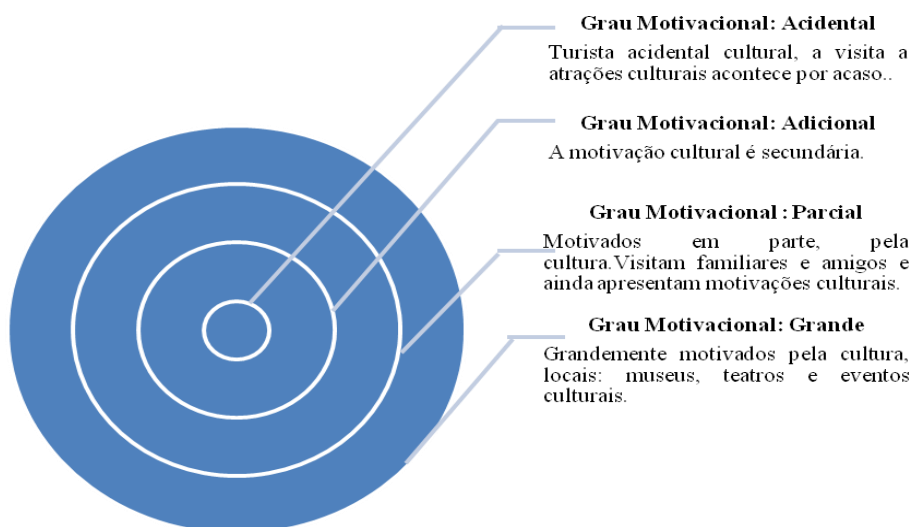
Como referimos previamente, toda a atividade turística acaba por envolver um elemento cultural, seja a visita ao local, a frequência de um evento cultural ou somente o desfrutar do ambiente de rua, por isso, há a clara tendência para considerar todo o turismo como “turismo cultural”.

Greg Richards (2009: 25) demonstra que, apesar de muitas das viagens realizadas não terem o intuito de visita cultural, estas acabam por o serem, “se chover, o turista de praia troca a praia pelo museu. Turistas em dia livre pela cidade podem se deparar com um festival local, durante uma caminhada exploratória”, face a este consumo cultural, quase acidental, é importante ter em conta as motivações deste tipo de turista, que nem sempre estão previamente definidas.

Considerar a motivação dos turistas culturais é importante, pois esta difere em função de já trazerem propósitos culturais definidos para as viagens, ou de serem acidentais.

Silberberg (1995: 361) desenvolveu um esquema através do qual define os vários graus de motivação no que diz respeito ao consumo de turismo cultural, baseado num estudo desenvolvido em Ontário, no Canada (ver figura 2.1).

Figura 2.1 – Grau de motivação do turista cultural



Fonte: Silberberg (1995)

Não é fácil determinar a motivação de cada turista cultural, pois constatamos que não existem motivações fixas mas sim diferentes graus de motivações, que podem ser acidentais, adicionais, parciais ou grandes, variando a sua motivação em proporção do interesse que possuem por eventos culturais, pelo que fica claro que o grau de motivação acidental representa a maior parte da procura, extremo oposto, os grupos com motivação muito elevada representam uma minoria. Esta análise da motivação é pertinente na medida em que este fator interfere muito na formação de um destino turístico, pois a oferta ajusta-se à procura. Contudo, há que ter em conta que mesmo o turista com motivação acidental pode ter contacto com uma realidade cultural que o entusiasme para novas visitas. Na verdade, Richards (2004: 248) definiu dois tipos de turistas culturais, os “abutres” e os “acidentais”, sendo que os primeiros fazem das atrações turístico-culturais um fator prioritário na sua escolha. Já os “acidentais” não consideram estas atrações na escolha de um destino turístico, consomem cultura de uma forma casual.

Efetivamente a relação entre turismo e cultura pode manifestar-se de três formas:

- 1 – Entre o turismo e a arte consubstanciada no designado turismo de arte;
- 2 – Entre o turismo e o património monumental assente no designado turismo patrimonial/turismo de património;
- 3 - Entre o turismo e um lugar específico (turismo étnico) – turismo num lugar específico (Ashworth, 1995:266).

Laura Prat e Pura Cànoves (2012: 123) evidenciam um aspeto fulcral do turismo cultural: a componente emocional da experiência, ou seja, o facto de o turista quando experiência as atividades do destino turístico passar por diferentes estados emocionais, que normalmente não sente no seu quotidiano. Esta experiência possibilita o despertar de emoções que garantem a satisfação do turista, e é precisamente esta satisfação que vai criar elos de ligação com o destino turístico.

Como em todos os tipos de turismo existem impactos que é importante perceber, pelo que este tema será analisado no subcapítulo seguinte.

2.2.4. Impactos do turismo cultural

O poder local tem vindo gradualmente a incrementar o turismo cultural, e a própria UNESCO (<http://en.unesco.org/>) faz esta promoção como meio de preservar o património mundial. Entende-se, portanto, que o turismo cultural tem essencialmente efeitos positivos nos recursos e produtos locais, na medida em que preserva e protege parte do património que, de outra forma, seria

esquecido e abandonado. Ou seja, o turismo cultural contribui para a preservação de uma identidade cultural que é a base de suporte para o destino. Há, todavia, que ponderar de que forma o excesso de pessoas e a sua permanência nos locais pode ser problemática e que assumir medidas no sentido de preservar a sua atratividade, autenticidade e qualidade. Até porque as práticas de turismo cultural não se coadunam com a prática de turismo de massas, pois é um turismo que valoriza os destinos em função da sua identidade, do seu espaço físico e da sua história. Logo, a sobrecarga de um destino de turismo desta natureza poderá comprometer a sua continuidade e a possibilidade de que gerações futuras as possam usufruir. A este propósito Pereiro elucida como deverá ser concebido um itinerário cultural e qual a melhor forma de o tornar sustentável. Segundo o autor:

os critérios de criação de um itinerário cultural devem ter em atenção os valores culturais, a memória histórica, a história, o património cultural e natural, e a pluralidade de identidades de um território. Os itinerários culturais devem promover os intercâmbios e os contactos não estereotipados entre os locais e os visitantes, respeitar o meio ambiente e seguir os princípios do desenvolvimento sustentável, procurando assim, evitar os impactos negativos da actividade. Esta última ideia obriga-nos a pensar sobre a capacidade de sustentação do território e a repensar a realização de itinerários para grupos não muito grandes. (2005: 233)

O turismo cultural depara-se com um grande desafio, que é o de assegurar a sua sustentabilidade, incentivando o seu acesso, mas equilibrando-o de forma a que os excessos não comprometam a sua continuidade e preservação. Com efeito, o turismo cultural, quando planeado e devidamente integrado, é uma forma de preservar, não só o património edificado, mas também os saberes tradicionais, por exemplo, o que implica não só a conservação desse património, mas também a sua renovação e integração em experiências ligadas ao turismo criativo, que têm ganho cada vez mais relevo, mesmo em termos de negócio.

Terminada a abordagem ao turismo cultural, passamos para o segmento do turismo literário, que é o tema que abordaremos no capítulo seguinte.

2.3. Turismo literário

Como vimos atrás, no conceito de turismo cultural cabem numerosos nichos que implicam turismo e cultura, como é o caso do turismo gastronómico, do etnográfico e do arquitetónico, por exemplo, mas também do literário. Na verdade, a expansão do turismo cultural deve-se, em grande parte, à proliferação de produtos turísticos provenientes da cultura, sendo que os produtos turístico-literários integram estes últimos.

É neste contexto que surge a literatura enquadrada no turismo, pois além da produção de riqueza intelectual é uma estratégia de diferenciação no setor turístico.

Na perspectiva de que “A cultura e a história são fatores de diferenciação do turismo português que em confronto com a concorrência tem os seus argumentos” (Lopes, 2010:145), percebemos que a crescente promoção do turismo cultural pode conduzir ao reconhecimento do papel da literatura enquanto fator de animação turística no desenvolvimento das cidades.

Assim, a relação entre turismo e literatura, que é uma tendência gradual baseada nas transformações socioculturais que levam cada vez mais à promoção do lazer, inclusão, multiculturalismo (Magadan e Rivas, 2012) e rejeição das práticas globais padronizadas, funde-se no termo turismo literário. No entanto, apesar de não haver, ainda, um trabalho académico muito relevante nesta área, o que resulta numa consequente falta de dados estatísticos sobre este segmento, a verdade é que nas últimas duas décadas desenvolveu-se um crescente interesse sobre esta temática.

Concretizar uma definição de turismo literário é fazer, antes de mais, o enquadramento deste tipo de turismo. Sendo duas áreas de estudo distintas, literatura e turismo estão intimamente ligadas, pois um turista já é um leitor quando se documenta e pesquisa informação para a tomada de decisão do destino para o qual quer viajar. E um leitor também é um turista, em potência, na medida em que a leitura de um livro o leva a viajar a partir do momento em que entra na história literária e a começa a viver. Porém, nenhum destes atos é turismo literário, na medida em que esta prática implica a associação de um texto literário a um espaço físico, trata-se da deslocação efetuada com essa motivação.

Maria Mendes (2007: 87) defende que o turismo literário “privilegia os lugares e os eventos dos textos ficcionados, bem como a vida dos seus autores, promovendo a ligação entre a produção literária e artística de um autor e os turistas que visitam esses locais”. É precisamente a leitura da obra, o conhecimento da vida do autor e as relações que podem ser estabelecidas nos lugares literários que vai permitir ao turista tirar mais proveito da experiência.

Esta experiência capacita o turista para usufruir do espaço através do olhar do escritor, o que lhe permite descobrir particularidades específicas, interesses e valores culturais, para os quais não estaria desperto, a não ser pela realização do itinerário literário. Esta leitura pode acontecer previamente à concretização do itinerário literário, ou poderá ser um impulso para quem ainda não fez a leitura, de o fazer numa fase posterior. A generalidade dos autores contextualiza o turismo literário dentro do turismo cultural, como também já referimos na secção 2.2.3. David Herbert (2001: 312-333) categoriza o turismo literário como um nicho do turismo patrimonial e, se por um lado estes se complementam, também não se podem ignorar as suas diferenças que os separam. O

turismo patrimonial está mais centrado nos lugares, uma vez que abrange bens materiais e imateriais específicos de determinado local. Para Hans Christian Andersen e Mike Robinson (2002: 13-14) o turismo literário é um tipo de turismo cultural, visto de uma perspetiva antropológica, pois envolve turistas e visitantes que reconhecem, descobrem e criam significados de valores culturais com as pessoas que se tornaram parte desses lugares. A partir de uma perspetiva estética, os autores defendem que o turismo literário também se relaciona com o turismo criativo, na medida em que a literatura se baseia numa arte criativa. Esta última perspetiva é contrária à de Baleiro e Quinteiro (2017: 33) uma vez que o turismo criativo é sinónimo de turismo experiencial, o que pressupõe o envolvimento do turista em atividades realizadas durante a experiência turística.

Na perspetiva das autoras Rita Baleiro e Sílvia Quinteiro (2017: 34-35) o turismo literário pode ser definido “como um nicho do turismo cultural que tem a especificidade de implicar a deslocação a lugares relacionados com a literatura.”.

Estas autoras defendem que este nicho do turismo cultural se refere às deslocações com o intuito de visitar lugares onde se podem encontrar uma série de elementos relacionados com grandes obras ou com autores da história de literatura, tais como casas museus, cafés, escolas, universidades. Ou seja, o turismo literário encerra uma motivação cultural para visitar lugares relacionados com obras literárias ou onde os seus autores deixaram alguma marca.

Entre as definições mais relevantes salienta-se a de Richard Butler, que define turismo literário como “uma forma de turismo, na qual a principal motivação para visitar determinados locais está relacionada com o interesse pela literatura. Tal pode incluir a visita a casas antigas ou atuais de autores (vivos e mortos), a locais reais e míticos da literatura, e a locais associados a personagens e eventos literários.” (2000: 360).

O turismo literário é um novo turismo cultural que entrelaça a ficção no mundo real (Magadán Díaz e Rivas García, 2012: 177), pois ao visitar estes lugares, o turista pretende conhecer a realidade (espaço físico, biografia do autor) e o que é proposto na ficção (passado) e consegue interagir com estes elementos espaciais, o que torna o turista mais próximo do que foi narrado. Com efeito, através da leitura qualquer pessoa pode aceder a um mundo imaginário, relacionando-o com a história que está a ler e a imagem que está a visualizar, mecanismo que tem o potencial de despertar uma grande curiosidade e desejo de visitar os locais, as paisagens ou as cidades associadas aos autores. É, pois, neste contexto que surge frequentemente o impulso para a prática de turismo literário.

Para Coutinho (2016: 48), “o turismo literário é uma modalidade recente que tem como pressuposto a atração de turistas que buscam vivenciar sentimentos e emoções gerados por textos

literários, extrapolar as limitações da imaginação e visitar fisicamente lugares e paisagens que inspiraram, atuaram como cenário, ou fizeram parte da vida de seus autores preferidos, dentre outros”. Com efeito, o texto literário em conjunto com os lugares geram emoções.

Apesar de haver inúmeras definições de turismo literário, nesta investigação será adotada a de Magadán Diaz e Rivas García (2011: 22) que o descreve como “Uma modalidade de turismo cultural que se desenvolve em locais relacionados com os acontecimentos dos textos de ficção ou com as vidas dos autores. Um novo turismo cultural que interliga a ficção com o mundo real”. (tradução própria). Uma definição que tem como elemento-chave “o lugar”, o lugar onde literatura e espaço físico se interseccionam, e que corresponde a uma fração de espaço que o indivíduo isola e delimita mentalmente neste processo de reconhecimento. Na verdade, o espaço constitui-se elemento fundamental neste processo, pois é sobre ele que as personagens, autores e os turistas se movimentam e interagem. Não existe atividade turística sem um espaço físico. De resto, como vimos, a definição de turismo pressupõe a deslocação do indivíduo para fora do espaço habitual de residência e, conseqüentemente a sua presença num outro espaço, o destino.

Já no que se refere à literatura, a descrição ou a mera evocação de um determinado espaço físico no texto é essencial para assegurar uma experiência única ao turista literário que ao mover-se sobre esse espaço, até então imaginado e idealizado, dá forma com a sua presença e o seu olhar a uma nova paisagem, daí que a paisagem turístico-literária seja um elemento em constante construção/multiplicação.

Vejamos, então, na próxima secção, quais as motivações que estão na origem da deslocação do turista literário.

2.3.1. Motivações do turista literário

Conhecer o perfil do turista literário é essencial para a construção de um itinerário literário. Podemos estar perante um turista que lê ou perante um turista que não teve qualquer contacto com a obra literária do autor.

São muitas as razões de atração dos consumidores de turismo literário, nomeadamente:

- 1 - “Atração por lugares que têm conexões com a vida dos escritores” (Magadán Diaz e Rivas García, 2011: 30). Conhecer o destino, que pode ter relação direta com o escritor, a sua casa ou o local onde nasceu.
- 2 - “Atração pelos locais geográficos que surgem em algumas obras literárias (Magadán Diaz e Rivas García, 2011: 30). Sentir curiosidade pelos lugares literários que surgem descritos nas obras literárias.

3 – “Atração pela localização que inspirou e emocionou o autor ou contribuíram para a sua criação literária” (Magadán Diaz e Rivas García, 2011: 30).

4 – “Curiosidade geral” (Magadán Diaz e Rivas García, 2011: 30).

Para a conceção de um produto turístico é essencial que se perceba qual a motivação do turista, no caso particular do turismo literário essa motivação torna-se tão importante quanto complexa. Podemos estar perante um turista que lê, como podemos deparar-nos com um turista que não lê ou não tem conhecimento da obra. O turista que já leu o livro ou conhece o autor, de alguma forma já conhece parte do produto que vai experienciar, pelo que é essencial que o fator inovação e criatividade tenham de ser diferenciadores na conceção do produto turístico. Já para o turista que não conhece os textos ou autores, é fundamental um maior investimento na interpretação.

George Stigler e Garry Becker (1977: 1150) defendem que o consumo de bens e serviços culturais pode ser considerado um “vício positivo”. Este consumo é essencial para que se criem hábitos de acesso à cultura e são exatamente esses hábitos culturais, em geral, e a literatura, em particular, o motivo principal, ainda que, como vimos, não único, de interesse pela procura de turismo literário.

O turismo literário promove a ligação entre os lugares e eventos ou personagens dos textos ficcionados, a vida dos seus autores e os turistas que visitam esses locais. Este turista literário visita lugares literários cuja motivação é a curiosidade e não o conhecimento profundo da obra e do escritor. Não se pode, no âmbito deste conceito, deixar de referir que muitas vezes existe a fusão entre turismo literário e cinematográfico, nomeadamente quando uma obra literária é adaptada ao cinema numa produção de grande sucesso comercial. O turista literário, neste caso, é motivado pelo conhecimento que quer ter das paisagens e dos momentos que forma marcantes enquanto via o filme. Neste caso, é difícil perceber qual dos dois suportes foi impulsionador para a escolha do destino.

As motivações que levam os turistas a um local literário manifestam-se muitas vezes através da emoção, no sentido em que se procura reviver sentimentos, e será essa escolha que pode influenciar na escolha de um destino turístico. O turista literário que tem como principal motivação a vontade de reviver emoções é aquele que já teve contacto com a obra literária. Essa vontade está relacionada com o facto de o indivíduo sentir a necessidade de tornar essa mesma experiência real, concretizando-a num espaço físico que tenha ligação com a obra ou o escritor.

2.3.2. Definição de lugar literário

O conceito de lugar literário é fundamental quando falamos de literatura, uma vez que toda a escrita cria uma espécie de cartografia do mundo. Na opinião das autoras Rita Baleiro e Sílvia Quinteiro (2017: 52) o conceito de lugar “designa uma fração do espaço que é isolada, produzida e nomeada (no contexto de um processo de ressignificação que tanto pode ser individual como coletivo)”, isto é caso este lugar não seja dotado de significado e lhe sejam atribuídas características que o diferenciem do restante espaço, esse lugar será apenas um espaço e não um lugar dotado de significado. O lugar literário é uma porção de espaço com significado literário. Os textos literários têm, assim, esta capacidade de “acrescentar valor turístico a um lugar” (Baleiro & Quinteiro 2014: 24), transformando-o em lugar literário, o que por sua vez, pode originar uma prática turística.

Reconhecemos na literatura a capacidade de despertar o interesse em aprofundar o que foi lido, o que nos possibilita de viajar até aos lugares e contemplar os símbolos associados com as obras e os autores. Neste sentido, os lugares literários são lugares associados a escritores e às suas vidas, que refletem aspetos das obras e que podem despertar sensações nostálgicas e/ou inspirativas (Herbert, 1995: 33).

Os locais onde exista uma relação entre os escritores e as obras literárias tornam-se lugares literários, na medida em que há uma referência ao escritor, à sua obra ou à sua vida. Estes lugares estão associados a factos reais, relacionados com a vida do autor, ou a factos ficcionados, quando associados a personagens de um livro, por exemplo. Na opinião de Mike Crang (2006: 54-55) visitar um lugar literário é interpretar a leitura, visitar o local e obter uma perspetiva real das personagens que são ficcionadas.

É importante distinguir os lugares literários que são baseados em locais com relevância na vida do escritor, como é o exemplo da casa onde determinado escritor viveu, o local onde costumava escrever, onde bebia café e os locais que são uma construção social, isto é, têm ligação com a vida do escritor mas são concebidos para reinventar esse espaço, como é o caso dos parques literários.

Em seguida expomos a opinião de David Herbert (1996) que enuncia as características do lugar literário enquanto atração turística. Este autor é da opinião de que um lugar literário pode ser uma atração turística por si só ou pode-se transformar numa oferta turística mais abrangente, possuindo dois tipos de características:

(i) Características específicas, que tornam determinado lugar num lugar literário, como é o caso da relação do local com o escritor;

(ii) Características gerais, como podem ser um cenário atrativo, e os serviços complementares que existem nesse local;

Estas características, no seu conjunto, deverão ser utilizadas para promover a atratividade do destino turístico.

O que torna um lugar literário numa atração turística? David Herbert (2001) explica que não basta uma casa-museu ter sido o berço de um escritor e que existem qualidades excepcionais da casa que, adicionadas a qualidades gerais do local, a transformam num atrativo turístico. É sim necessário que estes lugares sejam promovidos para atrair visitantes. No que diz respeito às qualidades excepcionais do lugar literário, o autor refere aquelas que estão intimamente relacionadas com a vida do escritor, como o seu nascimento ou um outro acontecimento marcante da sua vida, ou ainda, com a sua obra, nomeadamente com a descrição do local visitado, o que lhe confere um significado especial e único. Outras qualidades de exceção do lugar, desta vez mais ligadas a valores afetivos, poderão ser, por exemplo, o poder que o local tem de evocar memórias nos visitantes, de relembrar histórias, livros ou autores que foram lidos na infância.

Na perspetiva de Richard Butler (2000: 360) a viagem literária começou por ser uma forma de peregrinação centrada na figura do autor e só mais tarde é que foi motivada pelo desejo de conhecer os lugares reais e ficcionados associados ao texto. Concordamos em absoluto com esta ideia, uma vez que a viagem literária foi sendo cada vez mais abrangente e a perspetiva de Butler vem enriquecer esta definição ao incluir a obra e as suas personagens, o que torna a experiência mais enriquecedora.

É precisamente ao produto e às experiências literárias que dedicamos o subcapítulo seguinte.

2.3.3. Produtos e experiências de turismo literário

A criação de um produto é um ato que exige sempre um grande nível de criatividade. Atualmente a diversidade de produtos e experiências obrigam a que estes sejam diferenciadores, para se tornarem atrativos.

Na opinião das autoras Rita Baleiro e Sílvia Quinteiro (2017: 40- 41) a “interseção entre literatura e turismo é visível através da criação e sinalização de lugares literários e sob estes assenta a criação de produtos e experiências turísticas diversificadas”. Esta diversidade deve-se a vários fatores, nomeadamente o público-alvo e o género literário destes produtos, pois é diferente conceber um produto baseado na ficção infantil ou num poema.

Com base na listagem de produtos e experiências literárias elencadas pelas autoras Rita Baleiro e Sílvia Quinteiro (ver tabela 2.2), destacamos as mais relevantes, nomeadamente as que se relacionam com a prática existente no Algarve.

Tabela 2.2 – Tipos de produtos e experiências literárias

Tipos de produtos e experiências de turismo literários	
As viagens com a finalidade de visitar os lugares dos autores	As visitas a livrarias
As visitas com a finalidade de conhecer os lugares das obras	A participação em concursos
A realização de passeios literários	A participação em tertúlias e sessões de leitura
As viagens para participar em festivais literários	As encenações dramáticas de textos literários
As visitas a bibliotecas	

Fonte: Rita Baleiro & Sílvia Quinteiro (2017: 41 - 42)

De seguida faremos a definição de itinerário literário, um conceito estruturante neste projeto.

2.3.4. Itinerário literário

É importante percebermos o que é um itinerário, uma vez que o presente projeto se desenvolve em torno da conceção de dois. Para definir itinerário subscrevemos a opinião de L. Aguiar (2012: 117) “o itinerário deve-se entender como uma descrição de um caminho que especifica os lugares por onde passa e vai propondo uma série de atividades e serviços no decurso do passeio”.

Atualmente a diversidade de itinerários é muito grande, desde os itinerários históricos, artísticos e gastronómicos, para mencionar alguns. Apesar do nosso projeto se centrar na conceção de um itinerário, importa defini-lo, sendo que neste caso falamos de um itinerário literário.

A construção de um itinerário literário vai mais além de uma listagem de lugares literários, há elementos que têm de ser integrados, quer em termos culturais, quer em termos de lazer. Na perspetiva de Luís Figueira (2013: 20) o itinerário literário é criado a partir de um processo de “inventariação dos recursos com aptidão turística, [pela] a inclusão de outros recursos passíveis, circunstancialmente ou em definitivo, de integrar no turismo, e suscitar a invenção de atrativos

criados para o efeito (eventos, por exemplo), considerados como pertinentes à definição de produtos turísticos característicos de um destino.” Além da inventariação está implícita a junção de outros atrativos que o possibilitarão de ser definido como um produto turístico.

De acordo com Liliana Frieza *et al.* (2007: 11), a realização de um itinerário literário pressupõe sempre dois cenários, um em que o indivíduo já tem um conhecimento prévio da obra literária do(s) autor(es) e outro em que o indivíduo, no decorrer do itinerário fica interessado na obra do(s) autor(es). Tanto num caso como no outro, estes itinerários serão sempre uma ferramenta para que se possa divulgar as obras literárias e os seus autores.

Verificamos, pois, que a influência da obra literária tanto pode surgir antes como durante a viagem: antes, o indivíduo lê a obra, desejando posteriormente conhecer o local descrito na mesma ou outros locais relacionados com o autor; durante, o turista tem conhecimento da existência de um roteiro literário e decide experimentar, podendo surgir posteriormente o desejo de conhecer a obra. (Frieza *et al.*, 2007:11)

Uma problemática que merece ser analisada na conceção dos itinerários literários é perceber até que ponto é espelhada a vida do(s) autor(es), ou a mesma é alterada em função dos visitantes e da sua expectativa. Na opinião de Luís Martins (2011: 4) “Os guias constituem elementos fundamentais entre a panóplia de ferramentas que integram a bagagem do turista, difundindo através de um modelo estabilizado ao longo destes cerca de duzentos anos conteúdos simplificados e/ou simplificáveis de proximidade imediata, fáceis de aceder e entender, que em simultâneo certificam e sublinham o essencial e «obrigatório».” Sendo necessário adaptar a linguagem e postura ao público-alvo, não deve ser descuidado o rigor científico, da parte de quem concebe o itinerário literário. Não se pode esquecer que um dos objetivos de quem concebe o itinerário literário, do ponto de vista económico, é a rentabilização desse serviço e o seu consequente lucro, contudo a exatidão e o rigor da informação transmitida terá de ser assegurada.

Na investigação realizada percebemos que existem conceitos diferentes, que importa distinguir, nomeadamente o conceito de itinerário, rota e circuito. Na falta de definições claras, optamos por ressaltar as características que são comuns a estes três conceitos. Luís Figueira (2013:25) afirma que todos são “elementos estruturantes dos percursos oferecidos num destino turístico” e “instrumentos ao serviço da valorização e desenvolvimento dos territórios” (2013: 20).

No presente projeto optamos pela utilização do vocábulo itinerário, que na opinião das autoras Rita Baleiro e Sílvia Quinteiro (2017:73) assume o “significado de descrição de um caminho e respetivo conjunto de locais de interesse a visitar”.

Na tabela 2.3 apresentamos as diferentes características que um itinerário literário pode ter.

Tabela 2.3 – Dimensão de um itinerário literário

Dimensão	Tipo percurso	Abrangência	Deslocação
Curta duração (não carece de alojamento, é realizada em poucas horas).	<i>Linear</i> (ponto de saída diverso do ponto de chegada)	Local	Pedestre
Duração normal (uma a duas semanas) Espaço físico e temporal mais amplo centrando-se, regra geral, em múltiplos autores e que, tendo a duração de vários dias, são enriquecidas com experiências artísticas, gastronómicas e de natureza.	<i>Nodal</i> (um mesmo ponto de saída e entrada)	Regional	Rodoviária
		Nacional	Ferroviária
			Marítima
			Fluvial
		Aérea	

Fonte: Elaboração própria com base em Figueira (2013)

Os itinerários mais comuns possuem uma duração inferior a um dia e cingem-se aos limites espaciais de uma cidade, com foco num autor ou numa obra. Já os itinerários mais longos são mais dispersos no espaço físico e podem abarcar um ou múltiplos autores, uma vez que duram mais do que um dia e, de uma forma geral, têm associadas experiências. Relativamente à abrangência, estes itinerários podem ser concebidos num nível local, regional ou nacional.

Em termos de deslocação, os turistas podem realizar itinerários literário, por diferentes meios, pedestre, rodoviário, ferroviário, marítimo, fluvial e aéreo. Na nossa perceção a deslocação mais comum é realizada de forma pedestre, pois é a que permite uma maior acessibilidade a muitos locais históricos, onde não circula trânsito. No entanto, a realização de um itinerário não invalida a hipótese de utilizar dois, ou mais meios, de deslocação.

No que diz respeito a iniciativas de turismo literário em Portugal já existem alguns levados a cabo por entidades, tanto públicas como privadas. Os festivais literários também já fazem parte de muitas agendas culturais espalhadas pelo país. Alguns museus e fundações existentes atraem visitantes movidos pelo gosto pela literatura. Em termos regionais, no Algarve, a oferta de itinerários literários é ainda muito escassa, panorama que tenderá a melhorar significativamente com a criação da Rota Literária do Algarve, projeto que será finalizado em setembro de 2021.

Da parte das agências de viagens, ainda não há uma estratégia delineada relacionada com o turismo literário, salvo uma exceção, a agência Pinto Lopes Viagens que possui viagens com autores, mas não existe uma ligação entre estes, ou a sua obra, e os lugares que visitam.

O próprio Turismo de Portugal não faz qualquer referência a itinerários literários, nem se vislumbra a intenção de implementar uma estratégia de atuação neste segmento. Apesar de estar longe de ser uma estratégia a campanha Ler Portugal, lançada no mês de abril de 2020, pelo

Turismo de Portugal é um ponto de partida para colmatar esta falha. A aposta principal do Turismo de Portugal é a promoção do turismo patrimonial.

Já as câmaras municipais que, muitas vezes, são as entidades mais impulsionadoras do turismo cultural, desvalorizam o turismo literário, quando o deveriam impulsionar de forma a valorizar o seu património literário e poder articulá-lo com as escolas.

Com base nestas características achamos relevante fazer uma análise dos itinerários literários existentes a nível nacional, de forma a que possamos avaliar como as diferentes atividades podem dar origem a produtos de turismo literário diferenciadores.

Achamos importante fazer uma análise dos itinerários literários existentes a nível nacional, de forma a que possamos avaliar como as diferentes atividades podem dar origem a produtos de turismo literário diferenciadores. De seguida fazemos o levantamento dos itinerários, mais relevantes, existentes a nível nacional.

A tabela 2.4 é referente aos projetos, produtos e experiências de turismo literário mais relevantes a nível nacional, começando com a apresentação dos que se realizam no Algarve, por uma questão de proximidade com a região e com o tema do nosso projeto. Como facilmente se verifica, os projetos, produtos e experiências de turismo literário no Algarve são escassos, o que favorece o nosso objetivo de criar dois passeios literários. Na tabela apresentamos ainda informação sobre as entidades organizadoras e uma breve descrição das características mais relevantes de cada produto e experiência. Optámos por não distinguir, explicitamente, aqueles que são dinamizados por empresas públicas e os que o são por entidades privadas, pois essa informação deduz-se pela menção ao custo ou gratuidade do serviço oferecido. Este levantamento foi efetuado através de uma pesquisa *online*, antes da realização dos itinerários de Tavira e Vila Real de Santo António e foi muito benéfico na medida em que nos possibilitou ter uma noção mais precisa dos locais onde são realizados, quais as entidades que os dinamizam e de que forma são concretizados. Apesar de não ser um levantamento exaustivo, mas sim ilustrativo, foi um ponto de partida muito importante que nos mostrou um pouco do panorama nacional, no âmbito do turismo literário.

Destacam-se apenas os itinerários oferecidos por duas agências de viagens: a Mil Andanças e a Pinto Lopes Viagens, que organizam viagens com escritores. Já existem muitos itinerários, que são concebidos essencialmente pelos municípios, contudo em termos académicos existe trabalho desenvolvido e que originou itinerários literários, como é o caso do projeto *The Route*, desenvolvido pelo Centro de Estudos Interculturais (CEI) do ISCAP (Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto) e o projeto Viajar com Branquinho da Fonseca, de Maria Mota Almeida professora da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

Tabela 2.4 – Listagem de itinerários literários no Algarve e noutras regiões

Listagem de itinerários literários no Algarve e noutras regiões				
Itinerários	Local	Dinamizador/Promotor	Descrição/Objetivos	Custo
Walking Poetry (2010)	Vila Real de Santo António e Cacela Velha	Câmara Municipal de Vila Real de Santo António	Dar a conhecer o património destas duas localidades, na companhia de poetas lusos. Oferece percursos culturais aliados a textos literários e poéticos - disponíveis em três línguas (português, castelhano e inglês) - recorrendo a um mapa e a um leitor MP4	Gratuito
Poesia na rua (2010)	Cacela Velha	Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela / Câmara Municipal de Vila Real de Santo António	Contou com a 1ª edição em 2010. Desde 2013 que não se realiza. Tem como ponto de partida a herança poética de Ibn Darraj al-Qastalli, natural de Cacela onde nasceu em 958, bem como de outros poetas que escreveram sobre Cacela Velha ou aqui viveram (Abû al-‘Abdarî, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Teresa Rita Lopes, Adolfo C. Gago).	Gratuito
Passeio Álvaro de Campos (outubro 2018)	Tavira	Organizado pela Associação Partilha Alternativa Promovido pela empresa Tavira Walking Tours	Passeio que percorre as ruas e locais com ligação a Álvaro de Campos	Percorso pedestre: 7,50€ (por pessoa) Percorso de tuk-tuk: 25,00€ (2 pessoas)
Passeio Literário Cândido Guerreiro e a Aldeia de Alte (2017)	Alte	Professoras da Universidade do Algarve, Rita Baleiro e Sílvia Quinteiro. (Projeto Lit & Tour centro de estudos comparatistas)	Este passeio dá a conhecer alguns episódios da vida e da obra do poeta Cândido Guerreiro.	Gratuito
Caminhada Literária do Ameixial (2018)	Ameixial	Professoras da Universidade do Algarve, Rita Baleiro e Sílvia Quinteiro. (Projeto Lit & Tour centro de estudos comparatistas)	Inserido no Walking Festival Ameixial, as Professoras Rita Baleiro e Sílvia Quinteiro conceberam e guiaram esta atividade, que foi a primeira caminhada literária deste festival.	Gratuito

Listagem de itinerários literários no Algarve e noutras regiões

Itinerários	Local/Data	Dinamizador/Promotor	Descrição	Custo
FLIQ - Festival Literário Internacional de Querença	Querença/2016	Fundação Manuel Viegas Guerreiro	Teve a sua 1ª edição em 2016, com o objetivo de celebrar a dimensão da literatura, promover sem restrições o gosto pela leitura e pela escrita reforçando o ambiente literário na região.	Gratuito
FICLO - Festival Internacional de Cinema e Literatura de Olhão	Olhão/2019	Organizado pelo Cine Clube de Tavira em coprodução com a Câmara Municipal de Olhão	Em 2019 realizou-se a primeira edição. Propõe um programa de inesperadas ligações entre o cinema e a literatura,	Gratuito
Poesia a Sul	Olhão/2015	Câmara Municipal de Olhão e Comissariado pelo poeta Fernando Cabrita	É um encontro literário que inclui exposições, apresentações de livros, palestras, momentos musicais, declamação de poemas.	Gratuito
Projeto Lit&Tour	Algarve/2012	Professores da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve, e investigadores do Centro de Estudos Comparatistas, do Centro de Tradições Populares Portuguesas, ambos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, bem como do Centro de Estudos Sociais de Coimbra.	Tem como objetivo promover a investigação sobre a interseção das áreas científicas da Literatura e do Turismo. Uma confluência interdisciplinar que tem a capacidade de ressignificar a geografia, reconstruir lugares e de redefinir os conceitos como o de lugar literário, turista ou viajante.	Gratuito
Projeto TheRoute	Porto e grande Porto/2016	StreetArtCEI é um projecto do Centro de Estudos Interculturais (CEI) do ISCAP/P.PORTO nascido na sequência da sua participação no projecto SAICT/23447 “TheRoute – Tourism and Heritage Routes including Ambient Intelligence with Visitants’ Profile Adaptation and Context Awareness”, liderado pelo Politécnico do Porto.	Tem como objetivo oferecer ao visitante a materialização da obra literária. Criaram rotas turísticas ilustrativas da vida e obra de autores como Camilo, Saramago, Aquilino, Eça e Junqueiro, entre outros.	Gratuito
Viajar com Branquinho da Fonseca	Marvão/2018	Maria Mota Almeida Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais e Humanas, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE).	Pretende chamar a atenção para a importância que o património literário e fotográfico de um autor detém na valorização de uma localidade.	Gratuito

Listagem de itinerários literários no Algarve e noutras regiões

Itinerários	Local/Data	Dinamizador/Promotor	Descrição	Custo
Óbidos Vila Literária (Fólio – Festival Literário Internacional de Óbidos)	Óbidos/2013	Cidade Literária, desde 11 de dezembro de 2015.	Projeto Óbidos Vila Literária é uma estratégia criativa de desenvolvimento que o Município tem vindo a desenvolver, desde 2013, com a parceria da Ler Devagar e que pretende envolver o território de Óbidos de cultura e de livros que se expandem pelo país e pelo mundo.	Gratuito
Itinerários Literários – Viajando pela Literatura Portuguesa	Esta obra encontra-se organizada por seis itinerários literários distintos: -“Percurso dos Trovadores” -“Percurso Garrettiano” - “Camilo e a casa de S. Miguel de Seide” -“O Porto romântico” -“Lisboa Queirosiana” -“Sintra Queirosiana” -“Eça e a Casa de Tormes”. 1994	Elvira Azevedo e Zaida Braga.	Direcionada para um público jovem, para estudantes, embora possa ser utilizado também por um público com interesses literários. Cada roteiro ou itinerário literário proposto está estruturado da seguinte forma: percurso a realizar, a que se associa um texto literário de suporte; informações de natureza prática e bibliografia consultada.	Gratuito
Roteiro de Eça de Queirós em Évora	Évora/2017	Câmara Municipal de Évora (conteúdos científicos de: Manuel Alcario, Manuel Branco e Marcial Rodrigues)	Pretende dar a conhecer alguns dos principais locais frequentados por Eça de Queirós aquando da sua presença em Évora, sendo também destacados vários eventos em que participou.	Gratuito
Rota escritores de Leiria	Leiria/2012	Câmara Municipal de Leiria	A "Rota dos Escritores de Leiria" inclui um percurso com 25 pontos de interesse, tem a duração de cerca de duas horas e relembra a vida e obra destes homens que tiveram também um papel muito importante na divulgação de Leiria através da sua obra literária.	Gratuito

Listagem de itinerários literários no Algarve e noutras regiões				
Itinerários	Local/Data	Dinamizador/Promotor	Descrição	Custo
Rota d'O Crime do Padre Amaro	Leiria/2014	Câmara Municipal de Leiria	Os participantes são convidados a percorrer algumas ruas da Leiria dos finais do século XIX, onde se desenrolou a história do amor proibido entre Amaro e Amélia, trama do romance "O Crime do Padre Amaro", de Eça de Queiroz. Com ponto de partida na Praça Rodrigues Lobo, a visita guiada tem a duração mínima de uma hora e inclui leitura de passagens do livro e a contextualização histórica dos locais referidos na obra.	Gratuito
Roteiro Queirosiano em Sintra	Sintra/2016	(Câmara Municipal de Sintra, Divisão do Património Histórico-Cultural)	Neste roteiro viaja-se até à Sintra oitocentista, atmosfera que o escritor Eça de Queirós utilizou como palco de partes de ação de "Alves e Companhia", "A Correspondência de Fradique Mendes" e, sobretudo, de "O Primo Basílio", "A Tragédia da Rua das Flores" e "Os Maias".	Gratuito
Roteiro literário "O Caminho de Jacinto"	Região do Douro	Promovida pela Associação Os caminhos de Jacinto	Eça de Queiroz desembarcou algumas vezes na Estação de Aregos (onde inicia o "Caminho de Jacinto"), encantado pela paisagem da região do Douro, logo escreveu o conto "Civilização", que viria dar origem a um dos seus romances "A Cidade e as Serras", publicado em livro, apenas no ano da sua morte.	54,00€ Pessoa
Património e Memória: Aquilino Ribeiro em Lisboa I	Lisboa	Roteiro proposto pelo Centro Nacional de Cultura (CNC)	Esta vista de Lisboa foi magnificamente descrita no romance Mónica (1939) pelo beirão Aquilino Ribeiro que acabou por se render à capital de alma e coração. Os seus restos mortais integram o Panteão Nacional.	10,00€ /Pessoa

Listagem de itinerários literários no Algarve e noutras regiões

Itinerários	Local/Data	Dinamizador/Promotor	Descrição	Custo
Roteiro literário intitulado “Roteiro Camiliano em Ribeira de Pena”. Relacionado com o escritor Camilo Castelo Branco	Ribeira da Pena/2005	Câmara Municipal da Ribeira de Pena	Aproveitando as passagens da vida e obra de Camilo Castelo Branco por Ribeira de Pena, a Câmara Municipal lançou um roteiro cultural que envolve sete locais, um no concelho de Cabeceiras de Basto, a Ponte de Cavês, e seis em Ribeira de Pena: Friúme, a Igreja Matriz do Salvador, a Capela de Nossa Senhora da Guia, a Capela da Granja Velha, a Ponte de Arame e a Casa do Barroso, em Bragadas. Todos eles são espaços de grande riqueza patrimonial, dignos de uma visita, mas que neste Roteiro podem ser apreciados através da leitura de textos escritos por Camilo nas suas obras.	Gratuito
Walking Poetry	Torres Vedras/2009	Câmara Municipal de Torres Vedras	O posto de turismo faculta um áudio guia cultural e multilíngue para realizar a visita. Esta opção baseia-se num mapa e num leitor de MP3 que são disponibilizados no Museu Municipal Leonel Trindade e no Posto de Turismo (e que devem ser devolvidos num destes locais ou no Hotel Império). A partir do mapa pode-se percorrer dez pontos de interesse turístico, estando preparado para cada um deles no MP3 uma leitura explicativa e um texto poético ou literário, o que é facultado em português, inglês e francês.	Gratuito
- Memorial do Convento - Lisboa de Pessoa - Lisboa Queirosiana - Belém e Os Lusíadas	Lisboa	Lisbon Literary Tours	É um grupo de guias-intérprete que se reuniu à volta da paixão comum pela literatura portuguesa. Os seus passeios foram inicialmente pensados para alunos do Ensino Secundário, mas alargaram a atividade e adaptaram-se a todo o tipo de públicos.	4 pessoas: 85,00€ 10 pessoas: 115,00€
Lisboa Literária	Lisboa	Lisbon walker	Uma visita que abrange escritores como Gil Vicente, Eça de Queirós, Padre António Vieira, José da Silva e Bocage.	120,00€ até 10 pessoas

Listagem de itinerários literários no Algarve e noutras regiões

Itinerários	Local/Data	Dinamizador/Promotor	Descrição	Custo
A Lisboa de Antero de Quental e da Geração de 70 e da Geração de 70	Lisboa/2011	Lisboa Autêntica	Conhecer mais de perto alguns dos sítios que marcaram a biografia do poeta e pensador Antero de Quental, assim como os caminhos intelectuais de outros autores da chamada Geração de 70 e do “Grupo do Cenáculo”, entre os quais Eça de Queirós e Oliveira Martins, que também frequentavam o “grupo jantante” dos “Vencidos da Vida”. O Casino Lisbonense e o Café Tavares são dois dos locais emblemáticos da vida literária e cultural da Lisboa do século XIX, que, entre outros, são evocados ou mostrados na visita, para redescobrir o fascínio literário da cidade e a sua maneira de se entrelaçar com a história cultural de Portugal.	12,50€
Eça Lisboa de Queirós	Lisboa/2011	Lisboa Autêntica	Na companhia de “Os Maias”, e outros textos, revive-se a cidade e a sociedade portuguesa do séc. XIX.	10,00€
Lisboa com Fernando Pessoa I	Lisboa/2011	Lisboa Autêntica	Nesta visita descobre-se Lisboa através da vida e das palavras de Fernando Pessoa, passeando pelos sítios frequentados pelo poeta e que se encontram mencionados na sua obra.	12,00€
Lisboa com Fernando Pessoa II	Lisboa/2011	Lisboa Autêntica	Uma viagem em busca dos lugares, das pessoas e dos objetos mais íntimos e amados por Fernando Pessoa. A viagem finaliza na Casa Fernando Pessoa, em Campo de Ourique, onde o poeta viveu e que hoje é o centro cultural de referência para o mundo pessoano.	12,00€

Listagem de itinerários literários no Algarve e noutras regiões

Itinerários	Local/Data	Dinamizador/Promotor	Descrição	Custo
Lisboa de Cesário Verde	Lisboa/2011	Lisboa Autêntica	Cesário Verde viveu uma vida breve, o que não o impediu de deixar para a posteridade uma das obras mais inovadoras e singelas da poesia portuguesa. Vulto do realismo, Cesário distinguiu-se por procurar descrever nos seus poemas a Lisboa do seu tempo plena de contrastes. Partindo do Terreiro do Paço, este passeio vai em busca desses lugares, gentes e sensações, que, podendo ter desaparecido, marcaram todo o modo como agora se olha Lisboa – uma cidade tanto cosmopolita como cheia de aldeias.	10,00€
Lisboa de Saramago – a vida primeiros anos	Lisboa/2011	Lisboa Autêntica	José Saramago teve uma vida difícil em Lisboa, tendo sido um menino pobre, de família muito modesta. Recordou tudo isso num livrinho autobiográfico, intitulado As Pequenas Memórias. Será baseado nesse documento literário que se inicia o passeio no Largo do Intendente, junto ao pequeno jardim da autoria de Joana de Vasconcelos.	10,00€
Lisboa de Saramago II A obra (Memorial do convento)	Lisboa/2011	Lisboa Autêntica	Entre a realidade e a ficção, pretende-se descobrir quais os segredos de D. João V que inspiraram José Saramago numa das suas mais famosas e polémicas obras.	10,00€
Lisboa de Saramago III - a vida e obra	Lisboa/2011	Lisboa Autêntica	José Saramago teve uma vida difícil em Lisboa, tendo sido um menino pobre, de família muito modesta. Recordou tudo isso num livrinho autobiográfico, intitulado As Pequenas Memórias. Será baseado neste documento literário que se inicia o passeio no Largo do Intendente, junto ao pequeno jardim da autoria de Joana de Vasconcelos.	45,00€

Listagem de itinerários literários no Algarve e noutras regiões				
Itinerários	Local/Data	Dinamizador/Promotor	Descrição	Custo
Lisboa dos Maias e de Eça de Queiroz Do Rossio ao “Aterro”	Lisboa/2011	Lisboa Autêntica	O passeio começa pelo final da obra, na praça dos Restauradores. Fazendo várias alusões à obra, citando trechos e fazendo comparações entre o século XIX e o XXI. Várias zonas, ruas e praças são comuns à obra e à vida do próprio Eça, e neste passeio pode-se ver essa relação e compreender a forma como a cidade de Lisboa é uma das personagens mais importantes dos <i>Maias</i> .	10,00€
Lisboa com Tabucchi	Lisboa/2011	Lisboa Autêntica	Neste passeio, acompanha-se os passos das personagens mais emblemáticas de alguns romances de Antonio Tabucchi ambientados em Lisboa, cidade que o escritor italiano escolheu como sua pátria adotiva. Será que o Café Orquídea existe mesmo? Qual é o Convento do Padre António? Quem mora na Rua da Saudade? Começando pelo célebre Café A Brasileira, percorre-se o Bairro Alto, a Baixa e Alfama.	15,00€
Mil Andanças-Viagens e Turismo	Setúbal/1992	Agência de viagens	A Mil Andanças – Viagens e Turismo iniciou a sua atividade em 1992. Desde então, para além de comercializar a habitual oferta turística produz também os seus próprios serviços turísticos, tanto no incoming como no outgoing, privilegiando sempre como segmentos de importância estratégica o turismo de aventura e o turismo cultural.	
Pinto Lopes Viagens	Lisboa/1974	Agência de viagens	A agência de viagens Pinto Lopes Viagens concebe, entre outras, viagens com autores que a partir de um conhecimento prévio do destino criam o conceito, a estrutura, o itinerário, as visitas e as opções de alojamento da viagem.	

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 2.5 elencamos os itinerários promovidos pelo mercado editorial, pelo facto de estarem sempre disponíveis.

Tabela 2. 5 – Listagem de itinerários literários editados em livro

Listagem de itinerários literários editados em livro				
Itinerários	Local	Dinamizador/Promotor	Descrição/Objetivos	Custo
Évora: um itinerário literário	Évora/2014	Luís Carmelo	Foi concebido originalmente como guião para o Peddy-Paper organizado, entre 13 e 15 de Junho de 2014, pela Escola de Escrita Criativa Online (EC.ON) e pelo Centro Nacional de Cultura (CNC). A base dos percursos por que se optou neste itinerário de três trajetos (que podem ser realizados em dois dias) enfatiza a relação entre o imaginário e a rede de lugares associada a obras literárias, a personagens e a casas de escritores	Gratuita a sua realização. O livro tem um custo.
<i>Lisboa em Pessoa</i>	Lisboa/2011	João Correia Filho	O jornalista João Correia Filho concebeu um roteiro para desvendar Lisboa, a partir do texto de Fernando Pessoa, <i>Lisboa: o que o turista deve ver</i> . Desse encontro nasceu a inspiração para que João Correia Filho refizesse o percurso proposto pelo poeta e transformasse a sua aventura num guia: Lisboa em Pessoa - guia turístico e literário da capital portuguesa.	22,90€
Roteiro da Lisboa de Eça de Queiroz e Seus Arredores	Lisboa/2015	Campos Matos	Um roteiro sobre os locais de Lisboa e arredores presentes na obra de Eça de Queiroz. O significado desta geografia onde se movem as suas personagens é aqui escarpado, sendo convocados os edifícios, ruas, travessas, largos jardins, cemitérios e paisagens urbanas, em excertos de textos cuidadosamente referenciados.	14,90€
Viagem no Portugal de Eça de Queiroz	Vários locais	Campos Matos	Uma obra que percorre os locais da geografia queiroziana.	3,50€
Terras do Demo: itinerário Aquilino	Da Serra da Lapa à Serra da Nave cirandando de Sernancelhe a Moimenta da Beira/1997	Centro de Estudos Aquilino Ribeiro	Uma homenagem ao escritor Aquilino Ribeiro que eternizou como "Terras do Demo".	7,50€
Projeto “Viajar Com...” Os Caminhos da literatura coleção de livros	Região Norte	Delegação Regional da Cultura do Norte	Pretende dar a conhecer alguns dos mais relevantes escritores da literatura Portuguesa, cuja vida e obra passaram pela região Norte.	Gratuito
Viagens com Garrett	Ribatejo/2000	Texto de Isabel Lucas	Ao decidir fazer uma viagem pelo Ribatejo, Almeida Garrett não se baseou em nenhum guião. O objetivo deste livro é o de seguir um percurso com paragens ao ritmo do acaso, tentando refazer o roteiro original que o escritor nos deixou.	30,00€

Fonte: Elaboração própria

Em termos de distância, a partir da análise dos itinerários com essa informação, podemos afirmar que, regra geral, e apesar de não haver uma distância definida, são relativamente curtos.

Outro traço que sobressai desta análise é o facto de os itinerários oferecidos por promotores particulares se centrarem num único escritor.

Os preços variam entre os 10,00€ e os 54,00€, por pessoa, ou seja, concluímos que o preço não é muito elevado.

Relativamente à duração dos itinerários duram entre duas a três horas, dependendo do grupo.

Em todos os itinerários concebidos por promotores particulares existe a possibilidade de ter um guia turístico ou mediador turístico-cultural. Esta é uma diferença que achamos digna de referência, pois revela que os promotores privados investem na qualidade da formação destes ativos, ao contrário do que se passa nos municípios. Apesar dos promotores particulares conceberem os itinerários como um produto comercial os municípios poderiam investir mais na promoção destes itinerários de forma a impulsionar este mercado.

Percebemos que muitos dos itinerários concebidos pelos municípios não tiveram continuidade. Criaram o itinerário e não foi renovado ou repensado em função da procura turística. Já nos itinerários dos promotores particulares notamos que são produtos nos quais existe essa capacidade de renovação e sobretudo de aliar experiências diferenciadoras que garantem a sua constante procura.

É perante a evidência da escassez de produtos turístico-literários e a reconhecida importância da literatura juntamente com a experiência turística, que passamos a refletir sobre os desafios que são colocados atualmente à gestão dos destinos turísticos e as novas tendências do turismo.

2.3.5. Desafios na gestão dos destinos turísticos

“O turismo é, de facto, uma indústria multisectorial desafiadora e um campo de estudo verdadeiramente multidisciplinar.” (Jafari, 2000: 587). Esta afirmação de Jafari já nos mostra a necessidade premente da constante capacidade de renovação e multidisciplinaridade que é necessária.

O turismo nacional, em particular o do Algarve, tem um alcance notório, tanto a nível nacional, como internacional. Não podemos esquecer que a capacidade de renovação de um destino turístico é essencial e essa necessidade já é premente uma vez que nos deparamos com novos perfis de consumidores, o uso recorrente das plataformas tecnológicas, os potenciais económicos que se

criam e a forma como tornamos sustentáveis a nossa cultura e património. O turista assume um papel mais ativo e participativo, na medida em que procura adquirir conhecimento do destino, o que inevitavelmente dá origem a novos segmentos turísticos alternativos, como ainda é o caso do turismo literário.

De forma a garantir a sua sustentabilidade, em virtude do turismo massificado e direcionado para o segmento sol e praia, é essencial que se repense uma estratégia assente no conhecimento. Esse conhecimento pode ser baseado nas dinâmicas culturais existentes nos países que nos procuram. Se tomarmos como exemplo o Reino Unido percebemos que o turismo literário é potenciado como uma oportunidade de investimento e de crescimento.

2.3.6. Novas tendências do turismo

“O consumo e as tendências dos consumidores cada vez mais informados, evolui para a procura de experiências personalizadas e que lhe permitam diferenciar-se da população em geral. O mundo está a mudar e o turismo está a mudar o mundo, a globalização assente numa competitividade sustentável será um dos pilares do futuro turístico a nível mundial.” (Ramos e Costa, 2017: 21). A evolução natural do turismo obriga à criação de novos produtos e a implementar novas estratégias no mercado turístico. De acordo com Ramos e Costa (2017: 21) esta evolução é natural e deriva da influência dos fatores externos do turismo e da globalização do sector. Como qualquer mudança, há alteração de comportamento e esta contribui para o surgimento de um “novo consumidor de turismo” (Ramos e Costa, 2017: 30) e este novo turista é informado e procura um produto diferenciado, onde possa vivenciar experiências únicas e autênticas. Na opinião de Ramos e Costa (2017: 30) este turista “sabe o que procura, respeita o ambiente e a comunidade”, a sua postura é assente numa perspetiva de sustentabilidade que em nada se coaduna com o turismo massificado.

A nova tendência do turismo vai ao encontro do turismo literário, este tipo de turismo deve ser visto como uma nova estratégia, uma vez que a sua base assenta na cultura, na tradição e no genuíno tornando-o num turismo diferenciador.

A necessidade de criar novos produtos é clara na opinião dos autores Ramos e Costa (2017: 21) e essa opinião é complementada pela perspetiva de Carvalho e Baptista (2015: 56) que afirmam que “O turismo literário é, deste modo, uma forma possível de diversificação da oferta de turismo cultural”. Sem dúvida que as novas tendências do turismo têm de passar obrigatoriamente pela dinamização do vasto património cultural que possuímos e do qual a literatura é um exemplo. O

potencial do turismo literário vai ao encontro da “experiência personalizada”, referida por Ramos e Costa (2017: 21) uma vez que este não pode ser reproduzido noutros locais.

Outro aspeto que importa referir, na potencialidade do turismo literário, é o facto de poder aumentar a procura destas experiências na época baixa, o que tem forte impacto económico na região do Algarve.

Em suma, a implementação de turismo literário contribui para uma atividade turística mais sustentável e diversificada, incrementando o nosso património literário e consequentemente a nossa cultura.

Finalizamos esta revisão da literatura com a relação entre as novas tendências do turismo e como esta pode ser relacionada com o turismo literário. Passamos de seguida para uma breve caracterização a nível geográfico, literário, cultural e turístico das cidades em estudo.

3. Algarve, turismo e cultura

Iniciamos este capítulo com uma análise dos concelhos de Tavira e Vila Real de Santo António bem como com a sua caracterização em termos geográficos, culturais e turísticos. Seguidamente, caracterizamos as cidades em estudo enquanto cidades literárias.

Por último, efetuamos uma análise SWOT, para identificar as forças, fraquezas, oportunidades e desafios da criação dos itinerários literários nestas cidades.

É importante percebermos a possibilidade de se poder considerar o Algarve, especificamente as cidades de Tavira e Vila Real de Santo António, como destinos associados a práticas de turismo literário, tendo em conta as experiências literárias aí realizadas com o seu património literário, material e imaterial.

O Algarve tem reconhecidamente um papel muito relevante no turismo nacional. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), referentes a junho de 2019 e publicados a 14 de agosto de 2019:

O setor do alojamento turístico registou 2,7 milhões de hóspedes e 7,1 milhões de dormidas em junho de 2019, aumentando +9,7% e +5,6%, respetivamente (+7,0% e +3,1% em maio, pela mesma ordem). As dormidas de residentes cresceram 11,6% (+9,1% em maio) e as de não residentes aumentaram 3,2% (+1,2% no mês anterior). Em junho de 2019, a estada média (2,63 noites) reduziu-se 3,7% (-1,7% nos residentes e -3,9% nos não residentes). A taxa líquida de ocupação (55,5%) aumentou 0,1 p.p. (-0,8 p.p. em maio). Os proveitos aceleraram e apresentaram, no total, um crescimento de 11,8% (+4,7% em maio), totalizando 466,0 milhões de euros. Os proveitos de aposento (351,6 milhões de euros) cresceram 12,1% (+4,3% no mês precedente). O rendimento médio por quarto disponível (RevPAR) situou-se em 62,5 euros (+6,5%) e o rendimento médio por quarto ocupado (ADR) ascendeu a 96,8 euros (+6,2%) (INE, 2019)

Conseguimos perceber que estamos perante uma tendência de subida em todos os aspetos: dormidas, taxa líquida de ocupação, proveitos e revPAR (revenue per available room). O único fator que regista uma descida é a estadia média.

Segundo dados da Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA), os mercados que mais contribuíram para esta tendência de subida foram o espanhol, o português e o britânico.

3.1. Algarve, cultura e turismo

O Algarve possui um vasto património histórico e cultural aliado a uma elevada procura turística. Ressalva-se o facto de esta oferta turística não ser muito diversificada e dinamizada, em especial nos meses de menor procura. Os próprios operadores turísticos centram muito a sua oferta no segmento sol e mar. Esta tendência tem sido, de forma gradual, invertida pela oferta de nichos de turismo mais especializados: nomeadamente o turismo de natureza e de experiências. É relevante o espaço que o turismo de natureza e o turismo criativo têm vindo a ganhar no panorama regional, sendo estes exemplos de ativos emergentes definidos na Estratégia Turismo 2027. Contudo, o Algarve está longe de ter um lugar de destaque no mapa cultural do país.

Os problemas que afetam o turismo no Algarve, a concentração excessiva do turismo no produto sol e mar e a sazonalidade, também se aplicam, em parte, às cidades de Tavira e Vila Real de Santo António. Em Vila Real de Santo António existe um esforço para inverter a sazonalidade, com o incentivo e criação de infraestruturas de apoio ao turismo de desporto, que tem vindo a obter resultados claramente positivos, traduzidos em taxas de ocupação dos hotéis elevadíssimas. Segundo dados do PORDATA, referentes ao ano de 2018, existiram 710.100 dormidas nos alojamentos turísticos desta cidade. Já em 2015 Vila Real de Santo António e Monte Gordo tinham liderado as taxas de ocupação no Algarve, registando uma taxa de ocupação média de 71,1 por cento, segundo dados da Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA).

Em 2005, Faro foi Capital Nacional da Cultura. Pretendeu-se deste modo tirar o Algarve da "marginalidade" e "ostracismo seculares" e posicionar a região no "mapa cultural do País" (Mendes, 2005).

Entre as diversas áreas de programação, verificou-se a existência de algumas atividades ligadas à criação literária. Atualmente, Faro prepara uma candidatura a Capital Europeia de Cultura, para 2027, o que a acontecer será uma iniciativa de dinamização cultural para a cidade.

A entrada das companhias *low cost* no Algarve é também um marco importante que facilita a deslocação e atrai um maior fluxo de turistas à região. Em 2004, estas companhias já representavam metade do tráfego e, até 2011, esse peso foi sendo reforçado anualmente, sendo que, nesse ano, as companhias *low cost* realizaram 83% do total de movimentos e transportaram 87% do total de passageiros do segmento regular do Aeroporto de Faro (INAC, 2012: 17). Falamos sobre impacto positivo que as companhias *low cost* têm no Algarve, mas não podemos deixar de referir o impacto negativo que o anunciado encerramento da companhia aérea Ryanair terá no Algarve. Sendo uma região que vive dependente de dois ou três operadores aéreos, este

encerramento irá provocar graves danos económicos e sociais no fluxo turístico. Ainda na sequência de notícias recentes, ressaltamos a notícia que surgiu no dia 23 de setembro do presente ano, que dá conta de que a operadora turística Thomas Cook abriu falência, tendo entrado em liquidação imediata, o que é um fator de grande preocupação, pelo impacto económico que vai gerar, especialmente no Algarve.

Segundo dados da ANA – Aeroportos de Portugal, no primeiro quadrimestre do ano, o Aeroporto de Faro cresceu 11,2%, para 1,88 milhões de passageiros. Entre janeiro e abril, Faro movimentou 855 mil passageiros do Reino Unido (+10,5%), o que consolida a posição de principal emissor de turistas para o Algarve, seguido da Alemanha, com 241,6 mil (+17,5%), e da França, com 175,8 mil (+15,9%). (Sul Informação, 2019) Em relação à área da hotelaria também se verificam melhorias, segundo dados do PORDATA (2018a) e INE (2005) existem atualmente no Algarve 817 alojamentos turísticos, se comparados com os 425 que existiam em 2004, ano de crescimento das companhias *low cost*, percebemos a ligação entre a consolidação das companhias e o crescimento na área da hotelaria.

De igual forma, a região tem tido reconhecimentos de excelência na área da hotelaria, como é o caso dos World Luxury Hotel Awards que, na sua 12.^a edição, que ocorreu em 2018, atribuiu cinco prémios a hotéis no Algarve (Turismo do Algarve, 2018). A atribuição deste prémio possui considerável importância, porque distingue os hotéis de luxo que se destacam em todo o mundo, com base na votação de 360 mil viajantes internacionais. Ainda no ano de 2018 e segundo dados do Turismo do Algarve, a região recebeu vinte e três prémios/distinções, todas elas relacionadas com as categorias de praias, golf, hotéis e restaurantes.

Estes são alguns dos exemplos que mostram a evolução do turismo no Algarve. Certo é que muitos destes exemplos estão associados a um turismo massificado, do qual este projeto se pretende distanciar. É relevante mencionar estes aspetos que caracterizam a região e cativam turistas. A região possui uma paisagem natural e urbana ímpar. Os centros históricos do Algarve, nomeadamente os de Tavira e Vila Real de Santo António, têm uma atmosfera única que, aliada à gastronomia regional, faz destes locais pontos de paragem obrigatórios, muitas vezes escolhidos em detrimento de outros.

Facilmente percebemos o investimento que está a ser realizado no Algarve e é inegável que os turistas são atraídos para esta região, mas a motivação principal não é a procura do segmento cultural. Todavia, este cenário tende a alterar-se com a implementação de algumas medidas e projetos de cariz cultural como o projeto vencedor, no âmbito do Orçamento Participativo Portugal 2018, a Rota Literária do Algarve, no qual o presente projeto está inserido com a proposta de dois itinerários literários. Este projeto cultural está a ser implementado no Algarve e

tem como objetivo (<https://www.ualg.pt/pt/content/criar-uma-rota-literaria-no-algarve>) “valorizar o património algarvio associando o espaço físico aos textos, estabelecendo conexões entre o espaço físico e os textos de autores algarvios. Criar itinerários literários nos 16 concelhos da região, disponibilizá-los em português, inglês e francês [e espanhol], de modo a ampliar, diversificar e enriquecer a oferta de experiências culturais no Algarve, para visitantes nacionais e internacionais de todas as idades.”

É com projetos desta dimensão que se percebe os benefícios que poderão advir para o Algarve, nomeadamente em termos de valorização histórica e patrimonial, do desenvolvimento da economia local e regional, da promoção da literatura portuguesa, da redução da sazonalidade e da diferenciação da oferta turística.

3.2. Caracterização das cidades de Tavira e Vila Real de Santo António

Nesta seção fazemos a caracterização das cidades de Tavira e Vila Real de Santo António em termos geográficos e populacionais, focando os dados sobre os seus visitantes.

Relativamente aos dados sobre os visitantes das cidades em estudo, possuímos dados recolhidos no site PORDATA, uma vez que não existe uma sistematização da informação nas autarquias. Face a esta dificuldade deixamos como sugestão futura o estudo do perfil do turista destas cidades.

Conhecer o perfil do visitante, bem como seus costumes e gostos, é essencial para estabelecer parâmetros de excelência na promoção do turismo. Do ponto de vista comercial, adequar o produto às necessidades específicas do consumidor com base nas suas preferências e identificar como e quando se deslocam e o que procuram torna-se um processo necessário para desenvolver novas estratégias que podem ser adotadas para aumentar a competitividade do destino.

De acordo com o estudo elaborado por Correia e Águas (2016), sobre o perfil do turista que visita o Algarve, constatamos que existem diferenças significativas entre o turismo praticado no Barlavento e no Sotavento. Esta análise será realizada com o enfoque na região do Sotavento, pois é aí que se inserem as cidades em estudo.

A principal motivação está relacionada com férias e lazer, por motivos de saúde e bem-estar ou para visitar familiares e amigos. No sotavento o enfoque da motivação surge na saúde e bem-estar.

O Sotavento perfila um turismo mais familiar entre os turistas residenciais (57%), sendo que neste estudo o turista residencial é todo aquele que se aloja em casa própria, casa de familiares e amigos e os que recorrem a arrendamentos privados. Por zonas, ainda que a supremacia seja do

mercado nacional, é o Sotavento que apresenta maior quota de mercado no turismo doméstico (30% no tradicional e 54% no residencial). Já no Sotavento, espanhóis (12%), alemães (12%) e britânicos (14%) marcam o turismo tradicional nesta zona.

As atividades pelas quais os turistas nacionais e estrangeiros residentes mostram interesse relacionam-se com a praia (42% e 47%) e desporto (9% e 6%). A praia é a principal motivação dos turistas em toda a região do Algarve, mas assume maior relevância no Sotavento. Contudo, existe uma série de atividades que os turistas queriam ter realizado e não o fizeram pelas dificuldades de agenda e pela escassez de oferta, nomeadamente o desporto (53% e 43%, os passeios (17% e 19% e Golfe (10% e 17%). Entre essas atividades destacam-se as que estão relacionadas com o desporto, passeios e golfe. É precisamente nestas atividades, nomeadamente nos passeios, que a oferta de turismo literário pode ser impulsionada.

É interessante percebermos quais as fontes utilizadas para a escolha das experiências no Algarve, sendo a “recomendação” o fator de decisão mais relevante, com 18%, seguido da “pesquisa” e “publicidade online” com 16% e da “informação disponível no hotel”, com 13%. Isto mostra-nos a importância da elaboração das experiências de turismo literário serem concebidas para grupos de pequena dimensão e não para o turismo de massas, pois é com base nesta personalização que a tornará uma experiência diferenciadora.

Tal como acontece em toda a região algarvia, o concelho de Vila Real de Santo António está hoje mais vocacionado para o turismo. A praia de Monte Gordo, que foi uma das pioneiras na atração turística da região na década de sessenta, continua a ser um dos destinos preferidos do turismo nacional, muito apreciada pela sua vasta extensão de areal e pelas águas cálidas, de temperaturas verdadeiramente mediterrânicas.

Não existem dados consolidados em relação à procura turística na cidade de Vila Real de Santo António, estes são baseados na observação dos dados do Instituto Nacional de Estatística. Na perspectiva da Dr^a Sílvia Tenório, Técnica superior de turismo da autarquia, o público mais comum é constituído por pessoas com uma faixa etária acima dos cinquenta anos, idosos e pessoas com mobilidade reduzida. O facto da cidade ser plana, facilita a atração deste tipo de público.

Na PORDATA os dados disponíveis para os parâmetros grupo etário, nível de instrução e sexo estão disponíveis apenas por grandes regiões, ou seja, não surgem dados relativos aos concelhos em estudo.

É importante fazermos um levantamento dos dados gerais das duas cidades em estudo, de forma a percebermos o tipo de população que temos e qual a dinâmica cultural existente em cada uma delas (ver tabela 3.1).

Tabela 3.1 –Caraterização da cidade de Tavira e Vila Real de Santo António

Cidade	Vila Real de Santo António		Tavira	
	2010	2018	2010	2018
População residente nacional	19.118	18.916	26.168	24.882
População residente estrangeira	1.983	2.444	3.505	5.180
Jovens (%) Menos de 15 anos	15,7	14,9	13,8	13,2
População em idade ativa (%) 15 aos 64 anos	65,9	63,3	62,0	64,6
Idosos (%) 65 e mais anos	18,4	21,8	24,2	26,2
Museus	0	0	0	1
Despesas da Câmara Municipal em cultura e desporto (%)	4,8	9,2	11,6	9,2

Fonte: Elaboração própria, com base na PORDATA (2018b, 2018c, 2018d, 2018e, 2018f)

Este levantamento foi efetuado relativos aos anos de 2010 e 2018 para conseguirmos percebermos se houve evolução nos parâmetros analisados. Salientamos logo o número relativo à população residente, que nas duas cidades diminuiu. Contrariamente a esta tendência a população residente estrangeira aumentou nas duas cidades.

Relativamente à faixa etária, os jovens, com menos de 15 anos, diminuíram em ambas as cidades e inversamente o número de idosos aumentou. A população em idade ativa diminuiu em Vila Real de Santo António e aumentou em Tavira. Estas alterações são reflexo da baixa taxa de natalidade que tem vindo a registar-se também a nível nacional.

Achamos importante perceber qual a despesa dos municípios com a cultura e desporto. No ano de 2018 ambos os municípios atribuem a mesma percentagem 9,2, contudo esta percentagem quase que duplicou em Vila Real de Santo António e diminuiu em Tavira, face ao ano de 2010. Em oito anos este cenário alterou-se e importa analisar as suas causas, pois este indicador é importante para percebermos a importância que os municípios atribuem à cultura e ao desporto. No caso de Vila Real de Santo António existe um investimento muito grande no turismo desportivo, pelo que deduzimos que grande parte desta percentagem seja aplicada diretamente no desporto, com os benefícios que isso traz, e o restante em iniciativas culturais. Já em Tavira, o facto de ter

diminuído a percentagem aplicada neste indicador revela que esta não será uma prioridade do município, possivelmente em detrimento de outros considerados mais importantes.

Para conseguirmos definir se estas cidades possuem alguma dinâmica cultural fomos analisar os dados relativos ao número de visitantes nos museus, contudo só temos dados relativos à cidade de Tavira, que tem um museu. Não existem dados relativos a Vila Real de Santo António, uma vez que esta cidade não tem nenhum museu.

Relativamente ao número total de visitantes (visitantes escolares e estrangeiros) percebemos que a tendência é de crescimento, a nível regional. A cidade Tavira possui um número de visitantes considerável no que diz respeito à visita ao museu, sendo a sua maioria visitantes estrangeiros, o número de visitantes escolares é pouco relevante quando comparados os números, 2.794 face aos 78.446 de visitantes estrangeiros (ver tabela 3.2). Estes números mostram-nos que o turista estrangeiro possui hábitos culturais e que procura este equipamento cultural.

Tabela 3.2 – Número de visitantes em museus

Visitantes						
	Total		Visitantes escolares		Visitantes estrangeiros	
Ano	2012	2018	2012	2018	2012	2018
Algarve	230.340	586.702	16.137	26.838	104.573	392.671
Tavira	-----	107.182	-----	2.794	-----	78.446

Fonte: Elaboração própria, com base na PORDATA (2018g)

A tabela 3.3 apresenta os dados relativos à procura e oferta turística no concelho de Vila Real de Santo António e de Tavira, nos anos de 2009 e 2018, comparativamente com a região e o país. Optamos por este intervalo de tempo, 2009 a 2018, porque 2009 foi o ano em que houve uma quebra no turismo e quisemos perceber os dados atuais em comparação com o ano de quebra.

Do ponto de vista de Pearce (1989: 110) e Smith (1989: 99), a procura turística expressa-se pelo consumo turístico, cujos indicadores são o número de dormidas e de hóspedes e a estadia média.

Da perspetiva da oferta, Page (2003: 74), tem em conta que as empresas e as organizações devem disponibilizar serviços e produtos capazes de responder aos desejos e exigências da procura turística, o turismo não se pode compreender, planear ou desenvolver sem que se perceba a oferta turística nas suas várias dimensões. Neste âmbito a oferta turística é analisada através do número de alojamentos turísticos e a capacidade dos mesmos. (ver tabela 3.3).

Tabela 3.3 – Procura e oferta turística no concelho de Vila Real de Santo António e de Tavira

Região/Concelho	Alojamentos turísticos		Capacidade nos alojamentos turísticos		Dormidas		Hóspedes		Estadia média	
	2009	2018	2009	2018	2009	2018	2009	2018	2001	2017
Portugal	1988	6.868	273.804	423.152	33.562.591	67.662.103	12.927.907	25.249.904	3,3	2,7
Algarve	395	817	95.910	131.243	13.900.192	20.443.247	2.739.440	4.732.165	6,0	4,5
Tavira	16	38	4.686	5.407	426.489	747.528	148.809	190.894	5,6	5,6
Vila Real de Santo António	19	38	5.986	7.204	646.558	1.212.814	166.010	257.375	6,0	6,0

Fonte: Elaboração própria, com base na PORDATA (2018a, 2018h, 2018i, 2018j, 2018L)

Definir o perfil do turista nestas cidades é essencial, pois este será um contributo importante para as decisões relacionadas com a atividade turística do concelho. Este perfil deve ser traçado e ser alvo de constante atualização, o que se pode conseguir com o auxílio dos hotéis, restaurantes, empresas de transporte e aluguer de automóveis, pois só desta forma se consegue definir uma estratégia a nível turístico.

É através dos dados disponíveis sobre a capacidade de alojamento que conseguimos perceber os indicadores da oferta e percebemos que em nove anos, esta oferta quase que duplicou em Tavira e duplicou em Vila Real de Santo António.

A capacidade de alojamento também aumentou, tendo sido este aumento mais relevante na cidade de Vila Real de Santo António, pois nos últimos anos houve uma aposta na oferta de unidades hoteleiras na cidade. Até à data existia muita oferta na zona balnear, em Monte Gordo, mas gradualmente o turismo na cidade está a ser impulsionado.

Relativamente às dormidas, registaram-se no concelho de Vila Real de Santo António o total de 1.212.814 dormidas e 747.528 no concelho de Tavira o que corresponde a um aumento muito significativo, face ao ano de 2009.

Constatamos que no ano de 2018 a região do Algarve acolheu 4.732.165 hóspedes, o concelho de Vila Real de Santo António registou o acolhimento de 257.375 hóspedes, e o concelho de Tavira recebeu 190.894 hóspedes.

O único indicador que desceu foi o número relativo à estadia média, 5,6 dias em Tavira e 6,0 em Vila Real de Santo António, neste caso não houve oscilação em termos temporais, pois estes dados dizem respeito ao ano de 2001 e 2017.

O concelho de Tavira situa-se no sul de Portugal, no Algarve, mais exatamente no Sotavento Algarvio. O concelho ocupa uma área de 607 km² e tem uma população residente de 24.882 habitantes (PORDATA, 2018m), estende-se da orla marítima para o interior, dividido em três sub-regiões: o litoral, o barrocal e a serra. Este município é extenso, sendo constituído por sete freguesias: Santa Maria e Santiago, Santo Estevão, Santa Luzia, Santa Catarina da Fonte do Bispo, Luz de Tavira, Conceição, Cachopo e Cabanas.

Tavira possui um Plano Diretor Municipal, que data de abril de 2017, no qual são definidas estratégias para o turismo. Os objetivos deste plano têm em vista a redução do desemprego, incorporação de quadros qualificados, minimização das situações de vulnerabilidade social, ao alargamento da oferta formativa e à capacitação institucional.

Já Vila Real de Santo António, apesar da sua pequena dimensão, apresenta-se como um dos concelhos com maior densidade populacional na região do Algarve, tendo aproximadamente 313 indivíduos por km² e somando um total de 18.916 habitantes (PORDATA, 2018n). Este município é constituído por três freguesias: Vila Real de Santo António, Monte Gordo e Vila Nova de Cacela, contemplando uma área total de 61 km².

Vila Real de Santo António apresenta uma particularidade em relação aos restantes territórios portugueses, a de ser um município territorialmente descontínuo, isto é, encontra-se dividido em duas partes, sendo a parte oriental constituída por Vila Real de Santo António e a freguesia de Monte Gordo, e a parte ocidental constituída somente por Vila Nova de Cacela.

É de destacar o turismo de comércio que é predominante durante a maior parte do ano. Pode-se notar ainda um fluxo considerável de turismo acessível, de natureza e desportivo. O complexo desportivo, existente em Vila Real de Santo António, encontra-se em pleno funcionamento nos meses de menos calor, altura em que as equipas, em especial dos países nórdicos, procuram um clima mais ameno para realizar os seus treinos e estágios desportivos. Esta situação combate em grande medida a sazonalidade, daí a justificação do investimento da autarquia em infraestruturas desportivas. Esta cidade tem uma configuração privilegiada para oferecer turismo de qualidade a pessoas com mobilidade reduzida, pois é toda plana. Em Monte Gordo deparamo-nos com outros segmentos, como é o caso do turismo sénior nos meses de inverno, outono e primavera e do turismo familiar no verão.

Considerando a importância destes municípios na região do Algarve, acreditamos que estes municípios possuem uma preocupação em termos de turismo, mas carecem de infraestruturas, comunicação e planeamento que lhes permita alavancar esta área.

A nível municipal, nas cidades em estudo, a entidade responsável pelo turismo são as próprias Câmaras Municipais. Estes órgãos autárquicos têm como missão definir e executar políticas de defesa dos interesses da população e para o desenvolvimento destes concelhos, através de medidas como a implementação e monitorização de políticas e estratégias para o fomento do turismo e consequentemente da sua economia. Estas duas autarquias possuem na sua equipa autárquica vereadores responsáveis pelo pelouro do turismo.

Não existe um plano estratégico de turismo definido pela Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, mas sim novas perspetivas para o turismo, nomeadamente investir mais no turismo, dando particular impulso ao turismo fronteiriço.

Um projeto digno de referência é o *Eurocidade do Guadiana*, constituído pelos municípios de Ayamonte, Castro Marim e Vila Real de Santo António, cujo objetivo é traçar projetos de cooperação transfronteiriços.

De acordo com a Estratégia 2020, a região de Vila Real de Santo António apresenta aspetos muito positivos, entre eles a existência de recursos capacitados para sustentar uma oferta turística qualificada, as condições naturais e o clima propício à prática de golfe, às práticas náuticas, para além de diversidade e qualidade da costa. Já em Tavira, são de salientar a qualidade dos percursos pedestres e das paisagens existentes, bem como a qualidade das praias (todas possuem bandeira azul).

Os pontos negativos referenciados na Estratégia 2020, que podemos ver refletidos nestas cidades, são a falta de qualificação dos recursos humanos, a inexistência entre *players* do setor e a escassa articulação e cooperação com as áreas relacionadas com o turismo.

Relativamente às oportunidades, segundo a Estratégia 2020, ressalva-se as que são observáveis em Tavira e Vila Real de Santo António. As condições para o desenvolvimento de turismo sénior, desportivo e de saúde, no caso particular de Vila Real de Santo António. Relativamente a Tavira, o próprio município reconhece que um dos seus pontos fracos é a falta de equipamentos e respostas diferenciadas no âmbito sénior. Em termos de situação geográfica, Vila Real de Santo António tem uma posição privilegiada, não só em termos de acessibilidade, mas também em termos de ofertas diferenciadas nas quais pode apostar. Tavira possui maior e mais diversificada oferta cultural, quando comparada com a cidade de Vila Real de Santo António. A classificação de Património Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO – Dieta Mediterrânica colocou Tavira como uma referência, sobretudo gastronómica, a nível regional.

Ambas as cidades são consideradas destinos seguros, o que é fator de escolha para muitos turistas.

O Turismo de Portugal (2014: 113) define como uma das prioridades investir numa maior valorização dos elementos naturais e na consciência ambiental das áreas protegidas do território. A oferta turística mostra-nos que estes recursos naturais existem de forma abundante nestas cidades, pelo que é de esperar a implementação e definição de uma estratégia que esteja alinhada com estes parâmetros.

Descritos os municípios de Vila Real de Santo António e de Tavira avançamos agora para a identificação do património literário nas cidades em estudo.

3.3. Património literário em Tavira e Vila Real de Santo António

Em Portugal, o turismo literário não tem, ainda, o destaque que tem noutros pontos da Europa, em especial no Reino Unido.

Tavira e Vila Real de Santo António estão longe de ser uma referência em termos de eventos literários. Apesar de serem cidades ricas em património literário e com algumas infraestruturas culturais, ambas possuem bibliotecas e arquivo, Vila Real de Santo António possui Centro Cultural e Tavira um Cineteatro, não se pode dizer que sejam cidades de reconhecido valor literário. Não porque este valor literário não exista, mas sim porque não é trabalhado e divulgado.

Em Tavira percebemos que vão sendo implementadas iniciativas regionais bastante interessantes. Sendo que, nesta cidade, o maior dinamizador cultural é a Casa Álvaro de Campos, que o faz numa perspetiva de cooperação em rede, o que mostra um interesse crescente pelo património cultural e literário, bem como o reconhecimento do seu potencial turístico.

Em ambas as autarquias a temática literária não é vista como uma oportunidade de impulsionamento para as cidades, cenário que poderá ser alterado com a concretização dos itinerários literários do projeto em curso.

Com a realização deste projeto pretendemos mostrar que a literatura é uma forma de (re)descobrir as cidades, através da forma de contemplar e de criar novos registos culturais. Através da literatura e dos itinerários que são concebidos pretendemos compreender e dar a conhecer a sua história, geografia e cultura.

Os produtos turísticos oferecidos acabam por ficar saturados, pois tornam-se repetitivos. A renovação é fundamental na conceção de qualquer produto turístico, de forma a poder acompanhar as novas tendências e poder consolidar o produto oferecido. Neste sentido, é importante referir que existem no Algarve por um lado produtos consolidados, como é o caso dos passeios turísticos

históricos, gastronómicos e culturais, e por outros produtos em desenvolvimento e é neste segmento que inserimos o turismo literário, pois ainda necessita de atingir o seu estado de maturidade.

Este projeto oferece um recurso que proporciona uma experiência diferente, no domínio do património literário. Isto porque existe um Algarve esquecido no domínio do património literário, material e imaterial, que se opõe a um Algarve sobejamente conhecido no domínio do sol e mar. Há um longo caminho a percorrer na preservação e divulgação do património literário e no contributo que o turismo pode dar nesse sentido.

Nos casos de Tavira e Vila Real de Santo António existem alguns lugares nos quais podemos encontrar marcadores físicos que assinalam o património literário das cidades, como é o caso de cafés, jardins e espaços urbanos com homenagens feitas através de estátuas ou monumentos.

3.4. Manifestações literárias nas cidades de Tavira e Vila Real de Santo António

Para conseguirmos perceber a dinâmica literárias da cidade de Tavira e de Vila Real de Santo António fazemos um levantamento dos eventos literários existentes (ver tabela 3.4).

Tabela 5 – Manifestações literárias nas cidades de Tavira e Vila Real de Santo António

Designação	Tipo de evento	Promotor	Cidade
Passeio Álvaro de Campos	Percurso pedestre ou de tuk-tuk.	Organizado pela Associação Partilha Alternativa Promovido pela empresa Tavira Walking Tours	Tavira
Lançamento de livros, ciclos de poesia e música, encontros literários	Eventos que ocorrem de acordo com a agenda mensal.	Casa Álvaro de Campos	Tavira
Autor do mês	Destaque dado mensalmente a um autor.	Biblioteca Municipal Álvaro de Campos	Tavira
Hora do conto	Atividade de leitura para um público dos 3 aos 6 anos.	Biblioteca Municipal Álvaro de Campos	Tavira
Oficinas literárias	Projeto de promoção da leitura.	Biblioteca Municipal Álvaro de Campos	Tavira
Letras ao sol	Atividade de verão para um público dos 5 aos 12 anos.	Biblioteca Municipal Álvaro de Campos	Tavira
Semana da leitura	Ações literárias que motivem a participação dos mais novos em atividades de leitura livre.	Biblioteca Municipal Álvaro de Campos	Tavira
Maré de contos	Festival de contos.	Biblioteca Municipal Álvaro de Campos	Tavira

Lançamento de livros Encontro com autores	Eventos que ocorrem de acordo com a agenda mensal.	Biblioteca Municipal Álvaro de Campos	Tavira
Feira do livro	Projeto de promoção da leitura.	Câmara Municipal de Tavira, no âmbito de “Verão em Tavira”	Tavira
Sinónimos de leitura	Sessões de conto, apresentações de livros, música, dança, teatro, cinema, tertúlias, exposições de pintura, fotografia, etc.	Biblioteca Vicente Campinas	Vila Real de Santo António
Conta lá	Sessões de conto.	Biblioteca Vicente Campinas	Vila Real de Santo António
Sábados na biblioteca	Hora do conto, workshops variados e música ou dança.	Biblioteca Vicente Campinas	Vila Real de Santo António
Iniciativas literárias diversificadas	Eventos relacionados com poesia, pintura, dança, música.	Movimento Poetas do Baixo Guadiana	Municípios do Baixo Guadiana
Feira do Livro	Projeto de promoção da leitura.	Câmara Municipal de Vila Real de Santo António	Vila Real de Santo António

Fonte: elaboração própria

Constatámos que a oferta deste produto é realmente muito escassa. Como podemos ver, nas cidades de Tavira e Vila Real de Santo António não existem muitas manifestações culturais ligadas à temática literária, a nível público as atividades mais visíveis são as feiras do livro e atividades dinamizadas pelas bibliotecas municipais, especialmente direcionadas para públicos mais jovens. A nível privado existe uma empresa, em Tavira, que promove um passeio literário dedicado a Álvaro de Campos.

Em Vila Real de Santo António existem atividades relacionadas com a literatura, organizadas sobretudo pela Biblioteca Municipal Vicente Campinas e pelo coletivo *Poetas do Guadiana*, que funcionam muitas vezes em parceria. Contudo, estas atividades centram-se muito em lançamentos de livros, comemoração de datas e na promoção da leitura, normalmente direcionadas para o público escolar. Nesta cidade não existe nenhum itinerário literário que seja realizado de uma forma regular e estruturada.

3.5. Análise SWOT

Depois de analisadas as características das cidades e as suas potencialidades literárias, passamos à análise *SWOT*, de forma a identificar as forças (*strengths*), as fraquezas (*weaknesses*), as oportunidades (*opportunities*) e as ameaças (*threats*), nas quais identificamos os seguintes pontos (ver tabela 3.5).

Tabela 3.5 – Análise SWOT: Forças e Fraquezas, Oportunidades e Ameaças da criação de um itinerário turístico-literário em Vila Real de Santo António e em Tavira

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> - Importância turística das cidades; - Cidades com grande potencial cultural; - Crescimento do número de visitantes (<i>city break</i>); - Características culturais; - Proximidade dos aeroportos de Faro e Sevilha; - Reconhecimento das entidades parceiras da necessidade de apostar no turismo de qualidade e dinamizar o turismo cultural; - Reconhecimento da importância do incentivo à criação de redes entre agentes privados e públicos; - Hospitalidade dos residentes; - Imagem de destinos que preservam a autenticidade; - Diversidade e reconhecimento da gastronomia, doçaria e vinhos (dieta Mediterrânica – Tavira); - Iniciativas culturais realizadas em Tavira contribuem para o fortalecimento da sua marca cultural; - Construção de um itinerário que cumpre objetivos turísticos e educativos; - Tendência para o renascer do comércio tradicional; - Criação de relações por parte de agentes públicos, privados e associações sem fins lucrativos com as Câmaras; - Proximidade dos bens patrimoniais; - Existência de autores com projeção local. 	<ul style="list-style-type: none"> - Escassez de alojamento; - Escassez de animação noturna; - Desertificação das cidades à noite; - Estadias tendencialmente curtas; - Inexistência de uma boa rede de transportes públicos; - Falta de articulação entre as diversas seções das Câmaras Municipais; - Proliferação de um turismo massificado, especialmente em Tavira; - Horários de funcionamento de museus e património histórico aberto ao público; - Falta de lojas de artesanato especializado; - Falta de cooperação entre agentes da cultura e do turismo; - O itinerário ser visto essencialmente como educativo e não turístico ou como fonte de receitas; - Agentes turísticos não procuram estabelecer sinergias com os agentes culturais; - Fraco domínio de línguas por parte dos trabalhadores do turismo e da cultura.
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> - Alteração das motivações dos viajantes e tendência para privilegiar produtos culturais; - O turismo cultural é considerado uma área estratégica a nível local; - As estratégias integradas de desenvolvimento levam a uma maior cooperação entre os atores locais; - Potencial de atração de segmentos turísticos de qualidade; - Potencial para a criação de uma imagem promocional própria; - Potencial de combate à sazonalidade; - Popularidade de Álvaro de Campos devido à sua integração nos programas da disciplina de Português do Ensino Secundário (aplicável apenas a Tavira); - Visibilidade da obra de Álvaro de Campos a nível internacional (aplicável apenas a Tavira); - Possibilidade de o itinerário passar a ser uma oferta suplementar nos postos de turismo; - Bens literários existentes a rentabilizar; - Cativar um novo segmento de turistas; - Criação de uma estratégia diferente de oferta e produtos de turismo; - Promoção da leitura e da língua; - Promoção de autores. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de traduzir alguns textos para outras línguas sem que se perca o significado; - Dificuldade em expor a contextualização das obras em termos culturais e históricos num texto com um limite de 7000 palavras; - Os turistas estrangeiros podem não conhecer os autores, pelo que se torna mais difícil captar o seu interesse; - Gastos inerentes à implementação e divulgação de um itinerário; - Dificuldade em implementar o itinerário na época alta com algumas entidades parceiras; - Agentes culturais não valorizam a parceria entre cultura e turismo; - Comunicação deficiente entre entidades públicas e privadas.

Fonte: Elaboração própria

Esta análise é uma ferramenta-base para a gestão e planeamento de um itinerário literário.

Como podemos constatar, a oferta de programação literária é de facto escassa, sendo que o seu potencial, se baseado numa estratégia clara e sustentada, é enorme, pois existem inúmeros autores portugueses capazes de atrair os turistas estrangeiros e de fomentar o interesse dos turistas nacionais.

4. Metodologia

No presente capítulo descrevemos a metodologia utilizada para a realização deste projeto, nomeadamente o tipo de investigação, os objetivos e como conseguimos alcançá-los.

Os itinerários literários contribuem para a divulgação dos locais e do seu património cultural. As propostas para a construção dos dois itinerários literários foram sustentadas na produção literária do Algarve, especificamente na dos autores que, por alguma razão, têm uma ligação com estas cidades.

Esta investigação tem uma grande componente exploratória, uma vez que a temática da investigação é muito recente. Para tal, pesquisamos trabalhos sobre turismo literário, de forma a identificar uma metodologia que permitisse construir dois itinerários. Com esse objetivo, realizámos uma revisão de literatura e analisámos documentação sobre a temática.

Posteriormente, para percebermos os recursos existentes para a prática de turismo literário em Vila Real de Santo António e Tavira, efetuámos uma pesquisa bibliográfica para perceber quais os escritores locais e de que forma estes se podiam relacionar com os espaços. Foi a junção dos textos e dos lugares literários que deu origem ao primeiro esboço de itinerário.

Importa ressaltar os bons exemplos de repositórios da herança literária destes dois locais: as bibliotecas municipais das duas localidades onde os itinerários foram desenvolvidos, pois possuem uma diversidade de obras dos autores locais, algumas delas em fundo local, o que surpreende pela positiva.

Nesta fase do projeto, conversámos informalmente (sem um guião estruturado) com alguns habitantes locais, com o objetivo de conhecer melhor a cidade, e a vida e obra dos autores locais. Também estabelecemos contacto com os departamentos ligados ao turismo, das respectivas câmaras municipais. Estas conversas foram muito importantes, dado que estas pessoas possuem um conhecimento profundo sobre a cidade e os seus autores. Esta informação foi uma fonte essencial na escolha dos autores e na construção dos itinerários.

Para a recolha de informação recorreremos também à técnica do *storytelling*, pois em vez de se recorrer à entrevista, como em tantos estudos publicados no segmento do turismo literário, procuramos a informação, sob a forma de histórias, que os diferentes intervenientes foram contando, em cada uma das cidades. Em Tavira a recolha de informação foi efetuada no Arquivo e no Museu, diretamente com os seus responsáveis. Já em Vila Real de Santo António a recolha foi efetuada numa fase inicial através do departamento responsável pelo turismo, da Câmara Municipal e posteriormente encaminhado para a biblioteca e para o arquivo. Tendo em conta a

especificidade de cada localidade, e até da própria pessoa que facultava as informações, foi mais produtivo ouvir e selecionar a informação que era pertinente para o projeto. Uma das grandes vantagens deste método foi perceber quais os autores que estavam em fundo local, nas respetivas bibliotecas, o que possibilitou que a pesquisa inicial fosse direcionada de imediato para estes. A dinâmica desta etapa consistia em deixar o interveniente contar as suas histórias, foi através destas que surgiram nomes de outros autores.

O *storytelling* narrativo (Berteaux, 1981) foi o segmento escolhido, uma vez que é o mais utilizado no contexto da investigação biográfica. Apesar de não querermos investigar a biografia dos entrevistados, mas sim a dos autores, este método serviu para percebermos a história de cada autor e a sua ligação às cidades de Tavira e Vila Real de Santo António.

Por último, foram efetuadas diversas visitas às duas cidades em estudo, com o objetivo de termos uma noção mais precisa da localização e organização do espaço geográfico e turístico. Foi através destas visitas que percebemos quais os autores que tinham destaque através dos monumentos erguidos em cada uma das cidades.

Para a construção prática dos itinerários houve muitas deslocações aos locais, elaborámos registos fotográficos, realizámos investigação histórica, pesquisámos e lemos diversos textos literários e testámos *in loco* múltiplas vezes os textos dos itinerários, para perceber que o passeio era exequível.

Durante o desenvolvimento do projeto, aprofundámos a pesquisa com o intuito de perceber quem oferece produtos de turismo literário (ver tabela 2.4), e como o fazem. Esta pesquisa foi efetuada apenas a nível nacional, e conclui-se que, no setor privado, as iniciativas de interligação entre literatura, património e turismo têm pouca expressividade.

O levantamento de produtos similares começou por ser, em termos geográficos, a nível regional, mas cedo percebemos que a oferta existente não é muita, pelo que alargamos o âmbito de pesquisa para os produtos existentes a nível nacional.

A conclusão a que chegamos é que existe oferta, nomeadamente oferecida por empresas com fins lucrativos, pelo que podemos deduzir que há procura para este tipo de produto. Na tabela 2.4, colocada no capítulo 2, apresentamos a listagem dos itinerários mais relevantes a nível nacional.

4.1. Aprender com o exemplo

Para conseguirmos perceber qual a melhor forma de concretizar as atividades relacionadas com a criação dos passeios literários, optámos por, numa primeira fase da investigação, ter uma

componente de observação participante, no sentido de nos envolvermos em alguns acontecimentos sociais e culturais relacionados com a temática em estudo. O trabalho prático de campo foi essencial para conseguirmos, numa fase inicial, perceber e estruturar ideias para a concretização dos itinerários.

A avaliação de um itinerário literário existente foi feita através de observação não estruturada, participante e conversa com o dinamizador do mesmo. No dia 09/09/2018 realizamos o Passeio Literário: *Nas ruas de Fernando Pessoa*, dinamizado por Ricardo Belo de Moraes, que é um investigador pessoano, membro da equipa da Casa Fernando Pessoa, autor dos livros *O Quarto Alugado* (biografia pessoana) e *Fernando Pessoa para todas as pessoas*. Este passeio ocorreu em Lisboa, nas principais ruas da Baixa, Rossio e Chiado, locais onde Fernando Pessoa passou parte da sua vida. Foi um passeio dedicado a um só autor, Fernando Pessoa, com a duração aproximada de três horas, ao longo do qual o guia mostrou, com o apoio de elementos multimédia, a vida e obra deste autor. Percebemos que se trata de um tipo de passeio que tem de ser inquestionavelmente realizado por um número reduzido de participantes, pois doutra forma a informação não é perceptível e a proximidade que deve ser garantida numa atividade destas fica comprometida. Este passeio teve um custo associado de 10€ e realiza-se todos os primeiros Domingos de cada mês.

Foi importante termos realizado esta atividade prática, numa fase inicial da pesquisa, porque nos facultou uma perceção clara das etapas de um passeio literário, que mais tarde se interligaram com os conceitos teóricos apreendidos. Foi também enriquecedor, na medida em que possibilitou percebermos de que forma os lugares se relacionam com os autores e com as suas obras literárias.

4.2. Construção dos itinerários literários de Tavira e de Vila real de Santo António

Este projeto contempla dois itinerários locais, mas que estão inseridos numa oferta regional, uma vez que integram a Rota Literária do Algarve.

A construção dos itinerários literários tem por base o património literário algarvio, nomeadamente, o dos autores que nasceram ou viveram nessas localidades (Tavira e Vila Real de Santo António).

Estes itinerários centram-se sobretudo em textos poéticos que têm como cenário estas duas cidades ou em poesia que a elas faz referências.

No caso da proposta dos itinerários de Vila Real de Santo António e de Tavira que compõem a parte prática deste projeto, tratam-se de itinerários com duração de duas a três horas, dentro da área central das cidades.

Em termos de deslocação os itinerários foram concebidos para serem feitos a pé, contudo no itinerário de Vila Real de Santo António há a possibilidade do turista fazer a travessia fluvial, entre Vila Real de Santo António e Ayamonte, após ter terminado o percurso pedestre.

Na construção de um itinerário literário importa ter em conta algumas situações, nomeadamente não o tornar muito extenso, quer em relação à distância, quer em relação ao número de paragens. Assim, os itinerários aqui propostos são compostos por oito e seis pontos de paragem e percorrem uma distância de sensivelmente dois quilómetros, o que em termos de duração significa que poderão ser realizados em duas horas ou duas horas e trinta minutos. Pretende-se que os turistas possam realizar este itinerário de uma forma descontraída e pretende-se, sobretudo, abranger todas as faixas etárias, pelo que seria inconcebível projetar itinerários com uma grande extensão. Na sua construção, tivemos igualmente em conta o horário de funcionamento dos monumentos ou museus, assim como de outros equipamentos que podem ser visitados. Por isso, todos os pontos de paragem têm associados o horário de funcionamento destes equipamentos, de forma a que o turista saiba antecipadamente se o local está aberto ou não. Os dois itinerários têm a descrição dos pontos de paragem em termos espaciais, bem como a descrição detalhada e orientada de um ponto a outro. Em cada itinerário é colocado um mapa, com o objetivo de orientar geograficamente.

Numa fase inicial do projeto pretendemos conceber os itinerários de forma a que fossem realizáveis por visitantes com mobilidade reduzida, mas cedo percebemos que numa das localidades, Tavira, não se conseguiria concretizar esse objetivo. A razão prende-se sobretudo com o facto de este itinerário ser maioritariamente na zona histórica da cidade, o que em termos de acessibilidade seria muito complicado. Já em Vila Real de Santo António, sendo uma cidade plana, seria mais fácil de implementar. Por isso, neste momento um turista, com mobilidade condicionada, tem a possibilidade de realizar este itinerário de uma forma autónoma, com exceção de que não poderá subir ao Farol, o primeiro ponto de paragem do passeio. Neste caso concreto confirmamos que não existe a possibilidade de adaptar a visita, pois, apesar de existir um elevador, é ainda necessário subir degraus, com escada em caracol, e sendo um espaço muito exíguo, inviabiliza esta possibilidade. Contudo, e devido à importância que esta temática assume, esta poderá ser uma futura proposta de trabalho.

Tendo em conta o processo de construção que é necessário na concretização de um itinerário literário, apresentamos de seguida as etapas da conceção (Tabela 4.1):

Tabela 4.6 – Etapas de elaboração dos itinerários literários

Etapas de elaboração dos itinerários literários
a) Conhecimento e observação das cidades em estudo;
b) Pesquisa bibliográfica de textos literários;
c) Contactos com os locais (gestores culturais, pessoas que conheciam os autores e o património literário-cultural das cidades);
d) Mapeamento dos lugares literários referidos nos textos literários;
e) Leituras e visitas a cada ponto de paragem (verificação da coerência e pertinência);
f) Redação da narrativa (descritivos, biográficos, históricos, anedóticos, etc.);
g) Testes dos itinerários;
h) Redação final dos textos dos itinerários literários;

Fonte: elaboração própria

Os dois itinerários centram-se em textos de diversos autores. De modo a conhecer melhor cada um deles, no próximo ponto apresentamos algumas notas biográficas sobre cada um destes autores, bem como se identificam os textos que foram selecionados para cada um dos itinerários.

4.2.1. Escritores do itinerário literário de Tavira

Manuel Virgínio Pires

Manuel Virgínio Pires nasceu na freguesia de Santa Maria de Tavira, a 4 de junho de 1909 e faleceu em Lisboa a 13 de outubro de 1974. Foi um homem ligado às letras, desempenhou o cargo de tesoureiro das Finanças e foi proprietário, redator e editor do jornal *Povo Algarvio*, tendo-se ainda destacado como dramaturgo e poeta. Em janeiro de 2007, Maria Patrícia Mendonça Primo Pires, sua filha, efetuou a doação da documentação do seu pai ao Arquivo Municipal de Tavira. A documentação mostra a sua atividade de 1923 até 1982 e engloba a vertente profissional, a familiar e a recreativa.

Foi-lhe dedicada uma rua na zona nova da cidade. Para o itinerário, escolheu-se o poema “Abertura”, por revelar os encantos e pontos de interesse de Tavira.

Álvaro de Campos

Álvaro de Campos é um dos heterónimos mais conhecidos de Fernando Pessoa, é o poeta das sensações. Álvaro de Campos, “nasceu” em Tavira no dia 15 de outubro de 1890 à 1.30 da tarde e

teve uma educação de Liceu comum qualificada de “vulgar” pelo próprio Fernando Pessoa. Fernando Pessoa ([1935] *in* Quadros, 1986:199). Posteriormente foi para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e, depois, naval.

Nesta cidade, são várias as homenagens prestadas a este heterónimo de Fernando Pessoa, nomeadamente a biblioteca com o seu nome, Biblioteca Álvaro de Campos e a Casa Álvaro de Campos.

Para o itinerário, seleccionámos o poema “Notas sobre Tavira”, pois através destas palavras conseguimos perceber a ligação do poeta a esta cidade.

Carlos Brito

Carlos Brito nasceu em Moçambique, em 1933, mas passou grande parte da infância e juventude em Alcoutim e tornou-se um conhecido político e escritor. Este poeta descreve-nos a origem de Tavira e a sua beleza no poema “Tavira”. As palavras de Carlos Brito remetem-nos para as gentes de Tavira.

Emiliano da Costa

Este poeta nasceu em Tavira no dia 03 de dezembro de 1884, na Rua Nova de São Pedro e faleceu em Faro no dia 01 de janeiro de 1968. Emiliano da Costa estudou em Beja e posteriormente foi para Coimbra onde terminou o curso de medicina, em 1914 e em Estoi exerceu medicina e viveu até ao fim dos seus dias. A sua vida foi preenchida com uma intensa atividade cultural e de produção poética (deixou catorze livros publicados) e os seus contemporâneos apelidavam-no de “pintor-poeta”. Os seus poemas refletem a sua sensibilidade, capacidade de observação e sobretudo a paixão que tinha pelo Algarve, as pessoas, costumes e natureza. Atualmente o seu nome foi dado a uma artéria da cidade de Tavira. Na construção do itinerário, incluiu-se o poema “À luz do dia”, no qual o poeta retorna à sua cidade natal e recorda a sua casa de infância.

Ivete K. Centeno

Ivete Kace Centeno nasceu, em 1940, em Lisboa e viveu em vários locais do mundo, como Paris e Buenos Aires. Quando regressou a Portugal, em 1950, repartiu a sua infância e juventude entre Tavira, na casa da sua avó, e Lagos, na casa de uns tios. Viveu no Porto e em Coimbra, onde

acabou o liceu e ingressou na Faculdade de Letras, tendo posteriormente vindo a acabar o curso em Lisboa. É através do poema “Tavira” que a poetisa recorda as suas origens tavirenses, lembrando uma infância perdida.

Isidoro Manuel Pires

Isidoro Manuel Pires nasceu em Tavira, no dia 12 de janeiro de 1894, na Praça da Alagoa e notabilizou-se como poeta e jornalista, tendo sido presidente da Câmara de Tavira entre 1937-1939. A Câmara Municipal de Tavira homenageou o poeta com a inauguração de um busto, no jardim do coreto, a 23/07/1961. Esta foi a forma de homenagear o homem que no exercício do seu cargo de presidente da Câmara tomou muitas iniciativas culturais, nomeadamente como organizador das Festas Citadinas e fundador da Banda Municipal de Tavira, em 1925. Faleceu no dia 21 de julho de 1958. Foram escolhidos quadras de dois poemas seus, “Amendoeiras” e “Chaminés Algarvias” que abordam a temática das chaminés Algarvias, para as quais quisemos chamar a atenção pelo facto de, ainda hoje, estarem muito presentes na paisagem de Tavira.

4.2.2. Escritores do itinerário literário de Vila Real de Santo António

António Vicente Campinas

António Vicente Campinas nasceu em Vila Nova de Cacela, freguesia do concelho de Vila Real de Santo António, no dia 28 de dezembro de 1910. Este autor tem uma relação muito estreita com a cidade e soube transmitir a sua cultura e descrever as suas paisagens, em especial as do rio Guadiana. A Biblioteca Municipal de Vila Real de Santo António prestou-lhe uma merecida homenagem com a atribuição do seu nome a este edifício. Para o estudo do autor António Vicente Campinas foi consultado o seu espólio, o que permitiu ter uma perceção mais profunda sobre a sua vida e obra. A sua produção literária iniciou-se em 1937, com a publicação do livro de poesia *Aquarelas*. Deixou-nos uma vasta obra, em poesia e prosa. Em 1994, quando já se encontrava muito doente, a autarquia vila-realense prestou-lhe uma digna homenagem pública e o seu nome foi dado a uma artéria da cidade. Faleceu em Vila Real de Santo António, a 3 de novembro de 1998. Deste autor foram escolhidos alguns excertos de textos em prosa por estes mostrarem um conhecimento profundo da cidade de Vila Real de Santo António, da sua atividade económica, política, social e cultural.

Álvaro de Campos

Tal como referimos previamente, Fernando Pessoa (Lisboa, 13.06.1888 - 30.11.1935) criou diversos heterónimos, um deles foi Álvaro de Campos, e é precisamente sobre este heterónimo que versa um dos pontos de paragem do itinerário literário.

Este é um exemplo de um autor que não tendo nascido na cidade de Vila Real de Santo António tem ligação com este lugar através do poema “Faróis distantes”, onde foi estabelecida uma conexão entre o Farol de Vila Real de Santo António e um poema que este autor dedicou a esta temática.

Lutegarda Guimarães

Lutegarda Guimarães de Caires nasceu em Vila Real de Santo António, em 13 de novembro de 1873. Tornou-se numa referência pela sua dedicação a diversas atividades de cariz solidário. Foi uma mulher atenta aos problemas sociais e às injustiças, a sua ação centrou-se no auxílio aos doentes, às crianças e às mulheres, nomeadamente, as que estavam presas nas cadeias portuguesas. Em relação a este último problema Lutegarda conseguiu a abolição da máscara penitenciária e do regime do silêncio e a melhoria das condições sanitárias nas prisões. Tem desde 1937 o seu nome na toponímia vila-realense, em 1966 foi inaugurado um busto junto ao Rio Guadiana e em 2005 foi erguida uma estátua de corpo inteiro, da autoria do escultor vila realense Nuno Rufino. O poema escolhido foi “Ao voltar a Vila Real de Santo António”, porque nos mostra a ligação da poetisa com a cidade, mas também porque nos recorda a sua infância feliz e o Rio Guadiana, que é um ponto estratégico neste itinerário.

António Aleixo

António Aleixo também foi um vulto importante em Vila Real de Santo António, e aí nasceu no dia 18 de fevereiro de 1899. Foi um dos poetas populares algarvios de maior relevo. O poeta também é recordado por ter sido uma pessoa simples e humilde. António Aleixo foi agricultor, tecelão, soldado, polícia, vendedor de cautelas e gravatas e emigrante em Franca. No entanto ficou conhecido como poeta popular, pelas suas quadras repentistas plenas de crítica social e de retratos

de situações que observava no seu quotidiano. As obras de maior relevo, que se encontram publicadas, são, *Este livro que vos deixo* (1969) e a obra *Inéditos* (1979). As homenagens visíveis na cidade refletem-se num monumento e na atribuição do seu nome ao centro cultural existente na cidade. Da sua obra foram escolhidas algumas quadras que nos dão a conhecer um pouco da sua vida e nos mostram a sua sagacidade irónica.

Lolita Ramirez

Maria das Dores Dominguez Ramirez Galhardo Palmeira (Lolita Ramirez) nasceu em 1929 na cidade algarvia de Vila Real de Santo António e é descendente, por parte de pai e de mãe, de família espanhola. Por este facto, sentia-se herdeira das duas culturas. Dedicou-se à arte poética, tendo publicado: *Lágrimas – Sonetos* (1954) ; *Flores do meu Caminho - Poemas –* (1985); *Shalom - Sonetos* (1987); *Saudade – Sonetos* (1988) e *Nas Tuas Asas Gaivota - Sonetos* (1995). A poetisa participou ainda com três dos seus sonetos em “Breve Antologia da Poesia Feminina Algarvia”- volume I (Baía Azul - In Nas Tuas Asas, Gaivota; Sobre o Guadiana - In Nas tuas Asas, Gaivota e Balada - In Shalom). Escolhemos o poema “Raiz” porque nos mostra as origens da poetisa, mas também porque este poema está associado a um ponto de paragem que pretende mostrar a ligação existente entre Portugal e Espanha e são as palavras de Lolita Ramirez que melhor nos mostram essa ligação.

Leonel Neves

Leonel Neves nasceu em Faro no dia 20 de junho de 1921, em Faro. Aí estudou até ao 6.º ano do Liceu. A partir de 1937 passou a viver em Lisboa, onde obteve a licenciatura em Ciências Matemáticas na Universidade de Lisboa. Desde muito novo colaborou em vários jornais e revistas, tendo publicado o seu primeiro livro de poemas em 1940. Só após os 50 anos se dedicou à literatura para jovens; veio a falecer em Odiáxere, perto de Lagos, em 1996. Este autor faz parte do itinerário literário, no seu último ponto de paragem, com o poema *Sou contrabandista no Guadiana*, que mostra a ligação que existia entre Vila Real de Santo António e Ayamonte através da atividade do contrabando.

4.3. Testes dos itinerários literários

Seguidamente descrevemos o processo pelo qual os itinerários passaram até chegar a uma versão final.

Para o itinerário de Vila Real de Santo António foram realizados três testes, no dia 13 de maio de 2019, outro no dia 16 de junho e um final no dia 21 de setembro. Estes testes permitiram-nos perceber as limitações ou os excessos que deveriam ser ajustados. Para se conseguir chegar à versão final foram necessárias alterações que se basearam essencialmente na alteração de alguns pontos de paragem, que só quando se realizam os testes se tornam perceptíveis. Foi também retirado um dos pontos de paragem, uma vez que se concluiu que o mesmo se encontrava descontextualizado em termos paisagísticos do que se pretendia num itinerário desta natureza. Inversamente a esta última alteração, e numa fase mais próxima da final, foi introduzido um novo ponto de paragem. Esta alteração surgiu porque de certa forma este ponto já existia, mas como uma extensão, pelo que se achou correto que fossem dadas indicações claras para um novo ponto de paragem.

Grande parte das alterações centraram-se nas indicações geográficas, de forma a que na versão final estivesse perfeitamente clara a direção a tomar para a realização do itinerário literário.

Relativamente ao itinerário literário de Tavira, este não sofreu tantas alterações, talvez por ter sido concebido depois do de Vila Real de Santo António e haver já uma experiência que levou a identificar à partida alguns possíveis problemas. Em Tavira realizou-se um teste, no dia 12 de agosto de 2019, outro no dia 27 de agosto e um teste final no dia 21 de setembro. As alterações foram em termos de direções, pois no momento do teste apercebemo-nos que algumas indicações se tornavam dúbias e poderiam induzir o utilizador em erro, ou a situar-se num ponto de paragem que não correspondia ao correto. Com base neste teste decidimos introduzir um novo ponto de paragem, de forma a dar destaque ao poeta taviense Isidoro Manuel Pires, cujo busto está exposto no Jardim Público de Tavira. Uma vez que este já era um ponto de paragem, junto ao coreto, achou-se por bem valorizar esta referência literária de Tavira.

Os testes finais, realizados em setembro, foram feitos por pessoas sem qualquer tipo de experiência em itinerários literários. O objetivo deste teste final foi percebermos se as indicações eram totalmente perceptíveis e se não existiam enganos nas direções a tomar.

Depois de realizados os testes e de terem sido propostas alterações fez-se a sua reformulação e estes itinerários passaram a uma versão final.

4.4. Itinerários literários de Tavira e Vila Real de Santo António

Para uma conceção completa dos itinerários literários efetuamos, numa fase inicial, o levantamento das manifestações literárias existentes nas cidades em estudo (ver tabela nº 3.4).

Existiu um projeto inovador dinamizado pela Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, intitulado *Walking Poetry*. O projeto abrangia as localidades de Vila Real de Santo António e Cacela Velha e oferecia percursos culturais aliados a textos literários e poéticos, disponíveis em três línguas (português, castelhano e inglês), recorrendo a um mapa e a um leitor MP4.

O percurso de Vila Real de Santo António refletia o século das Luzes (XVIII) apontando para os elementos iluministas presentes na cidade, tendo como pontos de paragem a praça, o obelisco, a igreja, a casa da câmara, a alfândega, o Centro Cultural António Aleixo, os largos Lutegarda Guimarães de Caires e António Aleixo. A visita incluía ainda edifícios de períodos mais recentes, como o Hotel Guadiana, o cais da Alfândega e a estação de caminhos-de-ferro. Para cada ponto de paragem estavam reservados textos de Carlos Brito, Álvaro de Campos, Vicente Campinas, Lutegarda Caires, Tóssan, Gastão Cruz, António Aleixo, Teresa Rita Lopes e Nuno Júdice.

Já em Cacela Velha, o percurso centrava-se nos marcos islâmicos presentes na localidade, passando pela fortaleza, pela igreja, pela casa do pároco, pelas casas da câmara e pelo cemitério antigo. Neste percurso poderia ser apreciada a obra de poetas que escreveram sobre Cacela Velha ou aí viveram: Ibn Darraj, Abû al-‘Abdarî, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Teresa Rita Lopes e Adolfo C. Gago.

Estes itinerários foram excluídos da oferta cultural da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, nomeadamente no âmbito da iniciativa “Poesia na rua”, por indisponibilidade de tempo dos turistas e porque entretanto a maior parte dos equipamentos, os leitores de MP4, deixaram de funcionar.

Contudo, em termos físicos, os equipamentos e os itinerários em papel ainda se encontram disponíveis no Centro de Informação da Casa do Pároco, em Cacela Velha.

Em Tavira a oferta cultural é muito vasta, porém muito centrada no património histórico e patrimonial. Existe um itinerário intitulado “Passeio Álvaro de Campos”, que surgiu na sequência da festa Álvaro de Campos, organizada pela Associação Partilha Alternativa. O percurso percorre a cidade de Tavira pelos locais com ligação a Álvaro de Campos e familiares seus. Este itinerário foi realizado pela primeira vez no dia 01 de outubro de 2018 e, após esta fase inicial, continua a ser possível realizá-lo, através de uma empresa turística particular, *Tavira Walking Tours*, que centra a sua atividade na realização de passeios pedestres e experiências para a promoção da

natureza, cultura e história local. O percurso é realizado de forma pedestre, pelas ruas de Tavira, tendo como ponto de partida a estação de comboios, que foi o ponto de chegada de Fernando Pessoa a Tavira, e terminando na casa Álvaro de Campos. Durante o passeio existe um guia que explica a vida e obra de Álvaro de Campos. Existe um custo associado a este passeio, 7,5€ por pessoa. Também é possível realizar o passeio de tuk tuk, tendo este um custo mais elevado, 25,00€ para duas pessoas.

Como qualquer projeto este apresentou algumas limitações em termos da conceção dos itinerários, nomeadamente:

-As limitações existentes em termos de funcionamento dos espaços visitados. Tendo em conta que alguns pontos de paragem requerem a visita de um espaço que possui um horário de funcionamento e que o itinerário pode ser realizado fora desse horário.

-A inexistência de acessibilidade ao longo dos percursos dos itinerários, pois maioritariamente os espaços não podem ser frequentados por pessoas com limitações físicas, o que restringe a sua abrangência e exclui a vertente inclusiva que deveria existir em todos os produtos turísticos.

-Os itinerários foram concebidos para serem realizados por qualquer participante, mas tendo em conta a faixa etária mais jovem, nomeadamente os estudantes do 1.º e do 2.º ciclo achamos importante adequar a linguagem e a descrição em cada ponto de paragem, para desta forma conseguir envolver mais este público-alvo.

Os itinerários literários nestas cidades não se encontram desenvolvidos e não possuem a mesma importância que noutros países, nomeadamente no Reino Unido, ou mesmo noutras cidades portuguesas, como Lisboa. Existem iniciativas relevantes, mas surgem muito esporadicamente. Espera-se que este panorama seja alterado, nas cidades em estudo, com a implementação dos itinerários deste projeto e a nível regional com a concretização da Rota Literária do Algarve.

4.5. Indicações acerca dos itinerários

Estes itinerários literários não exigem um guia turístico, podemos recorrer a um no sentido de melhorar a experiência. Uma vez que estão inseridos na Rota Literária do Algarve, as informações e indicações dadas ao longo dos itinerários garantem o seu rigor.

De qualquer forma, é importante que seja conduzido por alguém que tenha conhecimentos histórico-culturais do local e que tenha capacidade de adequar o seu discurso para diferentes amplitudes de saber, ou seja, tanto para as pessoas que têm conhecimentos na área, como para as que não têm.

O envolvimento da comunidade local é essencial para o sucesso dos itinerários, não só pela promoção dos produtos locais, mas também por possibilitar a articulação entre turismo, gastronomia, desporto e natureza, para darmos o exemplo de Vila Real de Santo António.

Os itinerários foram construídos para serem realizados para grupos pequenos, de forma a que todos os participantes possam sentir como uma experiência única.

Para a concretização do passeio deverá existir uma brochura informativa que contenha o percurso e informações de interesse geral.

Todo o itinerário foi concebido para ser realizado a pé, contudo no caso de Tavira efetuou-se a recomendação para visitar dois pontos de paragem, que não foram incluídos no itinerário, precisamente pela distância do centro de cidade, cerca de 3,5 km. Nestes casos, será decidido, individualmente, qual o meio de transporte a utilizar.

Este itinerário foi concebido para ser realizado tanto pelo turista que conhece a obra dos autores referenciados, como pelo turista que não conhece a obra, pelo que cada ponto de paragem faz o respetivo enquadramento entre lugar literário, o texto escolhido e o contexto em que ambos se interligam.

A presente proposta permite às cidades onde forem implementados conseguir atrair mais turistas literários.

5. Proposta de dois itinerários literários

De forma a valorizar a oferta cultural e a defesa do património são apresentadas duas propostas de itinerários literários, um em Tavira e outro em Vila Real de Santo António.

5.1. Itinerário literário de Tavira

Duração média: duas horas

Extensão aproximada: 1 km.

Grau de dificuldade: fácil.

Tipo de percurso: linear

Ponto de partida: Praça da República.

Pontos de paragem:

1. Praça da República
2. Casa Álvaro de Campos
3. Torre do Relógio/Igreja de Santa Maria do Castelo
4. Castelo
5. Ponte antiga sobre o Rio Gilão (conhecida como a ponte romana)
6. Jardim do Coreto – Busto de Isidoro Manuel Pires
7. Jardim do Coreto – Coreto
8. Ponte sobre o Rio Gilão – (antiga ponte militar)

Introdução

Tavira, na zona este da costa sul de Portugal, é considerada uma das mais bonitas do Algarve, com um rio que atravessa a cidade, o casario branco e as suas ruas estreitas. Esta cidade seduz por si só e leva-nos a querer descobrir os seus encantos, sem pressa.

A somar a estas características, os telhados de tesoura ou de quatro águas, as portas de reixa feitas de madeira entrelaçada, que deixam entrar as palavras e o ar, recordam a ainda presente a herança oriental desta cidade.

É esta a cidade que convidamos a conhecer com este passeio literário.

1. Praça da República

Este itinerário tem início no centro da Praça da República, junto ao monumento os combatentes da I Grande Guerra Mundial, com o poema “Abertura” de Manuel Virgínio Pires¹ (Tavira, 04.06.1909 – Lisboa, 13.10.1974) e, na nossa opinião, são as melhores palavras para dar as boas-vindas a quem visita esta cidade. Assim, com a leitura deste poema, com o qual ficamos a conhecer os elementos principais do “cartaz delirante” que é Tavira: o Castelo, as igrejas, o Rio Gilão e a Ponte dos Sete Arcos, convidamo-lo a desfrutar da beleza que esta cidade tem para oferecer.

Neste passeio, damos-lhe a conhecer muitas das atrações que Manuel Virgínio Pires destaca nesta cidade, pela qual nutria uma grande paixão. Os seus versos são um verdadeiro roteiro turístico de Tavira.

Abertura

Benvindos [*sic*] sejais turistas
A esta terra de encantos!
Cenário de lindas vistas
Com pitorescos recantos;
Paisagens maravilhosas,
As muralhas dos castelos
São testemunhos saudosos
De remotos tempos belos.

Tavira, a Balsa romana,
Que rezou no Alcorão,
De já ser cristã se ufana
Baptizou-se no Gilão.
São provas inesquecidas
De fé de antiguidade
Tantas igrejas erguidas
De lés a lés na cidade.

Tavira, a moura absorta
Acordou numa alvorada!
Deixou de ser terra morta,
É cidade remoçada.

Ranchos, verbenas, gincanas,
Cortejos e exposições,
Chiques reuniões mundanas

¹ Manuel Virgínio Pires desempenhou o cargo de Tesoureiro da Fazenda Pública, na Repartição de Finanças de Tavira, mas também foi proprietário, redator e editor do jornal *Povo Algarvio*, tendo-se destacado como dramaturgo e poeta.

Lindas iluminações,
Concertos, fogos no mar,
Vinde ver os lindos barcos!
Serenatas ao luar
Sob a Ponte dos Sete Arcos.

Por ser belo e majestoso
Há que assinalar a data
Do Cortejo Luminoso
Que ofusca o luar de prata.
Restos de belezas mouras
Onde há sorrisos discretos,
FACES morenas e louras
Olhos castanhos e pretos.

Eis o cartaz delirante
Da festa que se aproxima:
Um poema fascinante
De maravilhosa rima
E aquele que visitar
Pelas festas a cidade,
Com certeza há-de levar
No coração, a saudade.

Manuel Virgínio Pires (2007: 11)

Avance uns metros, em direção à Rua da Liberdade, e deixe o monumento aos combatentes da I Grande Guerra Mundial para trás. Do seu lado esquerdo, pode ver o edifício dos Paços do Concelho, no qual pode observar, na fachada, o brasão da cidade e o rosto esculpido de D. Paio Peres Correia (do qual falaremos no ponto de paragem número três) no canto direito do edifício. À sua direita, em frente ao edifício da Câmara Municipal de Tavira, pode visitar o Núcleo Islâmico. Neste espaço, está patente a exposição permanente “Tavira Islâmica”, onde pode conhecer o célebre “Vaso de Tavira”, um controverso objeto que continua a suscitar questões no seio da comunidade internacional devido à sua natureza singular.

Finalizada esta primeira paragem partiremos rumo ao centro histórico de Tavira, também conhecido como Vila a Dentro, para poder descobrir o que tão bem Manuel Virgínio Pires descreveu. Siga em direção à escadaria, à sua direita, e suba até à porta de D. Manuel, onde sugerimos que pare um pouco para apreciar a sua beleza. Esta porta foi aberta no reinado de D. Manuel I, *O Venturoso*, de forma a permitir a passagem entre a Vila a Dentro e a então Praça da Ribeira. Em cima desta porta encontram-se as armas do rei D. Manuel I.

Caminhe uns metros e encontra do seu lado esquerdo a sede da Casa Álvaro de Campos²inaugurada no dia 12 de março de 2011. Este espaço foi aberto com o intuito de ser um espaço de encontro para todos os que queiram conhecer um pouco de Álvaro de Campos.

2. Casa Álvaro de Campos

É neste local de ligação a Álvaro de Campos, o mais famoso dos heterónimos do poeta Fernando Pessoa, que, com o poema “Notas sobre Tavira” (1931), iremos perceber um pouco mais da ligação do poeta a esta cidade. Esta ligação materializou-se na existência da única cidade que tem uma biblioteca com o nome de um autor fictício.

Notas sobre Tavira

Cheguei finalmente à vila da minha infância.
Desci do comboio, recordei-me, olhei, vi, comparei.
(Tudo isto levou o espaço de tempo de um olhar cansado).
Tudo é velho onde fui novo.
Desde já — outras lojas, e outras frontarias de pinturas nos mesmos prédios —
Um automóvel que nunca vi (não os havia antes)
Estagna amarelo escuro ante uma porta entreaberta.
Tudo é velho onde fui novo.
Sim, porque até o mais novo que eu é ser velho o resto.
A casa que pintaram de novo é mais velha porque a pintaram de novo.
Paro diante da paisagem, e o que vejo sou eu.
Outrora aqui antevi-me esplendoroso aos 40 anos — Senhor do mundo —
É aos 41 que desembarco do comboio [indolentão?].
O que conquistei? Nada.
Nada, aliás, tenho a valer conquistado.
Trago o meu tédio e a minha falência fisicamente no pesar-me mais a mala...
De repente avanço seguro, resolutamente.
Passou roda a minha hesitação
Esta vila da minha infância é afinal uma cidade estrangeira.
(Estou à vontade, como sempre, perante o estranho, o que me não é nada)
Sou forasteiro tourist, transeunte.
E claro: é isso que sou.

Até em mim, meu Deus, até em mim.

Álvaro de Campos ([1931] *in* Lopes, 1993:154)

² Horário de funcionamento: terça a quinta-feira, das 11h00 às 13h00 e das 18h00 às 22h00, de sexta-feira a sábado, das 11h00 às 13h00 e das 19h00 às 23h00. Encerra aos domingos e segunda-feira.

Fernando Pessoa (Lisboa, 13.06.1888 - 30.11.1935) criou diversos heterónimos, um deles foi Álvaro de Campos que “nasceu” em Tavira, uma naturalidade que o autor terá atribuído ao seu heterónimo provavelmente pelas ligações da sua própria família paterna a esta cidade. Com efeito, foi aqui que nasceu o seu avô, General Joaquim António de Araújo Pessoa, assim como o seu tio Jacques Cesário Pessoa.

Álvaro de Campos, tal como outros heterónimos de Fernando Pessoa, e, teve uma biografia própria que, no entanto, partilha semelhanças com a de Fernando Pessoa. Numa carta que escreveu a Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa (1935) apresenta Álvaro de Campos como o seu retrato melhorado, sob muitos aspetos físicos e morais. Sobre o tipo físico deste seu heterónimo, diz Fernando Pessoa que Álvaro de Campos era "alto (1,75 de altura, mais dois centímetros do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se" e que tinha um: "Tipo vagamente de judeu português". Pessoa fê-lo nascer em 1890, dois anos antes de si próprio, “[...] em Tavira, no dia 15 de outubro de 1890 (às 1.30 da tarde [...])” Álvaro de Campos fez os estudos liceais, com um percurso qualificado de vulgar pelo próprio Fernando Pessoa e, posteriormente, foi para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e, depois, naval.

No poema “Notas de Tavira” Álvaro de Campos refere o seu regresso à “vila da sua infância” depois de uma longa ausência. Passados quarenta e um anos tudo mudou e o poeta não reconhece a sua vila, “esta vila da minha infância é afinal uma cidade estrangeira”, Sente-se um turista na vila atual, que o recebe adulto e saudoso de uma vila, que já não existe.

Siga agora em frente até encontrar a Igreja da Misericórdia, uma das vinte e uma igrejas existentes nesta cidade. Esta igreja foi construída entre 1541 e 1551 e constitui um exemplo do Renascimento no Algarve, da autoria de André Pilarte, arquiteto tavirense que participou também na construção do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa. Destaca-se o pórtico renascentista aberto por um arco de volta perfeita com a imagem de Nossa Senhora da Misericórdia, ladeada pelos apóstolos São Pedro e São Paulo e pelas armas reais e da cidade. A igreja é constituída por três naves e um teto suportado por oito colunas. A decoração apresenta um conjunto de azulejos azuis e brancos do século XVIII.

Deixando a igreja do seu lado direito suba a escadaria, quando chegar ao cimo, vê o Museu Municipal de Tavira³, que se encontra instalado no Palácio da Galeria. Este edifício remonta ao segundo quartel do século XVI, devendo o seu nome à presença de uma galeria renascentista no

³ Horário de funcionamento: de terça a sábado, das 09h15 às 16h30 (encerra aos domingos, segundas e feriados).

segundo piso. O edifício passou a pertencer à Câmara de Tavira em 1863 e, 2001, depois de obras de reabilitação, foi aqui instalado o Museu Municipal de Tavira.

3. Torre do relógio/ Igreja Matriz de Santa Maria do Castelo

De frente para o museu, se se voltar para o lado esquerdo, consegue visualizar a Torre do Relógio, junto da qual sugerimos a leitura do poema “O sino da minha aldeia” (Pires, 2007: 32). Neste poema, o poeta descreve o simbolismo associado aos sinos e o que estes representavam numa localidade, pois eram uma das principais formas de comunicar com a população.

O sino da minha aldeia,
Em toada dolorida,
Vai marcando, lentamente,
As horas da nossa vida,

De alegria a repicar
Um dia nos viu nascer,
E tristemente, a dobrar,
Um dia nos vê morrer.

Vem o dia a despontar
E com badaladas finas,
Começa a aldeia a acordar
Com o toque das matinas.

Numa triste melodia,
Como que a carpir saudades
Diz adeus a cada dia
Com o toque das trindades.

E sempre que se ouve o sino,
A tanger, dolentemente,
Há um certo desafino
Dentro do peito da gente.

Ó sino da minha aldeia,
Tu és como o coração,
Marcas horas de alegria
E momentos de aflição.

Manuel Virgínio Pires (2007: 32)

Este poema dá-nos a conhecer a visão de uma das figuras mais populares da sociedade Tavirense, o escritor Manuel Virgínio Pires, que neste recorda como o sino e as suas toadas marcavam “as

horas da nossa vida”. Percebemos também uma certa nostalgia do tempo que passa marcado por momentos de alegria e de tristeza.

De frente para a Torre do Relógio contorne a igreja, pelo lado direito e no final, vire à esquerda. Depois de contornar o edifício, vai ficar de frente para a entrada da Igreja Matriz de Santa Maria do Castelo.⁴ Classificado como monumento nacional, é neste local que descansam D. Paio Peres Correia e os sete cavaleiros da ordem de Santiago, que conquistaram Tavira aos mouros, em 1242, data de fundação desta igreja. Pode saber um pouco mais sobre a história desta igreja lendo a informação na placa junto à Igreja.

Terminada a paragem na Igreja Matriz de Santa Maria do Castelo, contorne novamente a igreja, pelo lado direito, até chegar ao Castelo e Muralhas de Tavira, que ficam localizados do seu lado direito, a seguir à Calçada dos sete Cavaleiros, no Largo Abu-Otmane.

4. Castelo e Muralhas de Tavira

Convidamo-lo agora a visitar o melhor miradouro da cidade. Para tal no interior do castelo ajardinado, suba à torre octogonal e daí pode contemplar os telhados de tesoura, as cúpulas das igrejas, o rio e o mar. No caso de este edifício estar fechado, sugerimos que faça a leitura do poema “Tavira”, de Carlos Brito⁵ junto à entrada.

Tavira

O branco turbante arremessado
sobre as baixas colinas do Gilão
memória ainda impressiva do Islão
num hirto e aristocrático passado

Frei Paio Peres Correia sepultado
o ciclo cristão Ceuta a expedição
porto atlântico atum a última armação
Álvaro de Campos aqui invento-nado

Terra dos meus avós e minha mãe
teia de vidas antes da minha vida
quando venho qualquer coisa me retém

Não só o ar antigo as igrejas-museus
mas o alegre falar desta gente sofrida
rostos tisonados onde revejo os meus.

Carlos Brito (2004: 47)

⁴ A Igreja Matriz está aberta ao público de segunda a sexta, das 10h00 às 17h00 e sábado das 10h00 às 13h00.

⁵ Carlos Brito foi um político e escritor português nascido em Moçambique, em 1933, vive em Lisboa, mas passou a sua infância em Alcoutim. Se quiser conhecer mais sobre este autor, recomendamos a realização do itinerário literário de Alcoutim.

Neste poema lemos sobre a origem da cidade e a sua beleza e conseguimos ter a percepção da paisagem natural da cidade, da sua história e das ligações familiares afetivas, que o autor tem com esta cidade. Destacamos no poema a referência a Álvaro de Campos que, numa expressão particularmente feliz refere como “aqui invento-nado”.

Já o verso “porto atlântico atum a última armação” remete para uma atividade particularmente importante na história e desenvolvimento da cidade: a pesca do atum que era feita recorrendo à chamada “armação”: verdadeiras obras de engenharia náuticas constituídas por quilómetros de redes, centenas de âncoras e milhares de boias (Mesquita, 2009).

Se quiser conhecer mais sobre a pesca do atum no Algarve (conhecida como copejada do atum), sugerimos como complemento a este itinerário uma visita ao Núcleo Museológico da Pesca do Atum⁶, junto à foz do rio Gilão. Trata-se de um espaço que erguido para albergar os pescadores e as suas famílias e que, atualmente, é uma unidade hoteleira. No entanto, aí pode visitar o espaço museológico dedicado à arte da pesca. Se tiver oportunidade, visite também a Praia do Barril, em Santa Luzia, conhecida pelo seu singular “cemitério de âncoras”, que eram utilizadas para fixar à terra armações de pesca do atum e da sardinha já desativadas

A construção da muralha fenícia, dentro da qual se encontra, ocorreu entre os séculos VIII e VII a.C. e passaram catorze séculos sem que nenhum aglomerado urbano tivesse surgido nas margens do rio Gilão. Em finais do século X, inícios do XI d.C., os muçulmanos retomaram a povoação de Tavira, construindo o castelo no topo da colina de Santa Maria. Foi durante o século XI que Tavira viu reconhecida a sua importância, crescendo em direção ao rio e foi neste local que a população, constituída em grande parte por muçulmanos que vinham do norte de África à procura de zonas mais pacatas, se fixou e aumentou gradualmente.

As muralhas deste castelo sofreram alterações sob os reinados de D. Afonso III e de D. Dinis nos séculos XIII e XIV. Depois de perder o seu valor defensivo, o castelo foi usado como cemitério durante a primeira metade do século XIX, altura em que a cidade foi violentamente atacada por um surto de cólera.

Em 1938 a Câmara Municipal de Tavira adquiriu o terreno do castelo com o objetivo de aí construir um miradouro e ajardinar o interior da fortaleza.

Tavira, tal como muitos outros pontos do Algarve, é rica em lendas, e estando nós no castelo da cidade, não podemos deixar de referir a da Moura do Castelo de Tavira: É uma lenda que eu ouvia contar, e que contam os mais velhos, que no castelo de Tavira, existia uma moura encantada, que na noite de São João aparece e chora o seu destino, dizem os mais antigos que é todos anos, de há

⁶ O Núcleo Museológico da Pesca do Atum situa-se, aproximadamente, a 4 km do centro da cidade e está aberto diariamente, das 08h00 às 19h00.

muito tempo que isto acontece. Os mais antigos, as pessoas mais velhas diziam que a moura era filha de um homem muito rico que governava a cidade na altura em que Tavira foi conquistada pelos cristãos. Tavira era de um reino mouro e então quando foi conquistada, este governador desapareceu depois de encantar a filha, porque ele fugiu mas não levou a filha com ele. O mouro depois mais tarde queria voltar a conquistar Tavira, portanto a cidade, para levar a sua filha que tinha cá ficado, que era muito infeliz, mas nunca conseguiu. A moura ficou aprisionada no castelo durante anos, anos e anos. E naquela noite de São João ela chorava sempre, e acho que as pessoas que moravam ali por perto do castelo ouviam o seu choro e a sua tristeza. Um dia apareceu, dizem, que apareceu um príncipe que viu a moura através das grades do castelo, lá em cima naquela parte superior do castelo. Ficou tão encantado com a sua beleza, e ele sabia que ela estava lá aprisionada, que tentou livrá-la do encantamento mas, nas várias tentativas que fez, foi muito difícil porque o castelo estava numa zona muito alta e era tão difícil lá chegar que eles passavam horas e horas a tentar subir o castelo. Eles começavam a fazer isso à noite, mas como levavam muito tempo, quando amanhecia acabava-se o poder de desencantar a moura, portanto assim que a moura só podia ser desencantada durante a noite e para isso eles nunca o conseguiram fazer porque levavam muito tempo até chegar a ela, e nunca a moura foi desencantada. A tristeza dela foi tão grande por não conseguir sair daquele castelo onde vivia muito triste, a tristeza foi tão grande, que desapareceu numa nuvem e nunca mais ninguém a viu (Centro de Estudos Ataíde de Oliveira, 2008).

Neste ponto de paragem aproveitamos ainda para recordar os versos do poeta Manuel Virgínio Pires que leu no início deste passeio, no poema “Abertura”: “As muralhas dos castelos/São testemunhos saudosos/De remotos tempos belos”.

Estando de costas para o castelo, volte à sua esquerda e desça a Calçada dos Sete Cavaleiros, D. Paio Peres Correia. No final da calçada, vire à esquerda e caminhe até ao final da rua. Neste local visualiza, em frente, a Igreja Matriz de Santa Maria do Castelo. Vire novamente à esquerda, pela Rua da Liberdade, e caminhe até chegar à Praça da República (ponto de início deste itinerário). Aqui siga em frente até à Ponte antiga sobre o Rio Gilão.

5. Ponte antiga sobre o Rio Gilão (conhecida como a ponte romana)

Nas palavras do poeta Manuel Virgínio Pires, Tavira é a “Veneza algarvia” (Pires, 2007: 21). e em cima desta ponte, de arquitetura notável com uma sucessão de arcos de volta perfeita, explicamos-lhe a particularidade de, exatamente neste local, o rio mudar de nome.

A montante denomina-se de Rio Séqua e a jusante de Rio Gilão, mantendo esse nome até desaguar nas Quatro Águas (a cerca de 3 quilómetros de distância). Há quem explique este facto com uma lenda, segundo a qual, na altura da ocupação muçulmana, a filha de um rei mouro de seu nome Séqua se apaixonou por um militar cristão chamado Gilão. Este era, porém, um amor proibido. No entanto, diz a lenda que todas as madrugadas o casal encontrava-se nesta ponte, que une as duas margens do rio, até que alguém os descobriu e denunciou. Adivinhando as acusações de traição e, uma provável condenação à morte, o casal, em pânico, suicidou-se: ela saltando de um dos lados da ponte, e ele do outro e, assim, batizando o rio com dois nomes.

As primeiras referências a esta ponte surgem na Crónica da Conquista do Algarve, na qual é relatada a conquista da localidade aos mouros, no século XIII (Câmara Municipal de Tavira, 2020). Contudo, existe a ideia generalizada de que a construção da ponte ocorreu no período romano – daí esta ser popularmente conhecida como “a ponte romana”. No entanto as diversas reparações e reconstruções de que a ponte foi alvo ao longo dos séculos criam dúvidas aos historiadores. O painel de azulejos situado à entrada do tabuleiro, do lado esquerdo, mostra-nos a sua importância evocando a “memória dos valorosos moradores de Tavira e de Faro que, na crise política de 1383 a 1385, defenderam nesta ponte a causa de D. João I, mestre de Avis” (Câmara Municipal de Tavira, 2020).

Neste ponto de paragem, recordamos o poeta tavirense, Emiliano da Costa (Tavira, 3 dezembro 1884 – Faro, 1 janeiro 1968).⁷ Os seus poemas sobre a cidade refletem a sua sensibilidade, capacidade de observação e sobretudo a paixão que tinha pela cidade – “Doido fico por ti, linda Tavira...” (Costa, 1957: 26) – pelo Algarve, as suas gentes, costumes e paisagem.

Um bom exemplo do seu amor por esta cidade é o poema “À luz do dia”, no qual Emiliano retorna ao seu passado, à sua cidade natal, tal como o fez Álvaro de Campo em “Notas sobre Tavira”, e nos revela a distância temporal e física de Tavira, enquanto esteve em Beja, Coimbra e, mais tarde, Estoi.

Depois de muito andar por terras, longe,
Voltei um dia à terra de Tavira
Onde nasci,

E ali
Fiquei num êxtase dorido

⁷ Emiliano da Costa Estudou em Beja e posteriormente em Coimbra onde terminou o curso de medicina, em 1914. Depois de se formar, regressou a Estoi, onde exerceu medicina e viveu até ao fim dos seus dias. A sua vida foi preenchida com uma intensa atividade cultural, da qual resultou uma vasta obra poética (Para melhor conhecer este poeta recomendamos a realização do itinerário literário de Estoi).

Mais triste que encantado:
Porque bem sinto aqui,
Dentro de mim, uma angústia,
Uma verdade
Que passara e eu bem sentira
Mas não morrerá...

Ai, que saudade!

Minha casa perdida
Arrimava-se ao rio.

Emiliano da Costa (1989: 15-16)

6. Busto Isidoro Manuel Pires

De frente para a ponte, e olhando para a sua direita, pode avistar o jardim, para onde nos dirigimos de seguida.

Antes de chegar ao coreto, pode ver o busto do poeta Isidoro Manuel Pires (Tavira, 12 janeiro 1894 – 21 julho 1958)⁸, no qual se encontram inscritas quadras de dois poemas seus, “Amendoeiras” e “Chaminés Algarvias” (Pires, 1961: 251) celebrando este emblemático elemento da arquitetura algarvia.

Amendoeiras

[...]
Toda a casinha algarvia
Sem chaminé rendilhada
Lembra a vivenda sombria
Duma alma abandonada.

Isidoro Manuel Pires (1961: 251)

Chaminés Algarvias

À chaminé algarvia
É tão airosa, tão bela,
Que enche os olhos de alegria
A quem olha para ela.

⁸ Isidoro Manuel Pires nasceu nesta cidade, na Praça da Alagoa e notabilizou-se como poeta e jornalista, tendo sido presidente da câmara de Tavira entre 1937 e 1939. Este monumento foi inaugurado a 23 de julho de 1961, como forma de homenagear o homem que no exercício do seu cargo de presidente da Câmara tomou muitas medidas em prol da cultura, nomeadamente organizando as Festas Citadinas e criando a Banda Municipal de Tavira, em 1925

Só um artista de raça,
Algarve, como tu és,
Poderia ter a graça
De dar graça às chaminés.
[...]

Isidoro Manuel Pires (1961: 252)

As chaminés evocadas nestas quadras são um símbolo vincado da arquitetura tradicional algarvia e como refere o poeta, “a casinha algarvia” que não tivesse uma chaminé “rendilhada” lembraria “a vivenda sombria/Duma alma abandonada”, ou seja, até a mais simples casa teria de ser ornamentada com as típicas chaminés para ter alguma beleza e vida. Estas peças, que eram também uma forma de expressão do estatuto económico do dono da casa, eram individualizadas, e quanto mais trabalhadas fossem mais facilmente se percebia que aquela tinha sido uma obra dispendiosa. Atualmente a construção das chaminés já não se trata de um trabalho artístico e a sua montagem é feita através de modelos pré-fabricados.

Deixando o busto do poeta Isidoro Manuel Pires do seu lado esquerdo, caminhe mais um pouco até encontrar o coreto.

7. Jardim do Coreto

O Jardim do Coreto é o jardim público mais antigo de Tavira e foi durante um século o principal centro das festas da cidade. O coreto foi construído na cidade do Porto, em 1890, e transportado até Tavira por via marítima. É considerado um exemplo da chamada arquitetura do ferro oitocentista, pela sua forma octogonal e linhas flexíveis. É neste local que propomos a leitura de um poema de **Yvette** Centeno (Lisboa, 1940).⁹

Tavira

*Não brincam no jardim
as infâncias perdidas*

O lago já secou

⁹ Yvette Kace Centeno é escritora e germanista. Repartiu a sua infância e juventude entre Tavira, na casa da sua avó paterna, e Lagos, na casa de uns tios e do irmão mais novo do seu pai. Viveu no Porto e em Coimbra, e foi professora universitária em Lisboa.

*nas grades do coreto
enforcaram-se os músicos*

*E a palmeira
sem tâmaras
marca só o lugar
do tempo que passou.*

Ivete Centeno (1997)

Neste poema, evocam-se as origens tavirenses, uma infância à qual não se regressa e um período da vida muito feliz, cujas recordações são recuperadas neste espaço do jardim do coreto.

Terminada a visita a este jardim, estando de costas para o coreto e olhando em frente, na extremidade oposta do jardim, fica o renovado Mercado da Ribeira. Recomendamos que visite este edifício construído em 1887 e que funcionou como mercado municipal, até 1999. Chamamos a atenção para os portões duplos em ferro fundido, a decoração dos frontões, a cornija e balaustrada que rematam as fachadas.

8. Ponte de Tavira (antiga Ponte Militar)

Permanecendo de costas para o coreto, convidamo-lo a avançar uns metros, até encontrar uma ponte, de construção recente, do seu lado esquerdo. Dirija-se até ao início da ponte e contemple a paisagem do lado oposto. Neste local aproveitamos para chamar a atenção para os telhados tesoura tão característicos de Tavira, que podemos ver no outro lado do rio, olhando para a sua esquerda. Sugerimos que os observe enquanto se deixa inspirar, mais uma vez, pelas palavras de Emiliano da Costa.

[...]
A minha casa
Tinha telhados de tesoura
Como tantos e tantos
Que vão pela cidade fora

Tinha flores melindres no quintal,
Uma porta de reixa numa banda,
Na outra uma varanda
Que dava para a baixa-mar.
[...]

Emiliano da Costa (1989: 19-20)

Estes telhados seriam, tal como as chaminés, uma forma de exibir a riqueza dos seus donos (Rota da Dieta Mediterrânica, 2015), pois a sua construção obrigava a que a casa fosse feita com telhados múltiplos que cobriam cada divisão da casa e não a casa por completo, o que é bastante mais dispendioso. No entanto, estes telhados tinham uma funcionalidade específica: permitir a circulação de ar nas casas, isolando o frio no inverno e tornando as casas mais frescas no verão. O seu nome tem origem na sua formação interior, pois assentam em barrotes cruzados cuja disposição é feita como se fossem as lâminas de uma tesoura. Em finais do século XVIII, estes telhados já existiam em grande abundância por toda a cidade de Tavira, presume-se que a origem possa ser muçulmana (Ribeiro, 1961: 96-99).

Para terminar este passeio, recordamos o transmontano Miguel Torga (1907-1995) que nos diz que “Há sítios no mundo que são como certas existências humanas: tudo se conjuga para que nada falte à sua grandeza e perfeição” ([1959] 2003 115), pois é assim que vemos Tavira e é com esta aura de beleza e luz que esperamos deixá-la registada na sua memória.

Referências bibliográficas

Brito, C. (2004). *O modo e os lugares: Poemas*. Porto: Campo das Letras.

Câmara Municipal de Tavira (2020). Portal do município. Disponível em <http://www.cm-tavira.pt/site/index.php>

Centeno, I. K. (1997). Tavira [poema]. Disponível em <https://viciodapoesia.com/2010/12/16/quem-nao-recorda-nao-vive-%E2%80%93-tavira-e-3-poemas-de-yvette-k-centeno/> <https://viciodapoesia.com/2010/12/16/quem-nao-recorda-nao-vive-%E2%80%93-tavira-e-3-poemas-de-yvette-k-centeno/>

Centro de Estudos Ataíde de Oliveira (2008). lenda da Moura do Castelo de Tavira. APL 2561, Coletor: Helena Isabel Sousa, Tavira. Faro, Universidade do Algarve.

Costa, E. da (1989). *As saudades do silêncio*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira.

Costa, E. da (1957). *Doido por ti, linda Tavira*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira.

Lopes, T. R. (Org.) (1993). *Álvaro de Campos: Livro de versos*. (Edição crítica). Lisboa: Editorial Estampa.

Mesquita, J. C. V. (2009, 18 julho). A pesca do atum no Algarve. Disponível em <http://algarvehistoriacultura.blogspot.com/search?q=arma%C3%A7%C3%A3o>

Pessoa, F. (1935). *Carta a Adolfo Casais Monteiro*. Disponível em <https://www.casafernandopessoa.pt/pt/fernando-pessoa/textos/heteronimia>

Pires, I. M. (1961). *Versos*. Tavira: Tipografia Povo Algarvio.

Pires, M. V. (2007). *Algarve dos meus encantos*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira.

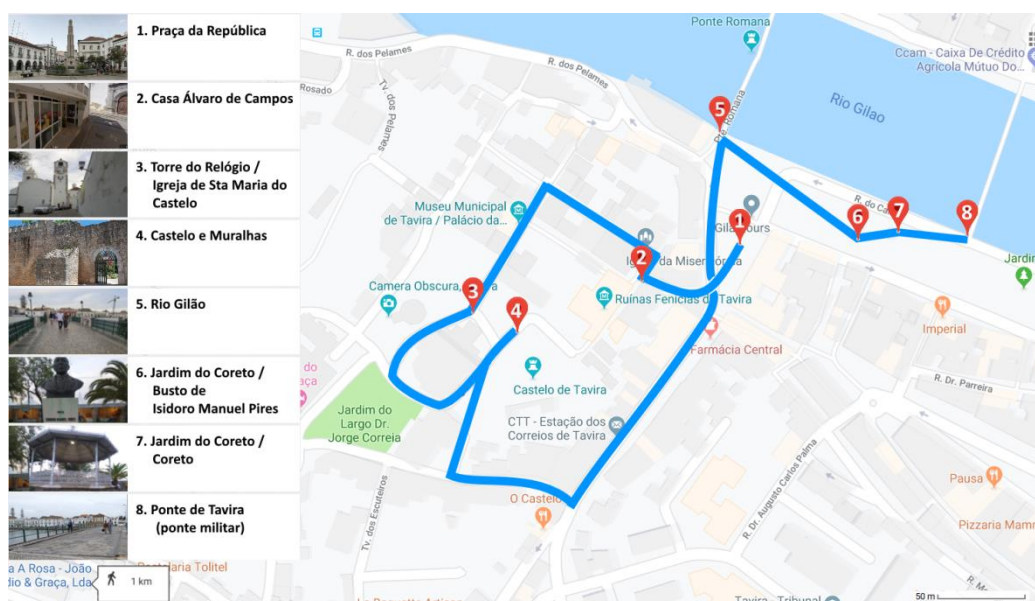
Ribeiro, O. (1961). *Geografia e civilização*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

Rota da Dieta Mediterrânica (2015). *Telhados de tesoura*. Disponível em <http://www.rdm.pt/index.php/pt/component/k2/item/109-telhados-de-tesoura>

Torga, M. ([1959] 2003). *Diários: Volumes V e VII*. Lisboa: Planeta de Agostini.

Percurso do itinerário literário de Tavira

Figura 5.1. – Percurso do itinerário literário de Tavira



Fonte: Elaboração própria (2019) utilizando Google Maps e Paint.net

5.2. Itinerário literário de Vila Real de Santo António

Descrição geral:

Duração média do passeio: duas horas aproximadamente.

Distância: 1,7 Km.

Grau de dificuldade: fácil.

Ponto de partida: Farol.

Pontos de paragem:

1. Farol
2. Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes
3. Avenida da República
4. Praça Marquês de Pombal (Igreja Matriz Nossa Senhora da Encarnação)
5. Antiga Alfândega
6. Rio Guadiana

Introdução:

Situada na margem direita da foz do Guadiana, Vila Real de Santo António foi fundada, a 13 de maio de 1776. Conhecida como a vila do Iluminismo, é uma cidade raiana, com uma área de 61,25 km² e 19 156 habitantes, situada no extremo sudoeste do Algarve. Com o rio Guadiana a leste, o Oceano Atlântico a sul e a serra algarvia e o sapal de Castro Marim a norte, esta é uma cidade muito diversificada em termos paisagísticos.

A sua construção foi ordenada pelo Marquês de Pombal, a 30 de dezembro de 1773, data da assinatura da Carta Régia da sua fundação. A toponímia Vila Real por ser de fundação régia e de Santo António em homenagem ao santo padroeiro da extinta Santo António de Arenilha. A localidade de Santo António de Arenilha, que existiu numa zona a sul da atual cidade de Vila Real de Santo António, desapareceu entre o final do século XVI e o princípio do século XVII.

Este itinerário tem como ponto de partida o farol da cidade.

1. FAROL DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Na zona onde o Rio Guadiana encontra o mar, foi erguido o farol que entrou em funcionamento em 1926, para substituir o antigo “Farolinho de Ferro”. Do alto deste “Farol semafórico”, como lhe chama António Vicente Campinas¹⁰, a que se acede subindo os duzentos e vinte cinco degraus da sua torre circular de quarenta e seis metros, “desfruta[-se] um panorama imponente, majestoso, serve de fundo a esta curiosa localidade.”(Campinas, 05.12.1941). Com efeito, esta vista deslumbrante alcança a serra e o mar, as salinas, a cidade, a ria, o pinhal, o litoral da Andaluzia e o Castelo de Castro Marim.

Neste ponto do itinerário, sugerimos a subida ao farol, caso a sua visita se efetue no horário de abertura ao público (quartas-feiras, entre as 14h30 e as 17h00). O acesso é gratuito e sem necessidade de marcação prévia.

Independentemente de se encontrar no interior ou no exterior do farol, propomos neste local a leitura do poema “Faróis distantes”, de Álvaro de Campos, o heterónimo taviense de Fernando Pessoa, que “nasceu” naquela cidade em 15 de outubro de 1890. Trata-se de um poema no qual o “filho indisciplinado da sensação” (Pessoa [1917] 1993: 343) evoca os faróis e nos proporciona uma perspetiva diferente da que aqui temos. Não uma perspetiva a partir do farol, enquadrando a paisagem que o rodeia, mas do farol visto do mar por aqueles que dele precisam (sem descurarmos, naturalmente, a dimensão metafórica da luz que orienta o Homem):

Faróis distantes
Faróis distantes
De luz subitamente tão acesa,
De noite e ausência tão rapidamente volvida,
Na noite, no convés, que consequências aflitas!
Mágoa última dos despedidos,
Ficção de pensar...

Faróis distantes...
Incerteza da vida...
Voltou crescendo a luz acesa avançadamente,
No acaso do olhar perdido...

Faróis distantes...
A vida de nada serve...

¹⁰ António Vicente Campinas, nasceu em Vila Nova de Cacela (Vila Real de Santo António), no dia 28 de dezembro de 1910, onde viria a falecer no dia 3 de novembro de 1998. Ao longo da sua vida exerceu diversas atividades profissionais, foi aprendiz de sapateiro, caixeiro, tipógrafo, violinista, guarda-livros, jornalista e desenvolveu ainda uma intensa atividade política. A sua atividade principal foi livreiro (durante vinte e cinco anos em Vila Real de Santo António e dois em Faro).

Pensar na vida de nada serve...
Pensar de pensar na vida de nada serve...

Vamos para longe e a luz que vem grande vem menos grande.
Faróis distantes ...

Álvaro de Campos (Pessoa, [1917] 1993: 26)

Estando de frente para o farol, volte à esquerda e prossiga até chegar ao rio. Aí chegado, depara-se com uma rotunda com uma estátua no centro, alusiva ao atum. Uma referência que encontra em outros pontos da cidade e deste itinerário, e que não podemos deixar de mencionar, uma vez que a pesca e a transformação do atum e da sardinha tiveram uma enorme importância no desenvolvimento desta cidade, como teremos oportunidade de ver mais adiante.

Vire agora à esquerda, e siga pela Avenida da República. Ao longo deste percurso poderá ver, à sua esquerda, o edifício do conservatório, em tempos local de residência de uma família ligada à indústria conserveira. A sua construção data do século XIX. Um pouco mais à frente, mas do mesmo lado da rua, poderá ver o edifício da capitania com azulejos alusivos à pesca do atum. Sugerimos que atravesse a rua e os observe em pormenor, regressando depois ao ponto onde se encontra para observar o busto da poetisa Lutegarda Guimarães de Caires (1873-1935), sobre a qual falaremos no ponto cinco.

Continue a caminhar até avistar o Arquivo Histórico Municipal, à sua esquerda.

2. ARQUIVO (EXPOSIÇÃO “A INDÚSTRIA CONSERVEIRA EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO)

Dedicamos este ponto de paragem ao Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes, assim designado em homenagem ao historiador, investigador e professor universitário vila-realense (Vila Real de Santo António, 21.05.1954 – Faro 04.06.2013).

O edifício do Arquivo funcionou como o Torreão Sul da cidade e remonta aos finais de 1775, mas foi durante muito tempo propriedade privada, tendo sido adquirido pela Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, em 20 de novembro de 1987. A recuperação e adaptação do edifício para funcionamento do Arquivo Municipal, teve início em outubro do ano 2000, com um projeto da autoria do Arquiteto Rui Figueiras. Do ponto de vista urbanístico, torreões deste género delimitavam a vila a norte e a sul.

Esta construção manteve a sua traça original, o que o torna um local emblemático do ponto de vista histórico, mas também social, uma vez que no seu interior acolhe e preserva boa parte da história do concelho. É também neste local que está patente a exposição permanente “A Indústria Conserveira em V.R.S.A.”, pelo que sugerimos a sua visita¹¹.

A pesca do atum e a pesca da sardinha fazem parte da cultura de Vila Real de Santo António, não só como fonte de alimento, mas também como modo de vida, uma vez que era foi uma indústria geradora de centenas de postos de trabalho e que funcionou como um fator de fixação das populações. Falar desta indústria é falar tanto de captura, como de transformação em conserva. Devido às suas características migratórias, a pesca do atum era uma atividade essencialmente sazonal, dependente do ciclo de vida do peixe. António Vicente Campinas, escritor natural de Vila Nova de Cacela (10,3 km de Vila Real de Santo António), e também um importante livreiro, sintetizou bem a importância e a dimensão económica desta indústria, no seu texto “Vila Real de Santo António”:

“A sua indústria quase se resume à da pesca e da conserva de peixe. Tem uma razoável frota pesqueira (para sardinha) entre traineiras e acostados. As fábricas de conservas, que são das que se podem classificar a par das que melhor fabricam no país, dão trabalho a quase toda a população laboriosa. Isto é natural, dado a quase ausência de outras indústrias nesta vila. De inverno, dada a paralisação da pesca (tempo de “defeso”, que vai de janeiro a março) a crise de trabalho se acentua.” (s.d., Espólio do autor)

Nas épocas mais desfavoráveis, a população que vivia com dificuldades económicas, aproveitava todas as partes do atum. Nesta altura surgiram uma variedade de iguarias que, nos dias de hoje, são muito valorizadas, mas difíceis de encontrar como a estupeta, a espinheta, os mormos ou a muxama. Ainda assim, porque há restaurantes da cidade que nos últimos anos têm vindo a investir na redescoberta da gastronomia local e regional, é ainda possível degustar algumas destas especialidades.

Nesta indústria as mulheres tinham um papel muito importante, uma vez que eram elas quem ocupava a maioria dos postos de trabalho nas fábricas, mesmo que quase sempre com pouquíssima compensação financeira.

A indústria conserveira tem também influências noutros setores económicos, e as pescas e a produção de azeite são exemplo disso. O francês Nicolas Appert criou o método de esterilização,

¹¹ Horário de funcionamento: 2 a 13 de julho - Segunda a sexta - 9h00 - 15h00; 13 de julho a 31 de agosto - 9h00 - 15h00 e 17h00 - 22h30; setembro a junho - segunda a sexta - 9h30 - 13h00 - 14h00 - 16h45.

em 1795, utilizando azeite ou óleo vegetal em recipientes de vidro, o que impulsionou um grande desenvolvimento nesta indústria. No Algarve, a primeira fábrica foi instalada em Vila Real de Santo António, em 1865, produzindo atum em azeite. Naturalmente, sendo Portugal um país muito rico em variedade de peixe, rapidamente surgiram novas fábricas ao longo de toda a costa algarvia. (Lese, 2013:19)

De costas para a porta do Arquivo Municipal, siga pela esquerda, pela Avenida da República. À sua direita encontra mais uma homenagem a Lutegarda Guimarães de Caires (1873-1935), a mesma poetisa cujo busto viu atrás. Sugerimos que atravesse a estrada para observar a estátua em detalhe.

3. AVENIDA DA REPÚBLICA

Neste ponto de paragem, junto à estátua, começamos por recordar Lutegarda Guimarães de Caires que nasceu em Vila Real de Santo António, a 13 de novembro de 1873, e se tornou uma referência pela sua dedicação a diversas atividades e pelo facto de ter contribuído para uma alteração das mentalidades.

Lutegarda cedo deixou o Algarve para ir viver em Lisboa, onde se casou com o advogado João de Caires, um homem dedicado à cultura. Logo após o casamento, a sua vida foi abalada por um acontecimento trágico, quando perdeu uma filha. Esta perda deixou-lhe marcas profundas, visíveis na sua escrita, triste e nostálgica.

Para conseguir superar esta angústia, Lutegarda dedicou-se a causas sociais, sendo de destacar a mais conhecida: as visitas a crianças doentes no Hospital Dona Estefânia, em Lisboa. Lutegarda foi também a impulsionadora do Natal dos Hospitais, à data denominado de Natal das Crianças dos Hospitais. Atenta aos problemas sociais e às injustiças, a poetisa preocupou-se ainda com as condições em que viviam as mulheres nas cadeias portuguesas, tendo conseguido a abolição da máscara penitenciária e do regime do silêncio, bem como a melhoria das condições sanitárias nas prisões.

Após a implantação da República, Lutegarda foi convidada pelo ministro da Justiça, a propor melhorias de carácter social. O Governo português agraciou-a com a Ordem de Benemerência, pela sua dedicação às crianças e com a Ordem de Santiago e Espada.

É incontestável a importância social da poetisa Lutegarda Guimarães de Caires. No entanto, nas palavras do Professor António Rosa Mendes (2007) “é uma ilustre vila-realense; e é também uma ilustre desconhecida para os vila-realenses”.

Lutegarda Guimarães de Caires faleceu em Lisboa, no dia 30 de março de 1935 sem nunca ter esquecido a terra que a viu nascer. Uma saudade bem patente no poema que transcrevemos abaixo:

Ao voltar a Vila Real de Santo António

Tornei a ver-te! Agora os meus cabelos
Embranqueceram já... longe de ti.
Foram-se há muito aspirações e anelos
Mas as saudades ainda as não perdi.

Tantas saudades da suave infância,
Tantas saudades de ilusões perdidas!
Daquelas flores hoje emurchecidas
Cheias de seiva, outrora, e de fragância!

Ao recordar os sonhos que sonhei
Julgava o coração sem alento
P’ra reviver ainda o sentimento
Por todas essas cousas que eu amei!

Mas volto à minha terra, tão bonita!
Terra onde reina o sol que resplandece,
Aonde a vaga é murmurar de prece
E sinto ainda a ternura infinita.

É que não há céu de tal 'splendor
Nem rio azul tão belo e prateado
Como o Guadiana, o meu rio encantado
De mansas águas, suspirando amor!

(Lutegarda Guimarães de Caires, s.d.)

De costas para a estátua e para o Rio Guadiana, prossiga na Rua Dr. Teófilo Braga até chegar à Praça Marquês de Pombal. Na praça, à sua direita, pode observar a Igreja da Nossa Senhora da Encarnação.

4. IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO

Nesta Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Encarnação¹², igreja matriz de Vila Real de Santo António, foi batizado, no dia 24 de junho de 1899, um dos maiores poetas populares portugueses, António Aleixo (1899-1949), nascido nesta cidade, no dia 18 de fevereiro de 1899.

A Igreja Matriz foi construída entre 1774 e 1776 e é um elemento de destaque de arquitetura religiosa pombalina. A sua fachada principal, tal como o núcleo da restante vila, foi desenhada por Reinaldo Manuel dos Santos (1731-1791), arquiteto e engenheiro militar português.

De planta longitudinal, a igreja é composta por nave única com altares laterais, coro-alto, capela batismal, sacristia, capela-mor quadrangular e dois corredores laterais exteriores à nave. Os vitrais da capela-mor e do batistério, datam da década de 40 do século XX e são da autoria do pintor Joaquim Rebocho.

Tal como referimos, António Aleixo nasceu nesta cidade e foi batizado nesta igreja, apesar de ser mais associado à cidade onde viveu quase toda a vida: Loulé. No entanto, na cidade onde nasceu não podemos de deixar de prestar homenagem a este poeta popular, conhecido pela sua ironia apurada e pela acutilante crítica social. Com uma formação académica muito reduzida, tinha uma notável capacidade de observação e improvisação, facilmente comprovada no poema que vamos ler.

Esse por quem não te interessas

Produzem quanto consomes:

Vivem das tuas promessas

Ganhando o pão que tu comes.

António Aleixo (1978:129)

Esta mascarada enorme

Com que o mundo nos aldraba,

Dura enquanto o povo dorme,

¹² Horário da Igreja Matriz Nossa Senhora da Encarnação: segunda a sexta 10h00-13h00, 14h00-17h00; missa domingo às 12h00; encerra ao sábado. As festas de Nossa Senhora da Encarnação realizam-se no primeiro domingo de setembro.

Quando ele acordar, acaba.

António Aleixo (1978:151)

Se nas quadras que acabou de ler se evidencia uma crítica sobre a sociedade, outras há nas quais o poeta se centra sobre si próprio, sobre as condições de vida miseráveis a que a sociedade que tanto criticava o sujeitou e que acabaram por ter repercussões graves na sua saúde, levando a uma morte precoce.

Por de Deus ter recebido

Tantas provas de bondade,

Já lhe tenho até pedido

A morte por caridade.

Eu não tenho vistas largas,

Nem grande sabedoria,

Mas dão-me as horas amargas

Lições de filosofia.

António Aleixo (1978:19)

Perante as dificuldades António Aleixo desdobrou-se em ofícios. Foi tecelão, polícia, servente de pedreiro, cauteleiro e vendedor de gravatas. Esteve emigrado em França e retratou esta inconstância a que a miséria o votou numa das suas mais conhecidas quadras.

Fui polícia, fui soldado,

Estive fora da nação;

Vendo jogo, guardei gado,

Só me falta ser ladrão.

António Aleixo (1978:113)

Todavia, e para que não fique apenas com uma imagem dramática de António Aleixo, chamamos a atenção para o grande sentido de humor que marca também a obra do poeta. Como exemplo desta faceta, escolhemos a quadra abaixo:

Uma mosca sem valor
Poisa, com a mesma alegria,
Na careca de um doutor
Como em qualquer porcária.

António Aleixo (1978:22)

António Aleixo fixou raízes em Loulé, onde faleceu, de tuberculose, no dia 16 de novembro de 1949, com 50 anos. Apesar de pouco ter referido o Algarve na sua poesia, não podemos deixar de notar algumas palavras que dedicou à região, que o convidamos agora a ler:

“Algarve (por dentro e por fora) I”

Meu Algarve encantador,
P’ra o poeta e p’ra o pintor
Tens motivos de sobejo...
Até eu, se tivesse arte,
Queria ao mundo mostrar-te
Como te sinto e te vejo.

António Aleixo (1978:177)

Está no centro da zona Pombalina de Vila Real de Santo António, um dos grandes atrativos culturais, patrimoniais e turísticos da cidade. É aqui que se situa a “vila” original, construída de raiz entre 1774 e 1776, por vontade de Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal), ministro de D. José I, e projetada para ser a cidade ideal do Iluminismo.

Além da geometria definida na sua construção (quarteirões retangulares, edifícios metricamente rigorosos), Vila Real de Santo António é também uma cidade carregada de simbolismo. Esta praça, em tempos a Praça Real, hoje Praça Marquês de Pombal, é um desses exemplos, já que os raios na calçada, a partir do obelisco simbolizam o nascer do sol que, por sua vez, representa o conhecimento racional. O obelisco está posicionado de forma a que quando o sol nasce incida na coroa de D. José I, (no topo do obelisco), símbolo do triunfo da clarividência e da razão do poder monárquico.

É neste ponto central e tão emblemático da cidade que recordamos uma descrição de Vila Real de Santo feita por António Vicente Campinas:

“Vila Real de Santo António é uma vila moderna, de amplas e retilíneas ruas e avenidas, arejadas, limpas, bonitas. A sua beleza natural consiste, principalmente, nisso.

Edificada pelo grande estadista do tempo de D. José I, que foi o Marquês de Pombal, este soube imprimir-lhe o mesmo caracter da Baixa de Lisboa, com o complemento inacabado dessa sua maravilhosa realização após o terramoto de 1755.” (Campinas, 1941: 2).

“Vila Real de Santo António, que em boa hora o que foi o famoso Marquês de Pombal teve a feliz iniciativa de mandar edificar, possui todas as condições para ser uma moderna, linda e progressiva vila. Tanto a natureza, como o homem, souberam aliar-se para distribuir, aqui, uma parcela de beleza que têm espalhada pelo mundo.” (Campinas, 1945: 1).

Retorne à Rua Dr. Teófilo Braga, até estar novamente de frente para o Rio Guadiana e, antes de avançar, para o último ponto deste itinerário convidamo-lo a olhar para a outra margem e ler mais um excerto de um texto de António Vicente Campinas.

“Quando o viajante pretende deixar Portugal pela parte mais meridional do país, é de Vila Real de Santo António que se despede. Esta vila, situada nas proximidades da foz do Rio Guadiana, tem, quase em frente, na margem oposta, o casario, branco de cansar a vista, de canelas e da ilha de pescadores cidade andaluza de Ayamonte. (Campinas, 1945: 1).

Caminhe pela esquerda, novamente na Avenida da República, até ver à sua direita o edifício da Alfândega, mesmo ao lado do edifício do Porto de Recreio. Antes, porém, de chegar ao edifício da Alfândega, e à sua esquerda o Hotel Guadiana, classificado como imóvel de interesse municipal.

Este edifício foi projetado, em inícios do século XX, por Ernesto Korrodi (1870-1944) a pedido do industrial Manuel Ramirez, homem ligado à indústria conserveira que queria acolher os comerciantes da melhor forma. O hotel, que foi o primeiro hotel do Algarve, foi inaugurado em 1926, teve obras de remodelação em 1992 e manteve-se em funcionamento até 2007, data em que encerrou devido a dificuldades financeiras dos proprietários. Atualmente foi reconvertido numa unidade hoteleira de luxo.

Caminhe até ver à sua direita o edifício da Polícia, que é o antigo edifício da alfândega, último ponto de paragem.

5. ALFÂNDEGA

Por se tratar de uma vila realense nascida numa família de origem espanhola, relembremos neste ponto, a partir do qual se fez durante décadas a ligação entre os dois países, a poetisa Maria das Dores Dominguez Ramirez Galhardo Palmeira¹³ (1929-2014), mais conhecida por Lolita Ramirez. Na verdade, a descendência luso-espanhola de Lolita espelha uma realidade comum nesta

¹³ Lolita Ramirez (1929-2014) licenciou-se em Filologia Românica, e dedicou a sua vida ao ensino. Aposentou-se em 1998, continuando a dedicar-se à poesia e arte.

localidade fronteiriça: a partilha de vidas e culturas ibéricas e uma forma privilegiada de olhar a relação Algarve/Andaluzia. Disso mesmo nos dá conta o poema “Raiz”, de Lolita Ramirez:

Raiz

Eu sou do Sul, terra do Sol, do sal
Que a preia-mar arrastada traz consigo.
Nasci mesmo no Sul de Portugal
E o Guadiana é meu cantar de amigo.

De andaluzas raízes não desligo
Minha origem profunda e ancestral.
Mediterrâneo azul, eu te bendigo
E canto o Verde-Atlântico-Cristal!

Sou do Sul onde o sal da maresia
Faz cintilar torrentes de poesia
D`Ibne-Ammar, Juan Ramon, João de Deus...

Andaluzia-Algarve, meu país!...
Bilingue Pátria que és de mim raiz,
Meus braços ramos... fruto os versos meus.

Lolita Ramirez (1985: 17)

Este é o antigo edifício da Alfândega e sobre esta edificação sabemos que foi construída para a cobrança de impostos sobre as transações com Espanha, de forma a evitar o contrabando. Utilizado pela Guarda Fiscal, o edifício deixou de funcionar na década de 90, na sequência da entrada no Mercado Único Europeu, em 1992. Este edifício foi o primeiro a ser terminado durante a construção da vila (1774) e divide a cidade em duas metades. A sua fachada está virada para o rio e para Espanha e surge como uma mensagem de poder e de superioridade para a outra margem. Atualmente, as relações são muito mais fraternas e inclusivamente no contexto do mundo literário existe um excelente exemplo desta cooperação: o grupo “Poetas do Guadiana”, um movimento cultural que reúne poetas portugueses e espanhóis.

Convidamo-lo neste ponto a contornar o edifício da Alfândega, e a ficar de frente para o caís, com vista para Espanha. Aqui, relembramos uma das atividades que marcaram esta região do país, vila raiana - o contrabando – com a leitura do poema “Sou contrabandista no Guadiana” de Leonel Neves.

6. RIO GUADIANA

Sou Contrabandista no Guadiana

O sol é contrabandista:

Bebe em cisternas de Espanha
uma nuvem que, afinal,
quando se desata, emprenha
Figueiras de Vila Real.

O vento é contrabandista:

De terras de Portugal
passou sementes sem conta
que pariram um pinhal
ali ao pé de Ayamonte.

O rio é contrabandista:

Nasceu um moço na Alemanha
e ele o trouxe no caudal
morto da Guerra de Espanha
a enterrar-se em Portugal.

E o rio, o vento e o sol
fazem contrabando à vista
e ninguém dá o alarme;
eu tenho um pão e um lençol
e toda a gente se dana
e os guardas querem matar-me,
– que eu sou contrabandista no Guadiana!

Às vezes penso, passando o rio:
– Aqui é Espanha ou Portugal?
A noite sem estrelas tudo irmana...
Só nos olhos dos guardas há estrelas de frio
e em qualquer banda o rio é igual
e eu sou contrabandista no Guadiana!

Entre Espanha e Portugal,
olhos das moças de Vila Real
dizem-me «até amanhã»!

Entre Portugal e Espanha,
olhos das moças de Ayamonte
dizem-me «hasta mañana»!

E eu trago sempre um adeus nos olhos,
que os guardas têm carabina
e uma noite me roubam a manhã
e Vila Real e Ayamonte e uma menina,
a que disse «até amanhã»
ou a que disse «hasta mañana»
– que eu sou contrabandista no Guadiana!

Leonel Neves (1986: 87, 88, 89)





As margens dos rios simbolizam a união entre os dois povos, o que desencadeou o desenvolvimento das transações económicas e até da atividade cultural, como é o caso dos “Poetas do Guadiana”. No entanto, durante muitos anos, o Rio Guadiana foi visto, não só como uma fronteira, mas também como uma barreira natural que marcava a divisão política entre os dois territórios. A passagem era feita por barco e essa passagem fluvial ainda hoje funciona¹⁴, de forma alternada entre Portugal e Espanha, mas, desde 1991, que existe a Ponte Internacional do Guadiana, que vê à sua esquerda, e que une Portugal e Espanha.

Sugerimos-lhe que realize esta travessia de barco, de forma a disfrutar de um passeio com paisagens únicas, assim como foram únicas as palavras dos poetas que leu neste itinerário.

Após a realização deste itinerário esperamos ter tido arte e engenho para o encantar e para o transportar numa viagem, ao mesmo tempo real e imaginária, por Vila Real de Santo António.

Abaixo, oferecemos-lhe um conjunto de sugestões para tornar ainda mais agradável a sua caminhada. Aconselhamo-lo a consultar o site da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, <http://www.cm-vrsa.pt/>, para saber os eventos que estão a decorrer na data da sua visita.

Eventos

-  Dia da fundação da cidade (13 de maio);
-  Festas de Nossa Senhora da Encarnação (primeiro domingo de setembro);
-  Festa da Praia (de 10 a 15 de outubro);
-  Feira das velharias 2º Sábado de cada mês – Vila Real de Santo António, Praça Marquês de Pombal

¹⁴ Pode consultar o horário fluvial de Vila Real de Santo António para Ayamonte no site da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

Referências bibliográficas

Aleixo, A. ([1969] 1978a). *Este livro que vos deixo...*(Vol. 1) (14.^a edição). Lisboa: Editorial Notícias.

Aleixo, A. ([1978] 2000). *Este livro que vos deixo...*(Vol. 2). (11.^a edição). Lisboa: Editorial Notícias.

Aleixo, A. (1979). *Inéditos*. Loulé: Edição de Vitalino Martins Aleixo.

Bóleo, M. L. V. de Paiva (s.d.). *Lutegarda de Caires (1873-1935): A fundadora do Natal dos Hospitais* [Artigo de blog]. O Leme: Biografias. Disponível em <https://www.leme.pt/biografias/l/lutgarda.html>

Campinas, V. A. (1941). *Espólio pessoal do autor*. Trabalho não publicado.

Campinas, V. A. (1945). *Espólio pessoal do autor (texto A fronteira Vila)*. Trabalho não publicado.

Lese, M. C. (2013). *O atum em Portugal entre 1896 e 2011: Contributos para a sua história ambiental, ecológica e económica* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa, Lisboa.

Neves, L. (1986). *Natural do Algarve*. Faro: Universidade do Algarve.

Pessoa, F. ([1917] 1980). *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Edições Ática.

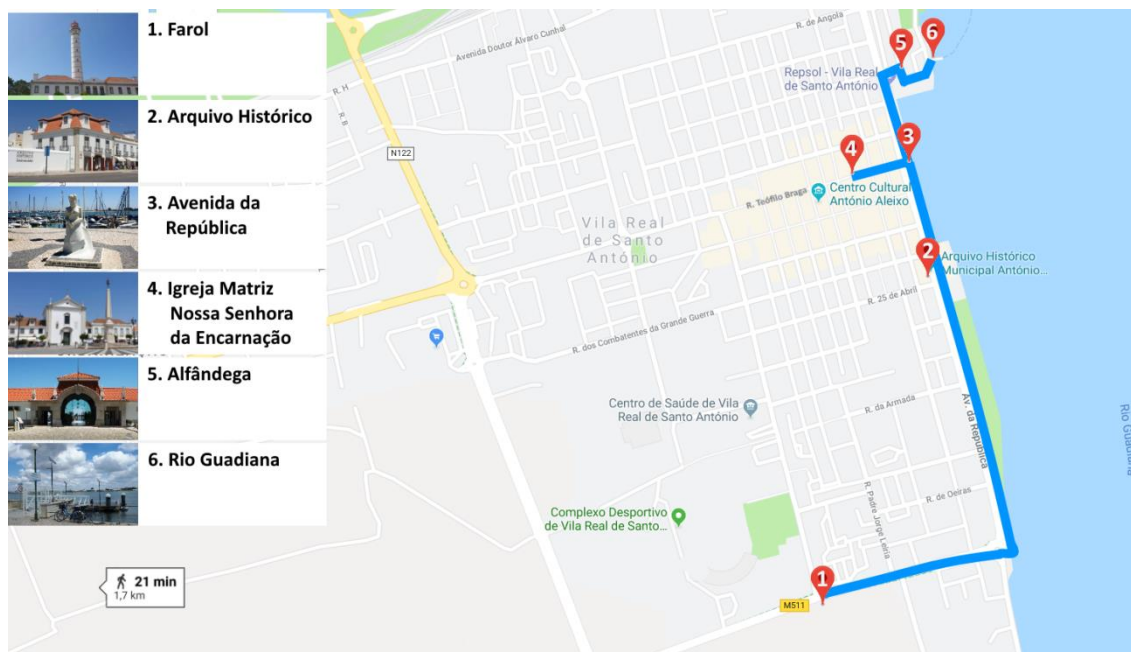
Pessoa, F. (1996). *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind & Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática.

Ramirez, L. (1985). *Saudade – sonetos*. Vila Real de Santo António: Edição da autora.

De seguida apresenta-se o mapa com o itinerário final para a cidade de Vila Real de Santo António.

5.2.1. Percurso do itinerário literário de Vila Real de Santo António

Figura 5.2. Percurso do itinerário literário de Vila Real de Santo António



Fonte: Elaboração própria (2019) utilizando Google Maps e Paint.net

6. Conclusão

6.1. Principais conclusões

Neste capítulo apresentamos as conclusões e recomendações inerentes ao projeto que desenvolvemos, assim como os contributos para o desenvolvimento do turismo literário no Algarve e, por fim, as limitações da investigação e as linhas de orientação para futuros trabalhos.

Com este projeto pretendemos explorar a possibilidade de desenvolver o turismo literário, com a criação de itinerários literários, nas localidades de Tavira e Vila Real de Santo António. Uma vez que a dependência do turismo de sol e mar é predominante no Algarve, devido à sua localização geográfica, e que essa dependência é cada vez maior, consideramos estrutural a implementação desses passeios, de forma a contribuir para a diversificação da oferta turística.

Mais do que definir o conceito de turismo literário, e de realizar uma proposta de aplicação do mesmo nas cidades de Tavira e Vila Real de Santo António, este projeto pretende também analisar a atual oferta e realidade turístico-literária nestas cidades. O objetivo fundamental é dinamizar e diversificar a oferta turística e atrair e fidelizar um maior número de visitantes, com consequentes benefícios para a região.

Acreditamos que estes itinerários são viáveis e trazem claros benefícios para a região, pois evidenciam um património que existe, mas se encontra disperso e, frequentemente, não identificado enquanto tal. A implementação de um projeto de turismo literário tem de ser vista como uma mais valia de suporte histórico cultural e como uma valência diferenciadora que pode promover as cidades em estudo como um exemplo neste segmento do turismo, pois o potencial que existe é enorme. Um dos objetivos é que estes itinerários possam fazer parte da agenda cultural e que sejam uma oferta turística diferenciada nos locais mencionados.

Em Portugal as rotas ligadas à cultura, nomeadamente na área da gastronomia e do património, já possuem uma dinâmica própria. Um caminho semelhante é o que pretendemos com a implementação destes passeios literários, que venham a ser implementados e que possam contribuir para um desenvolvimento do turismo literário.

O potencial que existe é enorme, mas tem sido desprezado quer pelas entidades públicas, quer pelas entidades privadas. Obras como *Viagem a Portugal*, (1981), de José Saramago e *As Viagens na minha Terra*, (1846), de Almeida Garrett, foram os primeiros livros que surgiram sobre viagens, o que deu um importante contributo, a nível nacional para impulsionar quer a divulgação literária quer a divulgação de um país como destino turístico.

A região do Algarve destaca-se em termos turísticos pelos atrativos naturais existentes, contudo as manifestações culturais têm vindo a ganhar espaço, mas de uma forma tímida, talvez porque não se sinta, ainda, a necessidade de renovar este destino turístico, uma vez que as taxas de ocupação são excelentes e os prémios turísticos são atribuídos todos os anos. Contudo, entendemos que rapidamente esta região se tornou num destino estático que carece de renovação, nomeadamente apostando na estratégia de fortalecimento da identidade cultural. O Algarve possui um património literário esquecido, constatamos isso mesmo durante a elaboração dos itinerários literários, e só com o desenvolvimento de políticas públicas, nomeadamente em termos escolares, conseguiremos valorizar a nossa identidade literário-cultural. Os benefícios são claros e foram demonstrados, em especial um do que consideramos mais importantes, a redução da sazonalidade.

6.2. Contributos da investigação

Este projeto pretendeu estabelecer uma articulação baseada nos conceitos de literatura e turismo para poder valorizar o património imaterial e material de Vila Real de Santo António e de Tavira. Ficou explícita a importância do turismo cultural e o papel que desempenha na divulgação da cultura de um povo, mas também no contributo para o desenvolvimento económico e para a preservação de todo o património.

A implementação dos itinerários literários em projeto é diferenciadora, uma vez que vem preencher esta lacuna e contribuir para qualificar a oferta turística nas cidades de Tavira e Vila Real de Santo António. Esta dinamização tem impactos na sazonalidade que tanto afeta o Algarve, a sua redução impulsiona o desenvolvimento destes locais, seja a nível económico, cultural ou mesmo social. A par dos contributos já elencados não podemos deixar de referir a valorização da história e do património local. Estas sugestões pretendem não só valorizar os autores locais, mas também toda a componente histórica e cultural das cidades.

O turismo literário está em crescimento e esperamos que com esta investigação, e outras que surjam nesta área, possamos contribuir para um maior desenvolvimento e conhecimento sobre este nicho do turismo que prende o interesse dos investigadores.

6.3. Limitações do estudo

Tal como em qualquer trabalho de investigação, este apresentou as suas limitações e dificuldades. No entanto, esperamos que se possam vir a corrigir em pesquisas futuras, nomeadamente:

-As limitações existentes em termos de funcionamento dos espaços visitados. Tendo em conta que alguns pontos de paragem requerem a visita de um espaço que possui um horário de funcionamento e que o itinerário pode ser realizado fora desse horário.

-A inexistência de acessibilidade ao longo dos percursos dos itinerários, pois maioritariamente os espaços não podem ser frequentados por pessoas com limitações físicas, o que restringe a sua abrangência e exclui a vertente inclusiva que deveria existir em todos os produtos turísticos.

-Os itinerários foram concebidos para serem realizados por qualquer participante, mas tendo em conta a faixa etária mais jovem, nomeadamente os estudantes do 1.º e do 2.º ciclo achamos importante adequar a linguagem e a descrição em cada ponto de paragem, para desta forma conseguir envolver mais este público-alvo.

No seguinte e último ponto, apresentamos algumas sugestões para futuros projetos de investigação.

6.4. Propostas de investigação futura

Sendo o turismo literário uma área bastante abrangente, achamos relevante fazer algumas sugestões para próximas pesquisas que possam vir a acrescentar, complementar e valorizar o tema em análise. Assim, destacam-se:

-Trabalhar a temática do turismo literário, nas duas cidades abrangidas, Vila Real de Santo António e Tavira, de uma forma mais profunda, de maneira a poder incluir outros escritores cuja importância foi relevante para as cidades.

-Será muito interessante que estes itinerários possam ser implementados numa vertente educacional e dinamizados, quer pelas escolas locais quer pelas autarquias. As autarquias poderiam formar uma equipa de trabalho que fizesse a sua dinamização, em estreita ligação com outras entidades, como bibliotecas, centros culturais, livrarias e associações. Paralelamente, estes itinerários poderiam ser inseridos em atividades que já são desenvolvidas nestas autarquias, nomeadamente feiras do livro e atividades regulares de promoção de leitura, dinamizadas pelas bibliotecas. Já as escolas poderiam oferecer este itinerário aos seus alunos, desta forma estariam a dar a conhecer os autores locais, mas também a incrementar o gosto pela leitura.

Esta vertente educacional poderá ser uma mais valia, pedagógica e turística, para as cidades acima referenciadas. A vertente pedagógica estará presente, quer nos públicos alvo das escolas quer nos turistas, que ficam a conhecer o nosso legado literário.

Sob a alçada da vertente educacional sugere-se que este projeto possa aprofundar as potencialidades que a relação entre literatura e património representam e que seja possível de concretizar numa lógica de cooperação e de rede. Atualmente esta cooperação pode ser realizada com base nas tecnologias da informação e comunicação que estão disponíveis, de forma a conseguir adaptar o itinerário ao público escolar. Os equipamentos de comunicação e a internet estão amplamente disponíveis, sendo o veículo de comunicação privilegiado do público escolar, pelo que a adoção de um itinerário literário nestes moldes poderia ser uma estratégia pedagógica interessante para incentivar a leitura e dar a conhecer autores portugueses.

A implementação deste projeto, numa vertente educacional, teria como objetivo divulgar a vida e a obra de autores portugueses de alguma forma relacionados com as cidades de Tavira e Vila Real de Santo António; a divulgação do Património Cultural através da vida e da obra de autores portugueses; promover o gosto pela leitura nomeadamente da literatura portuguesa; produzir conteúdos culturais sobre esta temática para utilização por outros agentes de desenvolvimento (autarquias, associações, juntas de freguesia etc.); produzir materiais didáticos sobre esta temática para as escolas do ensino básico e secundário e, por último, promover a cooperação entre os participantes no projeto e promover a utilização das tecnologias da informação e das comunicações.

Para consolidar estes itinerários será importante definir, de uma forma aprofundada, o perfil do turista que visita estas cidades, de forma conseguir efetivar a comunicação e promoção dos itinerários.

Não menos importante é a questão relativa à mobilidade condicionada. A acessibilidade dos itinerários literários deverá ser equacionada e vista não como um custo, mas sim como um investimento, porque além de ser uma oportunidade de negócio é antes de mais uma obrigação social.

Por último, numa fase de consolidação deste projeto seria oportuno redesenhá-lo com o intuito de envolver a comunidade sénior, tirando partido do facto de estes possuírem fortes ligações à região e poderem oferecer abordagens muito diversificadas, no que diz respeito às paisagens, às tradições e os hábitos e costumes.

Em conclusão, podemos questionar se existe turismo literário no Algarve? Não, mas o nosso contributo é exatamente expor os recursos literários que existem e mostrar que a promoção deste segmento é viável e necessária. A articulação de esforços com as autarquias é essencial para

fortalecer a nossa identidade cultural, contribuindo para o desenvolvimento económico e social das comunidades e conseqüentemente do turismo literário. A estruturação deste projeto ressaltou a importância que o património tem numa cidade e valorizou a cultura literária.

Referências bibliográficas

- Aguiar, L., Ferreira, L., & Pinto, R. (2012). Turismo cultural, itinerários turísticos e impactos nos destinos. *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, 2, 109-126.
- Aguiar e Silva, V. M. ([1961] 2011). *Teoria da literatura* (8.^a ed.). Coimbra: Almedina.
- Aleixo, A. ([1969] 1978). *Este livro que vos deixo...* (Vol. 1) (14.^a ed.). Lisboa: Editorial Notícias.
- Aleixo, A. ([1978] 2000). *Este livro que vos deixo...* (Vol. 2) (11.^a ed.). Lisboa: Editorial Notícias.
- Aleixo, A. (1979). *Inéditos*. Faro: Edição de Vitalino Martins Aleixo.
- Andersen, H.C. & Robinson, M. (2002). *Literature and tourism: Essays in the reading and writing of tourism*. (1st ed.). UK: Continuum.
- Barreto, M. (2007). *Turismo y cultura. relaciones, contradicciones y expectativas*. Coleção Pasos Edita, n.º1. Tenerife: Associação Canária de Antropologia.
- Barretto, M. (2008). Os museus e a autenticidade no turismo. *Revista Itinerarium*, 1, 1-24.
- Baudrihaye, J. (1997). El turismo cultural: Luces y sombras. *Revista de Estudios Turísticos*, 134, 43-54.
- Bertaux, D. (2010). *Narrativas de vida: A pesquisa e seus métodos*. (Z. A. C. Cavalcante & D. M. G. Lavallée, Trads). São Paulo: Paulus.
- Borges, M. R., Marujo, N. & Serra, J. (2013). Turismo cultural em cidades património mundial: a importância das fontes de informação para visitar a cidade de Évora. *Tourism and Hospitality International Journal*, 1, 137-156.
- Burkart, A. J. & Medlik, S. (1981). *Tourism: past, present and future*. Oxford: Heinemann.
- Butler, R. (2000). *Literary tourism*. In Jafar Jafari (Ed.), *Encyclopedia of Tourism* (pp. 360). Londres: Routledge.
- Cândido, A. ([1972] 2012). *A literatura e formação do homem*. Ciência e Cultura. São Paulo.
- Carrasco, E. A. (2005). *O turismo como factor revitalizador dos centros históricos – caso de estudo: Óbidos*. (Trabalho de final de curso não publicado). Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril.
- Carvalho, I. & Baptista, M. (2015). Perspetivas sobre o turismo literário em Portugal. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 24, 55-68.
- Chiaromonte, E. (2012). Que é a literatura, afinal? *Revista Educação*, 7(2), 18-24.
- Costa, C. (2005). Turismo e cultura: Avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo (1990-2000). *Análise Social*, 175, 279-295.

- Costa, E. da (1989). *As saudades do silêncio*. Tavira: Edição Câmara Municipal de Tavira.
- Correia, A. & Águas, P. (2016). *Relatório final do Perfil do turista que visita o algarve*. Faro: Universidade do Algarve.
- Crang, M. (2006). Circulation and emplacement: The hollowed-out performance of tourism. In C. Minca & T. Oaks (Eds.), *Travels in paradox: Remapping tourism* (pp. 47-64). Lanham: Rowman & Littlefield.
- Cuche, D. ([1996] 1999). *O conceito de cultura nas ciências sociais*. (V. Ribeiro, Trad.). Bauru: EDUSC.
- Cunha, L. ([1997] 2009). *Introdução ao turismo*. (4.^a ed.). Lisboa: Editorial Verbo.
- Dicionário Etimológico (2017). “Cultura”. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/cultura/>.
- Eagleton, T. (1996). *Literary theory: An introduction* (2.^a ed.). Oxford, Massachusetts: Blackwell.
- Figueira, L. M. (2013). *Manual para elaboração de roteiros de turismo cultural*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.
- Frieza, L., Castro, N., Pina, S., Coke, E. & Quinteiro, S. (2007). Viagens com Manuel Teixeira Gomes. *Dos Algarves*, 16, 9-15.
- Fonseca, M. O. (2007). *Lutegarda Guimarães de Caires: Uma algarvia ilustre*, Vila Real de Santo António: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.
- Goeldner, C. R., Ritchie, J. R. B. & McIntosh, R. W. (2002). *Turismo princípios, práticas e filosofias*. (R.C. Costa, Trad.). Porto Alegre: Bookman.
- Herbert, D. (1995). *Heritage, Tourism and Society*. Mansell Publishing: London.
- Herbert, D. (2001). *Literary Places, Tourism and the Heritage Experience* (pp. 312-333). *Annals of Tourism Research*, 28 (2).
- Jafari, J. (1977). Editor's page. *Annals of Tourism Research*, 5 (Supplement 1), 6-11.
- Instituto Nacional da Aviação Civil (INAC) (2012). *Impacto das transportadoras de baixo custo no transporte aéreo nacional [1995-2011]*. Lisboa: INAC. Disponível em https://www.anac.pt/SiteCollectionDocuments/Publicacoes/estudos/IMPACTO_LCC_95_11_V2.pdf
- Instituto Nacional de Estatística (INE) (2005). Estatísticas do turismo 2004, [Dados estatísticos]. Consultado em agosto de 2019.

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=130350&PUBLICACOESstema=55581&PUBLICACOESmodo=2

Instituto Nacional de Estatística (INE) (2019). Aceleração nos principais indicadores da atividade turística - junho de 2019 [Dados estatísticos]. Consultado em agosto de 2019. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaquas&DESTAQUESdest_boui=354090270&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt

Lese, M. C. (2013). *O atum em Portugal entre 1896 e 2011: Contributos para a sua história ambiental, ecológica e económica – dissertação de mestrado em ecologia e gestão ambiental*. Faculdade de Ciências, Departamento de Biologia Animal, Universidade de Lisboa.

Magadán D. M. & Rivas G. J. (2011). *Turismo literario*. Oviedo: Septem Ediciones.

Martins, L. S. (2011). *Os guias de viagem, a cartografia e os fundamentos do turismo*. Comunicação apresentada no IV Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica. Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto.

Mathieson, A. & Wall, G. (1990). *Tourism: economic, physical and social impacts*. Harlow (Essex): Longman Scientific & Technical.

Mendes, A. R. (2005). Apresentação oficial da programação de Faro 2005, na véspera da inauguração [programa de televisão] Disponível em https://www.rtp.pt/noticias/cultura/apresentacao-oficial-da-programacao-da-faro-2005-na-vesperada-inauguracao_n153590.

Organização Mundial de Turismo (OMT) (1994). Recommendations on tourism statistics (Statistical Papers, Series M N.º. 83). Nova Iorque: Publicações OMT. Disponível em: https://unstats.un.org/unsd/publication/seriesm/seriesm_83e.pdf

Organização Mundial de Turismo (OMT) (1995). *Concepts, definitions and classifications for tourism statistics: A technical manual*. Madrid: Publicações OMT.

Organização Mundial de Turismo (OMT) (2012) *Annual report 2012*. Disponível em: <http://www2.unwto.org/publication/unwto-annual-report-2012>

Organização Mundial de Turismo (OMT) (2017) *Why tourism?* Disponível em: <http://www2.unwto.org/content/why-tourism>

Organização Mundial de Turismo (OMT) (2018). *Tourism and culture synergies*. Madrid: Publicações OMT.

Pearce, D. (1989). *Tourist development*. (2.^a ed.). Londres: Longman.

Page, S. (2003). *Tourism management*. Burlington: Butterworth-Heinemann.

Pereiro, X. (2009). *Turismo cultural: Uma visão antropológica*. Coleção Pasos Edita, n.º 2. Tenerife: Associação Canária de Antropologia

Pires, M. V. (2007). *Algarve dos meus encantos*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira

PORDATA (2018a). *Alojamentos turísticos: Total e por tipo de alojamento. Onde existem mais e menos hotéis e outros alojamentos turísticos?* [Dados estatísticos]. Consultado em 20 julho 2019. <https://www.pordata.pt/Municipios/Alojamentos+tur%3%adsticos+total+e+por+tipo+de+alojamento-746>

PORDATA (2018b). *População residente, média anual. Onde há mais e menos pessoas?* [Dados estatísticos]. Consultado em 20 julho 2019. <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%3%a7%3%a3o+residente++m%3%a9dia+anual-359>

PORDATA (2018c). *População estrangeira com estatuto legal de residente: total e por sexo. Onde vivem mais e menos cidadãos estrangeiros, homens ou mulheres?* [Dados estatísticos]. Consultado em 20 julho 2019. <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%3%a7%3%a3o+estrangeira+com+estatuto+legal+d+e+residente+total+e+por+sexo-99>

PORDATA (2018d). *População residente: total e por grandes grupos etários (%) Qual a percentagem de jovens, idosos ou pessoas em idade activa?* [Dados estatísticos]. Consultado em 20 julho 2019. [https://www.pordata.pt/Europa/Popula%3%A7%3%A3o+residente+total+e+por+grandes+grupos+et%3%A1rios+\(percentagem\)-1865](https://www.pordata.pt/Europa/Popula%3%A7%3%A3o+residente+total+e+por+grandes+grupos+et%3%A1rios+(percentagem)-1865)

PORDATA (2018e). *Museus: Número. Onde há mais e menos espaços museológicos abertos ao público?* [Dados estatísticos]. Consultado em 1 julho 2019. <https://www.pordata.pt/Municipios/Museus+n%3%bamero+-742>

PORDATA (2018f). *Despesas das câmaras municipais em cultura e desporto em % do total de despesas. Que autarquias gastam maior ou menor percentagem de despesas em cultura e desporto?* [Dados estatísticos]. Consultado em 2 julho 2019. <https://www.pordata.pt/Municipios/Despesas+das+C%3%a2maras+Municipais+em+cultura+e+d+esporto+em+percentagem+do+total+de+despesas-796>

PORDATA (2018g). *Museus: total de visitantes, visitantes escolares e estrangeiros. Onde existem mais e menos pessoas, entre as quais estudantes ou estrangeiros, a visitar espaços museológicos?* [Dados estatísticos]. Consultado em 2 julho 2019. <https://www.pordata.pt/Municipios/Museus+total+de+visitantes++visitantes+escolares+e+estrangeiros-744>

PORDATA (2018h). *Capacidade nos alojamentos turísticos: total e por tipo de alojamento. Onde existem mais e menos hotéis e outros alojamentos turísticos?* [Dados estatísticos]. Consultado em 30 maio 2019

<https://www.pordata.pt/Municipios/Capacidade+nos+alojamentos+tur%c3%adsticos+total+e+por+tipo+de+alojamento-747>

PORDATA (2018i). *Dormidas nos alojamentos turísticos: total e por tipo de alojamento. Onde pernoitam os turistas, mais e menos, nos hotéis e outros alojamentos turísticos?* [Dados estatísticos]. Consultado em 30 maio 2019 <https://www.pordata.pt/Municipios/Dormidas+nos+alojamentos+tur%c3%adsticos+total+e+por+tipo+de+alojamento-748>

PORDATA (2018j). *Hóspedes nos alojamentos turísticos: total e por tipo de alojamento. Onde existem mais e menos turistas nos hotéis e outros estabelecimentos hoteleiros?* [Dados estatísticos]. Consultado em 30 maio 2019 <https://www.pordata.pt/Municipios/H%c3%b3spedes+nos+alojamentos+tur%c3%adsticos+total+e+por+tipo+de+alojamento-750>

PORDATA (2018L). *Estada média nos alojamentos turísticos: total, residentes em Portugal e residentes no estrangeiro. Onde se pernoita, em média, por turista a viver no país ou no estrangeiro, mais e menos nos estabelecimentos hoteleiros como pensões ou hotéis?* [Dados estatísticos]. Consultado em 30 maio 2019. <https://www.pordata.pt/Municipios/Estada+m%c3%a9dia+nos+alojamentos+tur%c3%adsticos+total++residentes+em+Portugal+e+residentes+no+estrangeiro-758>

PORDATA (2018m). *O seu município em números: Tavira.* [Dados estatísticos]. Consultado em 30 maio 2019. <https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Tavira-251753>

PORDATA (2018n). *O seu município em números: Vila Real de Santo António.* [Dados estatísticos]. Consultado em 30 maio 2019. <https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Vila+Real+de+Santo+Ant%c3%b3nio-251436>

Prat, J. M. & Canoves, G. (2012). El turismo cultural como oferta complementaria en los destinos de litoral. El caso de la Costa Brava. *Investigaciones Geográficas, Boletín del Instituto de Geografía*, 79, 119-135.

Quinteiro S. & Baleiro, R. (Orgs.) (2014). *Lit & Tour: Ensaios sobre Literatura e Turismo*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus

Quinteiro S. & Baleiro, R. (2017). *Estudos em literatura e turismo: Conceitos fundamentais*. (1.^a ed.) Lisboa: Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Quinteiro, S. & Baleiro, R. (2019). *Estudos em literatura e turismo: Conceitos fundamentais*. (2.^a ed.) Lisboa: Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Ramirez, L. (1985). *Saudade – Sonetos*. Vila Real de Santo António: Edição da autora.

Ramos, D. & Costa, C. (2017). Turismo: Tendências de evolução. *Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 10(1), 21-33.

Richards, G. (1996). *Cultural tourism in Europe*. Disponível em http://www.tram-research.com/cultural_tourism_in_europe.PDF

Richards, G. (2011). Creativity and tourism: The state of the art. *Annals of Tourism Research*, 38(4), 1225-1253.

Richards, G. (2018). Cultural tourism: A review of recent research and trends. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 36, 12-21.

Saramago, J. (1994). *Viagem a Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho.

Sardo, A. N. (2008). Turismo literário: Uma forma de valorização do património e da cultura locais. *Egitânia Scientia*, 2, 75-96.

Silberberg, T. (1995). Cultural tourism and business opportunities for museums and heritage sites. *Tourism Management*, 16 (5), 361-365. DOI: 10.1016/0261-5177(95)00039-Q

Smith, S. (1989). *Tourism analysis: A handbook*. Londres: Longman.

Sul Informação (2019, 18 de junho). *Turismo do Algarve teve «crescimento acentuado» em Abril*. Disponível em <https://www.sulinformacao.pt/2019/06/turismo-do-algarve-teve-crescimento-acentuado-em-abril/>

Thompson, J. B. (2009). *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petropólis: Vozes.

Turismo de Portugal (2014). *Turismo 2020: Plano de ação para o desenvolvimento do turismo em Portugal 2014-2020*.

Turismo do Algarve (2018). Prémios e distinções nos hotéis e restaurantes do Algarve. Disponível em https://cms.visit Algarve.pt/upload_files/client_id_1/website_id_3/Quadro%20de%20Honra/Premios_Algarve_2018.pdf.

Urry, J. (1990). *Tourist Gaze: Leisure and Travel in Contemporary Societies (Theory, culture & society)*. Londres: Sage publications.

Wellek, R. & Warren, A. [1942] (2003). *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. (L.C. Borges, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.